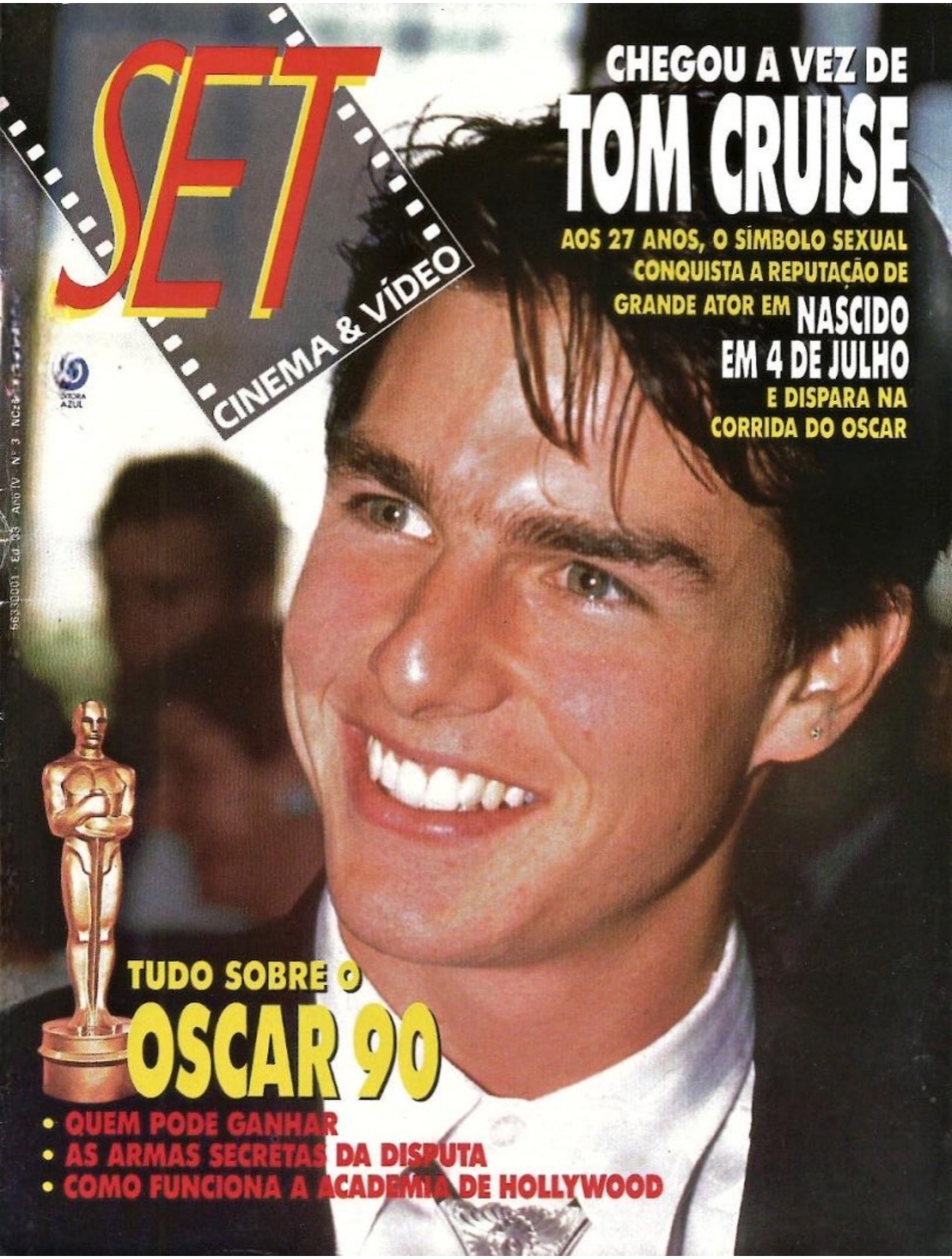

SET
CINEMA & VÍDEO
ÓTORA AZUL
CHEGOU A VEZ DE
TOM CRUISE
AOS 27 ANOS, O SÍMBOLO SEXUAL CONQUISTA A REPUTAÇÃO DE GRANDE ATOR EM NASCIDO EM 4 DE JULHO E DISPARA NA CORRIDA DO OSCAR
TUDO SOBRE O
OSCAR 90
• QUEM PODE GANHAR
• AS ARMAS SECRETAS DA DISPUTA
• COMO FUNCIONA A ACADEMIA DE HOLLYWOOD

TODAS AS LOCAÇÕES SERÃO PARA...

PARIS VIDEO FILMES

ENTRETENIMENTO PARA TODO MUNDO VER E GOSTAR!

distribuição exclusiva PARIS VÍDEO FILMES - RUA ITAMARATÍ, 204

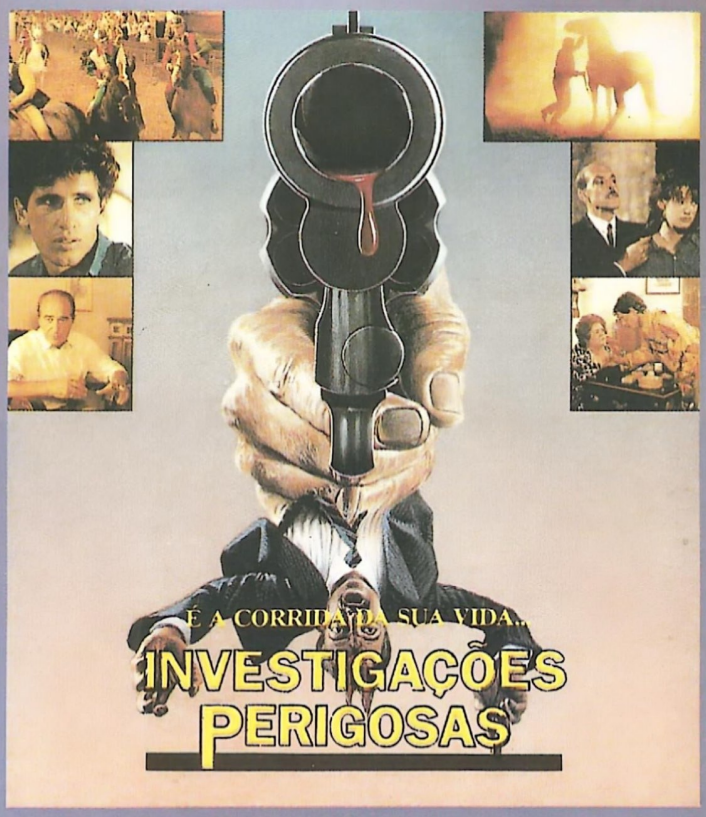
MAXWELL CAULFIELD
SHAWN WEATHERLY
EDWARD ALBERT

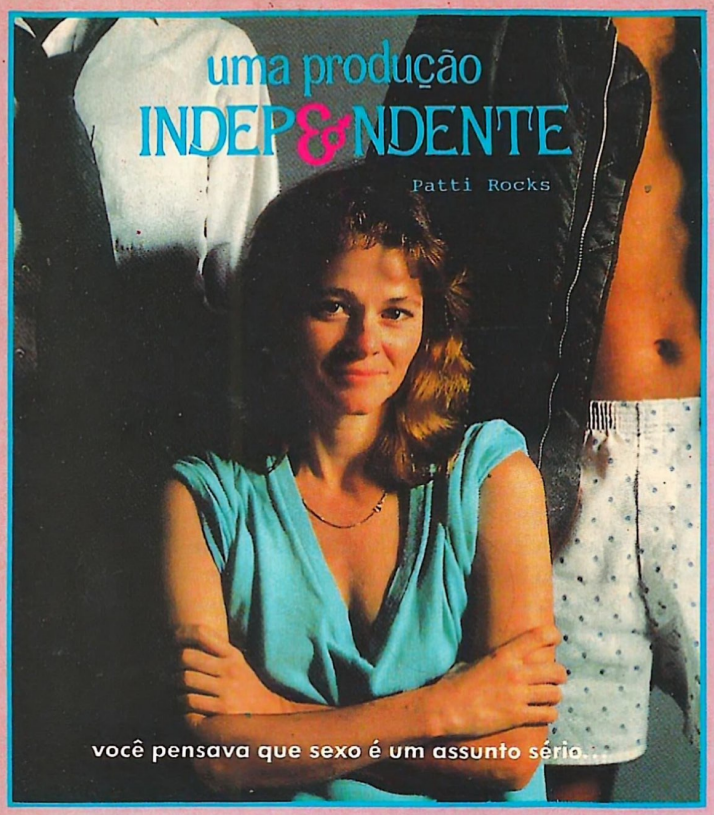
dirigido por
BOB YARI

SUSPENSE

PETER LAWRENCE • ROCHELLE REDFIELD
direção de STEFANO FERRARI

AÇÃO





COMÉDIA

CHRIS MULKEY • JOHN JENKINS

Direção de GREG CUMMINS

COMÉDIA

BARBARA HARRIS • MICHELLE METRINK

direção de CHUCK MARTINEZ

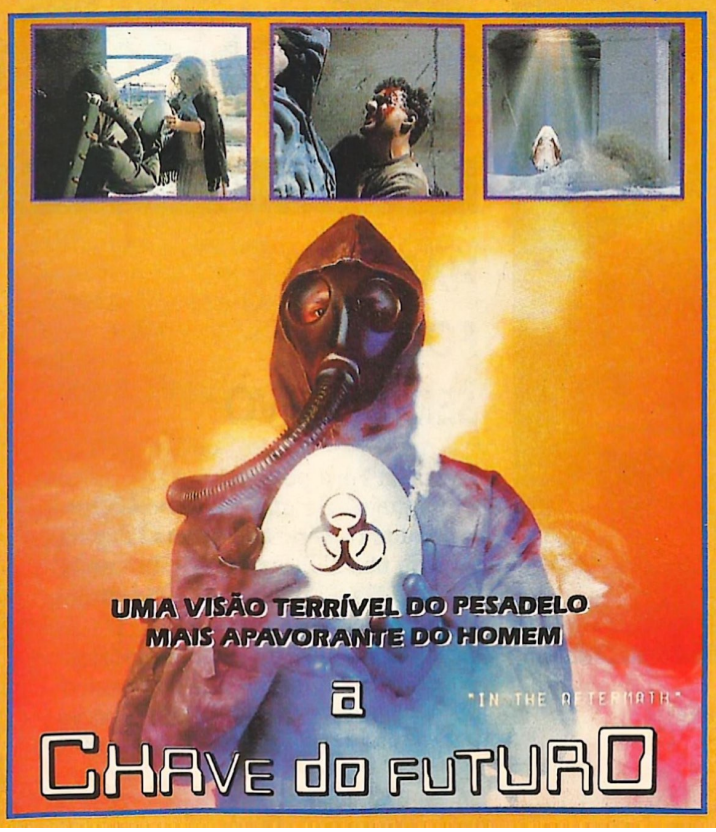
PACAEMBÚ - SÃO PAULO

TELEFONES:
262-6717 • 864-1724 • 872-2885 • 872-0408

TERROR

TONY MARKES • RAINBOW DOLAN

direção CARL COLPAERT



GUERRA

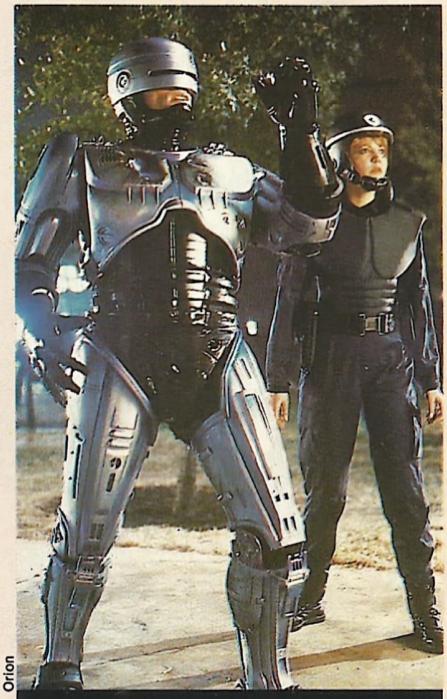
OSCAR FERRIGNO • GABRIEL GIBOT
PAULA CANALS
direção de BEDA DO CAMPO FEIJOO E
JUAN BATISTA STAGNARO

Warner

Linda Blair depois de Exorcista II se reconcilia com o demo

APERTE OS CINTOS QUE O EXORCISTA VEM AÍ

A continuação de *Corra que a Polícia Vem Aí* trará as peripécias de um grupo terrorista empenhado em acabar com uma fonte de energia vital para os EUA: a energia solar. O filme terá como protagonista Leslie Nielsen, o do primeiro. Enquanto o filme não fica pronto, Nielsen se diverte fazendo o papel que era de Max von Sydow em *O Exorcista*, no *remake* satírico *Repossessed*. Tão satírico que Nielsen é um habitante do "Lar do Exorcista Aposentado. É a própria Linda Blair que dezesseis anos depois volta a ser possuída pelo demo, e quem a socorre é o padre Nielsen.

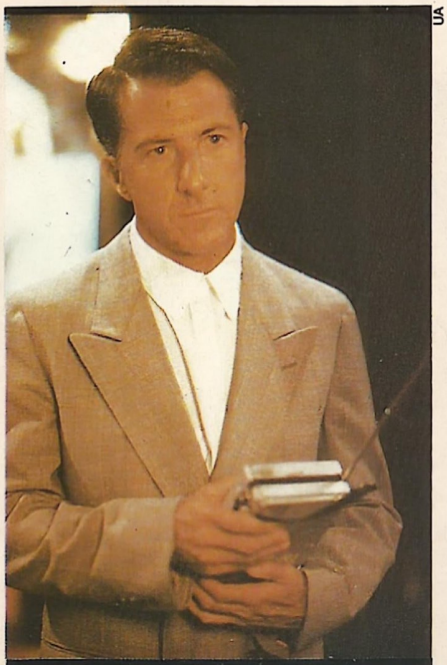

Orion

Weller, em RoboCop II, *às voltas com robô rival*

ROBOCOP ENFRENTA RISCO DE VIRAR SUCATA

Em *RoboCop 2*, cuja ação se passa um ano depois do que acontece no primeiro, o tira de lata (recheado ainda por **Peter Weller**) tem de enfrentar dois inimigos poderosos: o tráfico de uma droga nova e poderosíssima, e um robô rival, que é um modelo aperfeiçoado dele próprio.

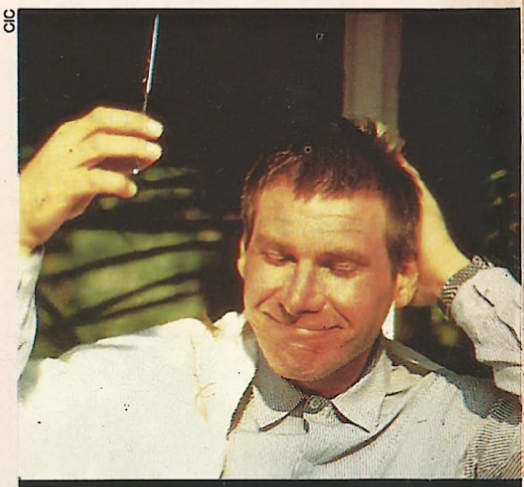
"Existe a fantasia e existe a realidade: Clark Gable transa com as mulheres do jeito que eu gostaria; Spencer Tracy transa do jeito que eu consigo."
Richard Dreyfuss


UA

Após o autista Rain Man, *Hoffman será mendigo*

DUSTIN HOFFMAN SE HOSPEDA EM ALOJAMENTO ESTUDANTIL

Dustin Hoffman encabeça o elenco de *Damion*, que Glenn Gordon Caron está começando a rodar nos EUA. A história baseia-se num fato real: um mendigo é convidado por estudantes de Harvard a passar com eles o Dia de Ação de Graças na residência universitária, e acaba morando lá durante quinze anos.


CIC

Quem? Eu? Harrison Ford será o fujão de Frears

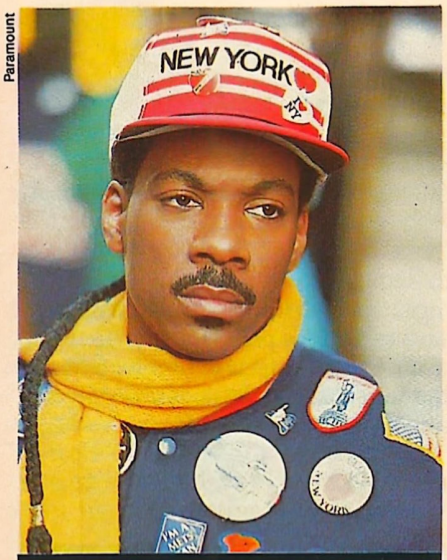
HARRISON FORD VAI SER FUGITIVO

Harrison Ford poderá ser o protagonista de um longa-metragem inspirado na série televisiva *O Fugitivo*, exibida nos EUA e no Brasil nos anos 60 (com David Jansen no papel-título). Segundo a revista italiana *Ciak*, o diretor dessa versão cinematográfica seria ninguém menos que o britânico Stephen Frears, realizador de *Ligações Perigosas* e *Minha Adorável Lavanderia*.

EDDIE MURPHY VAI ÀS BOCAS EM BUSCA DE TALENTOS

Eddie Murphy foi advertido por um tira da pesada de Los Angeles que o surpreendeu conversando com um travesti em seu Rolls-Royce, estacionado num local suspeito da cidade, altas horas da madrugada. A explicação de Murphy: estava procurando talentos para seu próximo filme.

Paramount



Eddie Murphy tateia aptidões pouco ortodoxas

David Carradine, cabeludão, e seu pai John, almofadinha temporão, compartilham as agruras da vida de artista

FAMÍLIAS OU CORPORAÇÕES DE OFÍCIO?

As famílias mais ativas no cinema recente, de acordo com a revista americana *Premiere*, são: **Carradine** (David, Keith e John, falecido em 1988), com 39 filmes nos últimos três anos; **Sheen** (Martin, Charlie e Emilio Estevez), 31; e **Quaid** (Dennis e Randy), 18. Outras famílias com membros de mais de uma geração em atividade: **Fonda** (Peter, Jane e Bridget), **Quinn** (Anthony, Lorenzo e Francesco) e **Redgrave** (Vanessa e as filhas Nastasha e Joely Richardson). E os **Douglas** (Kirk, Michael e irmãos), os **Bridges** (Lloyd, Jeff e Beau) etc.. etc. ...

Retna Pictures

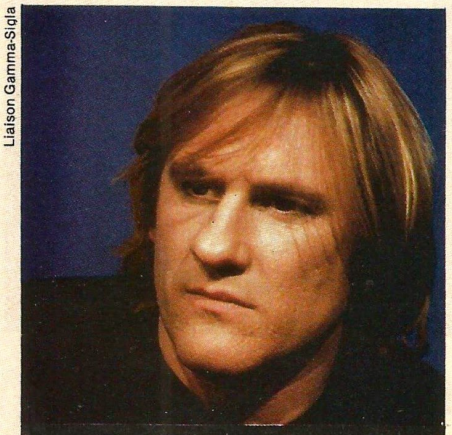
O clã dos Quinn não parece ser dos mais expressivos

CRIANÇAS PÕEM FREDDY KRUEGER NO COLO

Um boneco de 45 centímetros com a cara, as unhas e a voz de **Freddy Krueger** está bagunçando as lojas de brinquedos americanas. Muitas acabaram tirando o brinquedinho das vitrines, cedendo às pressões de pais e grupos religiosos. Outras mantiveram-se firmes, mudando apenas de três para oito anos a idade mínima recomendada para brincar com ele. O simpático bonequinho vem se juntar às camisetas, pôsteres e outras bugigangas que já renderam três milhões de dólares aos realizadores dos filmes da série *A Hora do Pesadelo*. Os filmes propriamente ditos renderam, em cinema e vídeo, trezentos milhões de dólares pelo mundo afora. Programado para dizer frases como "Hi, I'm Freddy", "Let's be friends" e "Welcome to Elm Street", o boneco pode ser comprado pela módica quantia de 25 dólares.

Freddy é ídolo da molecada. Não é pior que Changeman, Jaspion, Xuxa, Hulk, Rambo. Mas religiosos protestam

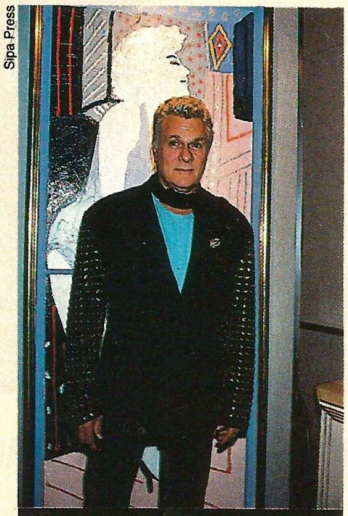
Stills


Liaison Gamma-Sigla

O ator francês vai recomeçar em Nova York

DEPARDIEU RECEBE CARTÃO VERDE PARA OS EUA

Gérard Depardieu é um homem com passado obscuro que recomeça sua vida em Nova York e ali encontra um novo amor (Andie MacDowell, de *sexo, mentiras e videotape*). O filme (anunciado em *Takes* há dois anos) chama-se *Green Card* e será finalmente realizado pelo australiano Peter Weir, que tinha deixado o projeto de lado para fazer primeiro o belo *Sociedade dos Poetas Mortos*.


Sipa Press

Curtis: pincel cine milionário

TONY CURTIS ESTÁ PINTANDO EM PARIS

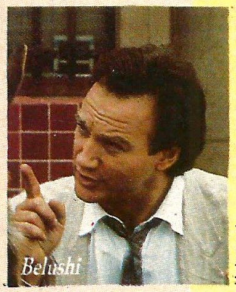
Tony Curtis prepara-se para expor em Paris, a partir de abril, 45 quadros de pintura figurativa a óleo. Uma Marilyn Monroe que pintou foi vendida por quase sessenta mil dólares. Até o ator Christopher Lambert comprou um "Gato com Peixinhos" pintado por Curtis, mas não revelou o preço. Curtis define sua expectativa antes da exposição dizendo que se sente "como um rapaz querendo seduzir uma moça".

Adilson Nunes, de Paris

MICHAEL FOX PENSA NO FUTURO... DO FILHO

Michael J. Fox resolveu tornar-se um bom rapaz também fora das telas. Deixou de lado totalmente a bebida e o cigarro (fumava três maços por dia) para não ameaçar a saúde do filhinho de oito meses, Sam. O pai coruja já determinou qual será o futuro do garoto: "Com um nome como Sam Fox, ele não poderá ser outra coisa senão um diretor ou um produtor de cinema".

AGUARDE


Universal

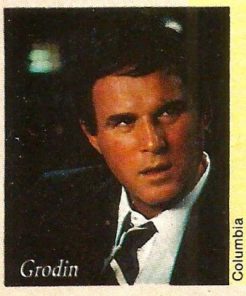
Belushi

Jim Belushi e **Charles Grodin** estrelam *Filofax*, dirigido por Arthur Hiller para a Disney. É a história de um fugitivo que rouba o diário de um empresário e assume a sua identidade.

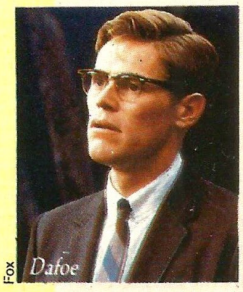
Willem Dafoe e **Danny Glover** são os protagonistas de *Flight of the Intruder*, rodado no Havaí por John Milius, com base no best-seller homônimo de Brad Johnson.

Jodie Foster estréia na direção com *Little Man Tate*, a história de um menino-prodígio de nove anos que compete com cientistas adultos. Além de dirigir, ela interpreta a mãe do garoto.

James Foley, diretor do excelente *Caminhos Violentos*, está rodando um filme sobre as desventuras de três perdedores: uma ex-beldade (Rachel Ward), um ex-detetive (Bruce Dern) e um ex-boxeador (Jason Patric).


Columbia

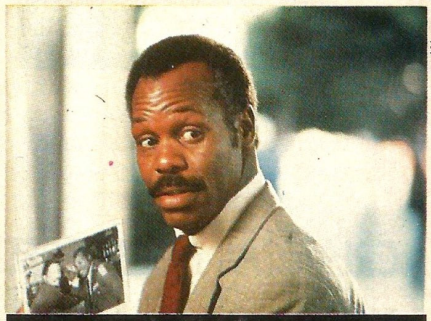
Grodin


Fox

Dafoe

Warner

Foley


Warner

Danny Glover desbanca Schwarzenegger e preda

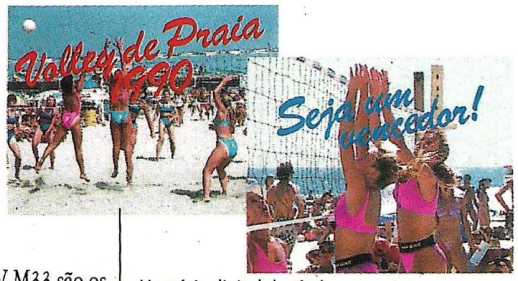
O PREDADOR ATACA NOVA YORK

Vem aí *Predador 2*, só que desta vez o herói não será Arnold Schwarzenegger, e sim **Danny Glover**, e o alienígena invisível fará das suas em Manhattan, e não nas selvas sul-americanas. Outros filmes que terão seqüência este ano: *Três Solteirões e um Bebê*, *Duro de Matar*, *Maniac Cop*, *A História sem Fim*, *48 Horas*, *Re-Animator* e *Bom Dia, Vietnã*.

Grandes jogadas com a Panasonic.

Quando o jogo começa a esquentar, ninguém segura a NV-M33. Leve e compacta, essa câmera de suprema maneabilidade lhe permite chegar o mais perto possível para registrar todo o movimento.

O segredo do peso-galo da NV-M33 são os cassetes VHS-C. Permitindo uma hora inteira de gravação no modo EP, os cassetes VHS-C têm menos da metade do tamanho dos cassetes VHS padrão. Graças a eles, o tamanho da câmera pôde ser reduzido ao mínimo sem sacrificar funções avançadas como o Foco Automático Piezo — que lhe dá extrema precisão de enquadramento —, o obturador variável de alta velocidade — 1/500, 1/1000 s — e a lente de aproximação de 6X. Você pode até personalizar suas imagens com títulos, legendas ou desenhos em oito cores incríveis.



Memória digital de títulos em sete cores, com funções *wipe, scroll,* e reversão positivo/negativo, para lhe garantir vídeos dignos de um profissional.

O melhor de tudo, porém, é que o cassete VHS-C é completamente compatível com o VHS — o sistema de vídeo mais difundido no mundo todo. Assim, se você tem um videocassete VHS em sua casa — e é provável que você tenha — você pode rodar cassetes VHS-C com um adaptador simples. Você pode também usar os cassetes na própria câmera conectando-a diretamente à sua televisão.

NV-M33 da Panasonic. A próxima jogada é sua.

VHS-C. Movimento é com ele.

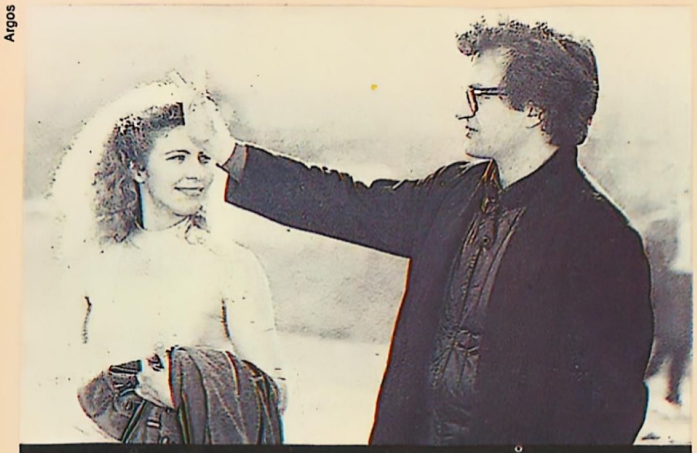
À venda na Zona Franca de Manaus.

VHS C NV-M33

Panasonic

Panasonic e Technics são marcas registradas de Matsushita Electric.

Argos



Depois de Asas do Desejo, *na Berlim dividida, Wenders rodará em 17 países*

WENDERS LEVA ASTROS ATÉ O FIM DO MUNDO

Quanto mais demora para começar o novo filme de **Wim Wenders,** mais aumenta a lista de nomes famosos no elenco. Por enquanto estão anunciados William Hurt, Solveig Dommartin, Jeanne Moreau, Max von Sydow, Sam Neill, Rudiger Vogler e Ernie Dingo. Como se sabe, o filme é ambientado em dezessete países dos cinco continentes e chama-se, significativamente, *Até o Fim do Mundo*. A história se passa em 1999.

"O roteiro está para o filme como a lagarta está para a borboleta. Quer dizer, o filme está contido nele, em potência. Mas assim que a máquina começa a rodar o roteiro perde o sentido, torna-se um monte de papel, como a casca morta de que a borboleta deve se livrar para ser o que é."

Jean-Claude Carrière, um dos maiores roteiristas vivos

Warner

Malkovich: papel de calhorda

MALANDRAGEM DE MALKOVICH INTRIGA NAMORADA

John Malkovich será um especulador financeiro muito esperto e Andie MacDowell será sua namorada desconfiada na comédia *The Object of Beauty*, escrita e dirigida por Michael Lindsay-Hogg. O filme está sendo rodado em Londres.

por Luiz Nazário

TRISTE PRINCÍPIO DA COMÉDIA

O fundamento da comédia — e sobretudo da comédia-pastelão — é o temor que a liberdade inspira aos homens. A gargalhada é, freqüentemente, o deleite da impotência diante da catástrofe. Por isso, em épocas de crise, proliferam as comédias.

O cômico baseia-se no princípio geral, universalmente válido, de que tudo o que existe merece perecer. Ele ataca a existência mesma das coisas, que não encontram outra justificativa para existir senão no seu impertinente estar no mundo. O objetivo da comédia é a destruição de tudo o que recai na inércia, incluindo aí os objetivos, as pessoas, os costumes e as instituições.

A primeira piada visual do cinema já contém este princípio da comédia-pastelão que, na duas primeiras décadas do século XX, dominará as telas do mundo. Trata-se de *O Regador Regado* (L'Arroseur Arrosé, 1895), de Louis Lumière.

Aí, um jardineiro não percebe que um garoto interrompe o fluxo da água, pisando na mangueira; quando olha pelo buraco para ver o que acontece, o menino solta o pé e a água esguicha em seu rosto.

Toda a comédia-pastelão já está contida nesta breve seqüência: a burla, o mal-entendido, a estupidez disfarçada de esperteza, a catástrofe liberadora do riso, a divertida humilhação da vítima.

É nos Estados Unidos, entre 1900 e 1904, com os primeiros filmes curtos de James White, Edwin Porter e Wallace McCutcheon que o cômico nascerá propriamente como um gênero cinematográfico, com base nas galanterias sarcásticas do teatro burlesco anglo-saxão, no funambulismo da Commedia dell'Arte e na sistemática demolição dos cenários. Logo Mack Sennett trará as tortas de creme atiradas na cara, as corridas malucas pelas ruas da cidade, os calhambeques reduzidos a pó, os homens que despencam de grandes alturas, as demolições de cômodos, casas e quarteirões inteiros. Revela-se assim, na catástrofe e no gozo que ela provoca, a essência da comédia primitiva.

A cena hilária de L'Arroseur Arrosé, *de Lumière, de 1895*

CHEGOU O MELHOR WESTERN DE TODOS OS TEMPOS

MATAR OU MORRER

HIGH NOON

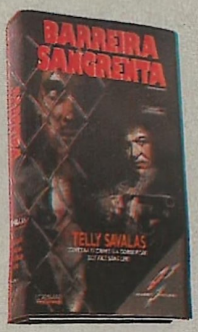
Perigosos pistoleiros estavam voltando para se vingar do xerife que os mandou para prisão. A coragem de um homem sobrepõe-se a covardia de uma cidade. Um clima de suspense e angústia está presente em cada cena. E a tensão aumenta quando a hora do duelo se aproxima. Um filme sensacional, uma história emocionante que a direção de Fred Zinnemann transformou em um dos melhores westerns da história do cinema.

Matar ou Morrer é mais um lançamento em vídeo com a qualidade Herbert-Richers.

VENCEDOR DE 4 "OSCARS":
★ Ator ★ Canção
★ Trilha ★ Montagem

"Oscar" é marca registrada e marca de serviço da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Hollywood.

THE SINS OF DORIAN GRAY



BLOOD BARRIER

WHEN THE TIME COMES

P.K. AND THE KID

COMPRE POR TELEFONE

Você pode comprar esses filmes ligando já para a Herbert Richers.
Rio **(021) 288-8142**

Anthony Perkins, Telly Savalas, Brad Davis e Molly Ringwald também estão em mais quatro lançamentos da Herbert Richers. Você vai viver momentos de tensão, amor, suspense e aventura.

HERBERT RICHERS

Rio de Janeiro: Rua Conde de Bonfim, 1337. CEP 20530

NÃO PERCA O SEU RUMO
VÁ DIRETO À:

Atendimento Vip
Entrega para todo Brasil via Sedex
Grande variedade de títulos
Condições especiais de pagamento

- ABRIL VÍDEO
- ALVORADA
- AMÉRICA
- CIC
- COLUMBIA
- HERBERT RICHERS
- GLOBO VÍDEO
- MGM
- TEC HOME
- WARNER HOME VÍDEO

E MUITAS OUTRAS

Av. Conselheiro Carrão, 2094 - São Paulo - Tel.: (011) 217-4989
Filial na Baixada Santista - R. Frei Gaspar, 739 - Conj. 109 - CEP 11.310 - Fone: (0132) 68-1443
São Vicente - SP

PROGRAMA

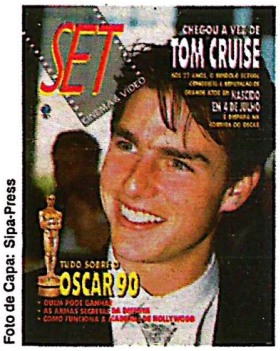


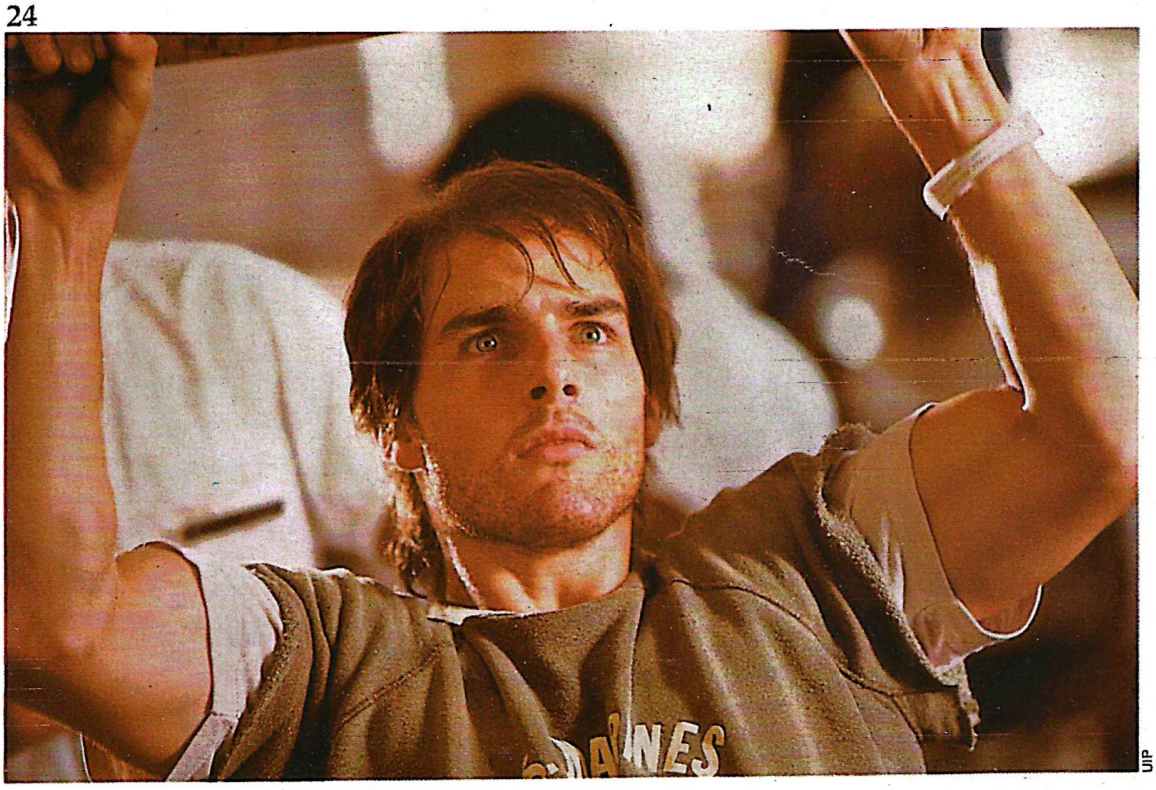
Foto de Capa: Sipa-Press

Na capa: Tom Cruise

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando todo metal era precioso demais para a indústria bélica, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, patriotíssima, abriu mão do conteúdo de sua nobreza. Passou a conferir Oscar confeccionado em gesso para os grandes astros. Mas não abriu mão do seu brilho, banhando de dourado as estatuetas. O que importa, na badalação de Hollywood, é mais o que se vê — ou o que se faz questão de mostrar. Curioso, no caso, é que o brilho exterior dependia, em certa medida, da voluntária miséria interior. O charme do Oscar ganhava ainda mais persuasão quando se soube que, em nome da pátria, se abdicava até mesmo de sua matéria-prima. E tem sido sempre assim na América; as grandes causas se convertem no kitsch, *e este é um excepcional propulsor do marketing. Tanto é que atores variados, nos últimos tempos, vêm adotando uma tática parecida para abocanhar o Oscar. Eles abrem mão de suas belezas e ficam ainda mais "belos" — aos olhos da Academia — encarnando a feiúra. William Hurt viveu um homossexual latino-americano numa prisão e levou o Oscar com* O Beijo da Mulher Aranha. *Dustin Hoffman se transformou num autista para ser aclamado o melhor ator do ano passado, com* Rain Main. *Pois é justamente o seu parceiro de* Rain Main, *Tom Cruise, o bonitinho, que agora vira aleijado, amargo, descabelado, anti-herói do Vietnã para seguir a mesma trilha de glória. Hollywood parece padecer de uma constante má consciência. Parece querer cobrir de ouro todo barro que envergonha a humanidade.*

4 TAKES
8 TEMPOS MODERNOS
14 EM CARTAZ
24 MATÉRIA DE CAPA
Nascido em 4 de Julho
34 PERFIL
Tom Cruise
38 ESPECIAL
Oscar 90
46 FESTIVAL DE CUBA
50 MITOS
Vittorio Gassman
53 FILMOTECA
55 VÍDEO & EQUIPAMENTOS
70 CARTAS
73 FILMOGRAFIAS
74 NOSTALGIA

24



UIP

Linha de Vídeo Panasonic.

O Homem tem-se aventurado no espaço nas últimas três décadas.
E tem visto que as milhões de partículas cintilantes no céu escuro são planetas de superfícies complexas com incontáveis tons de cores. Devido ao avanço da ciência e da tecnologia, é possível ver e filmar estas distantes maravilhas.
Pela incansável busca de confiabilidade da Panasonic, podemos ir mais longe. Os vídeos e câmeras Panasonic nos permitem gravar e rever os mistérios que nos cercam com incrível clareza.

Panasonic

À venda na Zona Franca de Manaus

Aproximando você do futuro.

Uma demência fardada narrada com virulência

PECADOS DE GUERRA

de Brian De Palma, com Michael J. Fox e Sean Penn...

Do sentimentalismo de *Platoon* à ironia cáustica de *Full Metal Jacket*, muitos ângulos da guerra do Vietnã já foram expostos. Mas, certamente, poucos com a força, o clima de desespero e a fluência no manejo da câmera que Brian De Palma (mestre do suspense e das citações pós-modernas) demonstra em seu *Pecados de Guerra*. Baseado num fato real relatado pelo jornalista Daniel Lang no livro *Casualties of War* (1969), o filme conta o episódio em que uma patrulha do Exército norte-americano (durante uma missão de reconhecimento) seqüestra e estupra uma jovem vietnamita, assassinando-a brutalmente em seguida.

O filme provocou uma tempestade de polêmicas nos EUA, e foi considerado por alguns críticos "o melhor" de Palma. Ele não é, mas seguramente é um dos mais consistentes dramas de guerra já filmados. Décimo nono filme de De Palma, foi realizado com base na vultosa arrecadação de *Os Intocáveis*. Num ônibus, vemos um jovem (Michael J. Fox) que parece muito distante em seus traumas ao observar uma mulher oriental sentada. A imagem se apaga, e somos conduzidos ao pesadelo de uma batalha em plena selva asiática. Entre bombardeios, ouvimos o grito medonho — "Onde está o meu braço?" Brincadeira macabra e sanguinolenta típica de De Palma. É apenas o começo.

Todos os soldados transpiram veracidade. O ponto forte é o confronto entre o louco e obsessivo sargento Meserve, vivido por Sean Penn, e o sensível e honesto Eriksson (Michael J. Fox). "O Vietnã é uma curtição, tudo fica distorcido", desabafa um dos soldados. Essa visão "lisérgica" permeia o filme inteiro. De Palma não nos dá pressupostos históricos ou políticos ou nada que legitime qualquer racionalidade. Entra direto na loucura da guerra. Não nos dá tempo. O Vietnã não passa de uma droga pesada que faz todos verem "tudo ao contrário".

Todos menos Eriksson, o bom soldado. Com sua consciência e sua integridade, ele não percebe que, há muito tempo, a guerra deixou de ter qualquer meta, qualquer ética. E o que seus olhos verão só confirmará isso. Do drama de seu amigo negro Brownie, que é levado no helicóptero-ambulância gritando "sou forte pra cachorro!", à volúpia mórbida de todos por "carne fresca", tudo está mergulhado num mesmo delírio bestial. Meserve é o símbolo desse delírio. Inconformado em não poder freqüentar o bordel local, ele tem uma idéia perversa: raptar uma garota, uma "máquina de gozar" oriental. Num clima demente, a câmera penetra nos casebres à procura da garota (vivida pela estreante Thuy Thu Le), que é roubada, sempre com a indignação de Eriksson, que se recusa a currá-la.

Ao contar essa demência fardada, De Palma em nenhum momento estetiza ou erotiza o barbarismo do ato, forjando cenas cruas e distanciadas. Só Eriksson acha absurdo um pelotão violentar uma vietnamita, só ele não acredita que "o que acontece no campo de batalha fica lá". Ele ainda tem moral. Mas a guerra que De Palma mostra não tem mais moral, não tem desculpa, não tem sentido. Um delírio de bestas fálicas. "Isso é uma arma", diz o sargento segurando o pênis. Aperfeiçoando a sua já famigerada habilidade na resolução das seqüências complexas de ação, o cinema de De Palma adquire também um contundente tom anti-establishment ao relatar, com indignação, a arrogância e a impunidade do sistema que perpetua as baixas da guerra.

Antonio Querino Neto

Columbia

Penn e Fox, a loucura e a sanidade num combate sem sentido

Casualties of War, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Brian De Palma ■ Com Michael J. Fox, Sean Penn, Don Harvey, John C. Reilly, John Leguizamo, Thuy Thu Le ■ ROTEIRO: David Rabe e Daniel Lang ■ FOTOGRAFIA: Stephen H. Burum ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Wolf Froeger ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ PRODUÇÃO: Lison e Fred Caruso ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

Almodóvar demais e graça de menos

DIAS MELHORES VIRÃO

de Cacá Diegues, com Marília Pêra...

Em 1988, o espanhol Pedro Almodóvar cativou platéias do mundo inteiro com a comédia *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos*. Engraçado como pouca coisa até hoje vista, o filme dava piruetas a partir da história banal de dois amantes que ganhavam a vida dublando a voz de atores e atrizes consagrados. Agora, dois anos depois, o brasileiro Cacá Diegues, 49 anos, chega às telas com *Dias Melhores Virão*, seu 11.º longa, uma comédia parecida, muito parecida. Pode-se dizer que parecida demais e cômica de menos.

Marília Pêra (cada vez mais Marília Pêra) vive Marialva, que arranja um emprego de dubladora e muda de nome para Mary Mattos. Como no filme de Almodóvar, a protagonista é amante de longa data de um calhorda emblemático (no caso brasileiro, um José Wilker de bigodinho e tudo). Casado, picareta e galanteador, o amante da pobre Marialva promete casamento e viagem para os EUA a cada encontro semanal, às quintas-feiras, no sofá de sua agência de turismo. A exemplo de Almodóvar, Diegues carrega na hipérbole de tudo que é *kitsch* — brincos avantajados, cores extravagantes, interiores empetecados, simulacros abundantes. Marialva, com freqüência, parece visitar o filme do espanhol. A mesma coisa vale para seu amante, Wallace C. (Wilker), parecido com William Holden aos olhos dela e com Indiana Jones aos olhos de si mesmo. Sua agência de turismo tem na porta de vidro um arco-íris de neon com o nome logo abaixo: Over the Rainbow.

Embora as semelhanças pululem feito pipocas em panela quente, Cacá Diegues não fez um plágio. Há uma distância profunda entre ele e Almodóvar. O primeiro tem compromissos com um cinema de compromissos; o segundo é um despojado que cria como gargalha, aos borbotões. É assim que *Dias Melhores Virão* envereda numa narrativa alegórica que, aos poucos e vagarosamente, vai desenhando a sina maldita do cinema brasileiro e de sua gente. Marialva (depois Mattos) dubla a estrela americana de um seriado de TV, Mary Shadow. Shadow (Rita Lee, cada vez menos Rita Lee) passa todo o seriado às voltas com fazer ginástica para não perder o marido e conversar idiotices com a criada (Patrício Bisso). Alva contra Shadow, anonimato (da dubladora) contra estrelato (da atriz), colonizada contra colonizadora. O sonho de Marialva é ser estrela (o sonho do cinema brasileiro é ser cinema de Primeiro Mundo).

É aí que Marialva arranja um namorado, seu diretor de dublagem, Pompeu (Paulo José). Ele é tímido, incompetente, frustrado, mas sempre sonhador. A colega de Marialva, que é negra (Zezé Motta), dubla a criada de Mary Shadow. Melhor que isso só mesmo o insuperável Pereio, que dubla o marido inexpressivo da americana. Com Zezé Motta vive um coronel, já na reserva, devidamente fardado de pijama, que se diverte dando choque elétrico num gato infeliz. Em outras palavras: por mais que tenha se esforçado para introduzir humor pós-moderno em seu último filme, Cacá Diegues não consegue se libertar de esquemas dramáticos (morais, políticos etc.) tão antigos quanto o Cinema Novo, ao qual porventura tenha pretendido ironizar.

Ainda assim, *Dias Melhores Virão* é obra de um cineasta seguro na marcação e direção de seus atores — aliás, grandiosos atores. A montagem de Gilberto Santeiro cuida de abrir o filme com um bom poder de impacto, intercalando tomadas dos dubladores com as seqüências de um hilário episódio do seriado americano. Cacá Diegues, para o bem e para o mal, é um dos poucos cineastas brasileiros que conseguem surpreender. Entre prós e contras, é melhor ver do que não ver *Dias Melhores Virão*. Há um quê de zombeteiro neste filme que chega a convencer de que a promessa que ele traz no título pode se tornar realidade para o cinema deste país.

Eugênio Bucci

Dias Melhores Virão, Brasil, 1989 ■ DIREÇÃO: Cacá Diegues ■ Com Marília Pêra, Paulo José, José Wilker, Rita Lee, Zezé Motta ■ ROTEIRO: Antonio Calmon ■ FOTOGRAFIA: Lauro Escorel ■ MÚSICA: Rita Lee e Roberto Carvalho ■ CENOGRAFIA: Lia Renha ■ MONTAGEM: Gilberto Santeiro ■ PRODUÇÃO: Cininvest/Multiplic ■ DISTRIBUIÇÃO: Embrafilme

Embrafilme

As dubladoras com seu diretor: Zezé Motta, Marília Pêra e Paulo José

Música para ser vista e pintura para ser ouvida

FANTASIA

de Walt Disney

Lançado a 13 de novembro de 1940, no Broadway Theater de Nova York, *Fantasia* foi saudado pelo crítico Otis Ferguson, do *New Republic*, como "uma das coisas estranhas e belas que aconteceram no mundo". Entre outras novidades, era o primeiro filme realizado com som estereofônico — o *Fantasound*. Acreditando que a audiência sempre apreciava a qualidade, Walt Disney ousava oferecer ao grande público música para ser vista e pintura para ser ouvida, mudando a orientação predominantemente cômica do desenho animado para a transmissão de emoções estéticas elevadas.

A idéia original de *Fantasia* era ilustrar, com o personagem Mickey, a composição de Paul Dukas *O Aprendiz de Feiticeiro* (*The Sorcerer's Apprentice*), inspirada num poema de Goethe. Encontrando casualmente o maestro Leopold Stokowski, Disney acertou com ele a elaboração da trilha sonora. Estando o curta quase pronto, Disney propôs ao maestro estender sua feliz colaboração a outras composições clássicas, num longa-metragem experimental. Foram assim realizadas todas as seções de *Fantasia*: *Toccata and Fugue in D Menor* (Bach) — massas de cores que evoluem para formas geométricas flutuando no espaço e paisagens apenas sonhadas; *The Nutcracker Suite* (Tchaikovski) — pura *féerie* de plantas, flores e peixes que dançam ao sabor das estações, dirigida por Art Babbitt; *The Sorcerer's Apprentice* (Dukas) — uma obra-prima da imaginação humana, com os inacreditáveis efeitos de água pintada criados por Ugo d'Orsi; *Rite of Springs* (Stravinsky) — que recria com perfeição científica a formação do mundo; *"Pastoral" Symphony* (Beethoven) — a representação *kitsch* da mitologia grega em estilo *art déco*; *Dance of the Hours* (Ponchielli) — um fantástico balé de hipopótamos, avestruzes e crocodilos; *Night on Bald Mountain* (Modest Mussorgsky) — pesadelo regido por um demônio, que Bill Tytla animou tendo como modelo vivo Bela Lugosi; e *Ave Maria* (Schubert) — o plano-seqüência mais longo da história da animação.

Disney realizou seu sonho louco de vender para toda a humanidade um fluxo contínuo de música e pintura — sem a necessidade de diálogos. Mas algumas vozes respeitáveis da alta cultura não gostaram. O grande arquiteto Frank Lloyd Wright achou absurdo "ilustrar música"; para ele, Disney devia tirar umas boas férias e reconsiderar sua posição. O próprio Stravinsky reprovou a vulgarização de sua obra, embora tenha vendido para Disney direitos de mais duas composições para futuros desenhos. E Oskar Fischinger, contratado por suas experiências pioneiras no desenho abstrato, abandonou o estúdio enojado com seus métodos de trabalho.

Disney não se abalou — nem com as críticas de peso nem com o fracasso comercial do lançamento —, pois mesmo errando aqui e ali sabia que tinha descoberto um novo continente. Ao ser relançado em 1956, *Fantasia* foi finalmente reconhecido como um fenômeno de animação. Seus celulóides hoje integram as coleções dos melhores museus do mundo.

Luiz Nazário

Warner

Mickey demonstra seus dotes mágicos em O Aprendiz de Feiticeiro, *de Paul Dukas*

Fantasia, EUA, 1940 ■ DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO: Samuel Armstrong, James Algar, Bill Roberts, Paul Satterfield, Hamilton Luske, Jim Handley, Ford Beebe, T. Hee, Norm Ferguson, Wilfred Jackson ■ DIREÇÃO DE HISTÓRIA: Joe Grant e Dick Huemer ■ MÚSICA: "Toccata and Fugue in D Minor", de Bach; "The Nutcracker Suite", de Tchaikovsky; "The Sorcerer's Apprentice", de Dukas; "The Rite of Spring", de Stravinsky; "The Pastoral Symphony", de Beethoven; "Dance of the Hours", de Ponchielli; "Night on Bald Mountain", de Mussorgsky; "Ave Maria", de Schubert; regência de Leopold Stokowski ■ PRODUÇÃO: Walt Disney ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Mais um sonho encantado na indústria do cinema

ALÉM DA ETERNIDADE

de Steven Spielberg, com Richard Dreyfuss, Holly Hunter...

Hollywood sempre esteve louca de vontade de acreditar na vida eterna. E não é por menos: bondosos ou malévolos, os espíritos desencarnados sempre garantiram boas bilheterias, pregando sustos ou enchendo de lágrimas o prezado espectador. Já o materialismo dialético e ateu...

Diante desses precedentes, a única coisa que realmente espanta é o tempo que custou a Steven Spielberg — afinal, o homem de cinema mais bem-sucedido da atualidade e um dos mais bem-sucedidos de toda a história da Sétima Arte — para realizar este projeto que, em tudo e por tudo, soa como o sonho encantado da indústria cinematográfica. Trata-se de uma história de amor (ponto certo) entre pilotos (o que garante muita ação, efeitos especiais espetaculares). Há paixão, heroísmo, desprendimento. O herói morre, mas seu espírito (imortal, é claro, ó ateu cínico!) é despachado de volta à Terra para zelar por um jovem piloto (claro: jovem, bonitão, puro) e auxiliar sua inconsolável viúva nesse momento de transe — ou seja, reconduzi-la aos braços da felicidade, nem que essa felicidade seja o jovem piloto. (Tensão! Triângulo amoroso com almas do outro mundo! Saudades e lembranças! Lágrimas de ternura!) Melhor do que todos esses elementos é o trunfo final do projeto: NÃO se trata de uma história original (que alívio!) mas da refilmagem de um drama sentimental dos tempos da guerra, um certo *A Guy Named Joe*, de 1943, que, apesar da direção de Victor Fleming (*... E o Vento Levou*), do roteiro de Dalton Trumbo e das presenças de Spencer Tracy e Irene Dunne, foi um estrondoso fracasso na sua época. Spielberg adora *Joe* desde que viu o filme de Fleming num cineminha poeirento, quando tinha 12 anos. E meteu na cabeça que iria refazer o filme desde que foi assim convencido por seu amigo Richard Dreyfuss, fã tanto de *Joe* quanto de Spencer Tracy, quando os dois filmavam *Tubarão*, em 1974. Nos 15 anos que separam essa primeira conversa da estréia de *Always*, Spielberg amargou marchas e contramarchas como qualquer mortal — inclusive o peso do seu próprio sucesso, que o empurrava para outros compromissos, como a série *Indiana Jones* e diversos trabalhos como produtor. Além disso, ele nunca se dava por satisfeito com os roteiros apresentados, e *Always* foi um dos filmes mais reescritos de Hollywood.

Em 1989, afinal, *Always* saiu da gaveta para a luz do dia, com Holly Hunter no papel que era de Irene Dunne, Richard Dreyfuss realizando seu sonho de ser Spencer Tracy, o estreante Brad Johnson (que era cowboy e ator de comerciais) como o piloto novato e os bombardeios da Segunda Guerra Mundial substituídos pelos incêndios florestais no Noroeste americano — menos badalados, mas, do jeito como Spielberg os filma (com o auxílio de espetaculares efeitos da Industrial Light and Magic), igualmente heróicos e empolgantes.

Spielberg anunciou *Always* como seu "primeiro filme adulto, da maturidade". Pode até ser, se comparado apenas com sua própria obra. Mas, no contexto geral das coisas, ele ainda se parece com um enorme folhetim infanto-juvenil de bons sentimentos e ações nobres — e, é claro, iluminados espíritos do além.

Ana Maria Bahiana

Always, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Steven Spielberg ■ Com Richard Dreyfuss, Holly Hunter, Brad Johnson, John Goodman, Audrey Hepburn, Robert Blossom ■ ROTEIRO: Jerry Belson, baseado no filme *A Guy Named Joe*, com roteiro de Dalton Trumbo, adaptado por Frederick Hazlitt Brennan, a partir da história de Chandler Sprague ■ FOTOGRAFIA: Mikael Salomon ■ MÚSICA: John Williams ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: James Bissell ■ PRODUÇÃO: Steven Spielberg, Frank Marshall e Kathleen Kennedy ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

UIP

O piloto herói que morre, Pete (Dreyfuss), é festejado, em vida, por uma pequena multidão

Fox

O advogado Gavin (DeVito) orienta Barbara (Kathleen Turner) e Oliver (Michael Douglas), um casal em crise

Radiografia sobre os mecanismos do amor

A GUERRA DOS ROSES

de Danny DeVito, com Michael Douglas, Kathleen Turner

Não é a primeira vez que Danny DeVito dirige — antes houve *Joga a Mamãe do Trem*, de 1987. Não é a primeira vez que DeVito, Kathleen Turner e Michael Douglas estão juntos em filme — eles já trabalharam em *A Jóia do Nilo*. Mas este é provavelmente o ponto alto da colaboração entre o trio e decerto o filme que catapultou De Vito para a liga dos diretores altamente bancáveis.

Uma comédia de humor negro a respeito das desilusões e das mesquinharias geradas pelo fim do amor num casamento, *A Guerra dos Roses* é tão sarcástico que o veneno parece prestes a ser projetado para fora da tela. Ex-pombinhos, os personagens de Douglas e Turner tentam literalmente destruir a si mesmos e a suas respectivas posses (de animais de estimação a automóveis) na disputa pelo item mais importante do divórcio: a casa onde moravam.

Advogado de Douglas no litígio, DeVito é, na verdade, o narrador da história e a ela empresta ares de fábula. Minutos antes de atender um cliente que o procura para cuidar do divórcio, o advogado tenta alertar o homem para o virtual perigo de vida que corre um casal quando resolve se divorciar. "A decisão é sua, mas ouça antes essa história e, depois sim, se decida."

Com uma direção quase teatral, ele usa o roteiro de Michael Leeson (baseado no livro homônimo de Warren Adler) para radiografar os mecanismos que constroem e fazem ruir o amor (a luxúria, a ganância, o tédio), sempre os exemplificando com passagens tão exatas nas circunstâncias e nos acontecimentos que podem se aplicar a qualquer casal em fase de apaixonamento ou prestes a se separar: da chuva que molha o colo da futura sra. Rose, tornando-a especialmente atraente, ao risinho puxa-saco do sr. Rose quando recebe o chefe para jantar.

No âmbito estritamente cinematográfico, Douglas vence Turner, se não apenas pelo frescor de estar numa comédia (fato raro, Kathleen está longe do melhor de sua forma, quase formulaica).

José Emílio Rondeau

The War of the Roses, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Danny DeVito ■ Com Michael Douglas, Kathleen Turner, Danny De Vito, Marianne Sägebrecht, Sean Astin ■ ROTEIRO: Michael Leeson, baseado no romance de Warren Adler ■ FOTOGRAFIA: Stephen H. Burum ■ MÚSICA: David Newman ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Idan Random ■ PRODUÇÃO: James L. Brooks ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

CADILLAC COR DE ROSA

com Clint Eastwood

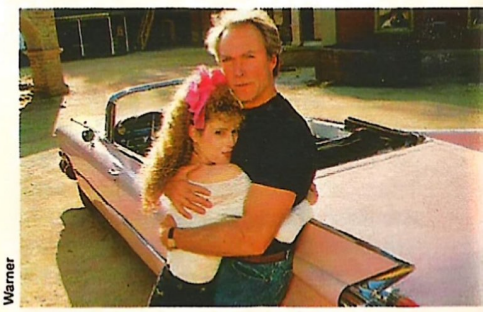
Clint Eastwood é um cara de grande mérito. Fez bons filmes. Como acontece a qualquer mortal, está ficando velho. Isso não é demérito. Só que ele insiste na imagem de policial na corda bamba, para o constrangimento da platéia. Tome-se como exemplo *Cadillac Cor de Rosa*.

Tommy Nowak (Clint) é um detetive que persegue criminosos e cria disfarces especiais: motorista particular, palhaço de arena de rodeio e o que for necessário. Nada mal, até ele ter de encontrar uma mocinha foragida num Cadillac cor-de-rosa recheado de milhões de dólares. A rapariga, Lou Ann McGuinn (Bernardette Peters), é uma vítima do marido salafrário que trabalha para um bando de ex-presidiários. Cansada da vida marginal, ela deixa seu filho bebê com a irmã e foge no Cadillac do marido. Tommy vai ao encalço de Lou e complica-se com a gangue de criminosos.

A sugestão de romance entre Tommy e Lou é estranha. Apesar de ele mascar chicletes o filme inteiro, ela parece sua neta. O roteiro é tolo e adolescente demais para a estatura de Clint.

Walter de Silva

Pink Cadillac, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Buddy van Horn ■ Com Clint Eastwood, Bernardette Peters, Timothy Carhart, John Dennis Johnston ■ ROTEIRO: John Eskow ■ FOTOGRAFIA: Jack N. Green ■ MÚSICA: Steve Dorff ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Edward C. Carfagno ■ PRODUÇÃO: David Valdes ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner



Warner

Tommy (Clint) abraça a jovem Lou (Bernardette)

Columbia Tri-Star

Matthew Broderick, como o cel. Shaw, numa interpretação impassível e sem emoção

Hollywood revisita a Guerra Civil norte-americana

TEMPO DE GLÓRIA

de Edward Zwick, com Matthew Broderick ...

Em sua linhagem de filmes de guerra, Hollywood vinha deixando de lado um dos episódios mais importantes da Guerra Civil norte-americana: a criação do 54.º Regimento da Infantaria Voluntária do Estado de Massachusetts, o primeiro batalhão negro de toda a história das Forças Armadas dos Estados Unidos.

Comandado pelo jovem coronel Robert Gould Shaw, de 25 anos, esse regimento nortista com mil soldados teve participação decisiva não apenas na definição da vitória (a favor das forças nortistas), mas também abriu de vez as portas do Exército para o negro norte-americano: depois do 54.º, o Exército da União incorporou mais de 180 mil negros a seus quadros nos últimos anos da Guerra Civil.

Tempo de Glória conta a história da criação deste regimento, a partir dos esforços do coronel Shaw (Matthew Broderick) e da relutante cooperação dos homens-chave deste grupo de soldados: o ex-coveiro Rawlins (Morgan Freeman) e o ex-foragido Trips (Denzel Washington).

Os comandados sobrepujam facilmente seu superior: fora de seu habitat natural (os filmes juvenis), Broderick parece deslocado como o coronel. Robert Shaw era introvertido, mas se realizava na batalha — o momento da luta era sempre o mais importante. No filme, Broderick mantém-se praticamente impassível o tempo inteiro, esboçando a mesma (falta de) emoção em momentos tão opostos quanto a hora em que invade o almoxarifado do Exército para conseguir sapatos para seus homens ou o instante em que voluntaria seu regimento para o ataque inicial a um fortim sulista. Não há transição alguma que mostre a transformação de um introvertido que esboçava suas dúvidas apenas em cartas aos pais para o guerreiro que se deliciava com a batalha.

Por outro lado, Morgan Freeman está exemplar no papel de sargento leal à hierarquia e à honra do país. Engole fácil Broderick e ofusca Denzel Washington, este talvez teatral demais para um papel delicado: o negro movido por um ódio indomável e cego, que encontra a si próprio quando descobre um grupo de iguais com um objetivo comum.

José Emilio Rondeau

Glory, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Edward Zwick ■ Com Matthew Broderick, Denzel Washington, Cary Elwes, Morgan Freeman, Jihmi Kennedy, Andre Braugher ■ ROTEIRO: Kevin Jarre, baseado nos livros *Lay This Laurel*, de Lincoln Kirstein, *One Gallant Rush: Robert Gould Shaw and his Brave Black Regiment*, de Peter Burchard, e cartas do cel. Robert Gould Shaw ■ FOTOGRAFIA: Freddie Francis ■ MÚSICA: James Horner, The Boys Choir of Harlem ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Norman Garwood ■ PRODUÇÃO: Freddie Fields ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

AO CAIR DA NOITE

de Rodion Nahapetov

Ao Cair da Noite é semelhante a um livro com capa de clássico e conteúdo de fotonovela. Como um dos raros filmes soviéticos a serem lançados no Brasil, merece o insuportável adjetivo de mediano — porque sem ousadia —, com concessões para o cinema comercial inconvincente (a fotografia enevoada, por exemplo).

Ambientado durante a Segunda Guerra, o roteiro começa pouco antes do naufrágio de um navio alemão, que acaba sendo salvo por uma tripulação soviética. Só os comandantes sabem do início da guerra e, antes que tomem uma decisão mediadora, um comissário nazista assume o controle e leva todo o grupo para Hamburgo. Borscht (Remigius Sabulis), um rapaz soviético que se acidentara gravemente enquanto salvava Erna (Nele Klimene), uma passageira alemã, engrossa o time de prisioneiros dos nazistas. A moça, comovida, tenta ajudá-lo, usando a influência do pai.

O diretor Rodion Nahapetov mergulha em águas mornas quando tenta ser imparcial. E o que poderia ser um filme no estilo de *Um Amor na Alemanha*, de Andrzej Wajda, resulta numa trama insossa, mostrando a Alemanha de Hitler de maneira desfocada.

Cesar Garcia Lima

At the Close of Night, URSS, 1989 ■ DIREÇÃO: Rodion Nahapetov ■ Com Nele Klimene, Remigius Sabulis, Innokenty Smoktunovsky, Tynu Kark, Donatas Banionis ■ ROTEIRO: Oleg Rudnev e Igor Talankin ■ FOTOGRAFIA: Vladimir Shevtsik ■ MÚSICA: Sergei Banevich ■ CENÁRIOS: Alexander Makarov e Alexander Boim ■ PRODUÇÃO: Oleg Rudnev ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Fox

A alemã Erna (Nele Klimene) e o russo Borscht (Remigius Sabulis) se amam apesar da guerra

Pandora

Bagley (Richard E. Grant) observa o nascimento do furúnculo

Uma comédia histérica sobre o mundo do marketing

COMO FAZER CARREIRA EM PUBLICIDADE

de Bruce Robinson, com Richard E. Grant...

O título parece retirado de um manual acadêmico, mas não se engane — ele é apenas a primeira das ironias dessa comédia histérica de Bruce Robinson (roteirista de *Os Gritos do Silêncio* e autor do inédito *Withnail and I*). O filme pretende discutir, de forma bem-humorada, a guerra interna vivida por um publicitário *yuppie*, dividido entre seus princípios humanistas e os ditames de marketing que a profissão lhe impõe.

Bagley (Richard E. Grant) é um profissional liberal bem-sucedido que um dia se vê às voltas com um creme para furúnculos, um produto "difícil", para o qual não consegue encontrar um *slogan* publicitário convincente. A pressão do chefe e do cliente pioram a situação: a falta de inspiração provoca uma crise em Bagley, que passa a questionar a "hipocrisia" da publicidade, capaz de vender qualquer droga que provoque acne, espinhas e até furúnculos, ludibriando mais tarde os consumidores com cosméticos para eliminá-los.

Richard E. Grant domina a tela do início ao fim: a princípio todo-poderoso e egocêntrico, perde a autoconfiança quando descobre um furúnculo em seu próprio pescoço, tornando-se hipertenso, agitado, lunático. Seu desespero atinge o ápice quando, ao acordar, vê uma carinha no furúnculo, que lhe sorri, dá bom-dia e passa a criticar suas atitudes (ele abandonara o trabalho, dizendo que iria percorrer a cidade prevenindo o "mundo" contra a publicidade). Um médico lhe recomenda repouso, e um psiquiatra diz que o rosto que ele vê no tumor é seu id (o substrato instintivo da psique).

Mistura de sátira, ficção científica e psicanálise doméstica, com pitadas de neurose kafkiana, *Como Fazer Carreira em Publicidade* acaba sendo mais inteligente enquanto idéia original. Apesar de suas doses cavalares de histrionismo, desvia-se do rumo e perde o compasso ao optar por uma solução ensandecida, que parodia a cena em que Scarlet O'Hara anuncia sua decisão de nunca mais passar fome, em *...E o Vento Levou*. *Mario Nery*

How to Get Ahead in Advertising, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Bruce Robinson ■ Com Richard E. Grant, Rachel Ward, Richard Wilson, Jacqueline Tong, John Shrapnel ■ ROTEIRO: Bruce Robinson ■ FOTOGRAFIA: Peter Hannan ■ MÚSICA: David Dundas ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Michael Pickwoad ■ PRODUÇÃO: David Wimbury ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

A HORA DO PESADELO 5

com Robert Englund

Com *A Hora do Pesadelo 5* Freddy Krueger fica mais íntimo de seu público: conhece-se a origem do galante vilão — sua concepção não foi muito elegante. A mãe, Amanda (Beatrice Boepple), enfermeira e freira de um asilo, é violentada por dezenas de internos. Daí nasceu o Freddynho. Essa visão é mostrada a Alice (Lisa Wilcox), heroína de *A Hora do Pesadelo 4*, mediante um delírio.

Alice fica grávida do namorado que Krueger se encarrega de matar com requinte. O feto de Alice passa a receber os pesadelos de Freddy, por sua vez repassados para a mãe. Para Alice impedir que Krueger encarne em seu filho, ela tem de encontrar o sepulcro de Amanda no asilo onde o perverso veio ao mundo. Freddy não precisa mais que suas vítimas durmam para que ele provoque seus pesadelos. Acordadas, apenas atravessam outra dimensão. A série ganhou feitio de história em quadrinhos, aprimorando nos efeitos especiais e edição. Afinal, o diretor Stephen Hópkins, discípulo de Russel Mulcahy em *Highlander*, vem da ágil escola de videoclipeiros. *Walter de Silva*

A Nightmare on Elm Street 5: The Dream Child, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Stephen Hopkins ■ Com Robert Englund, Lisa Wilcox, Danny Hassel, Kelly Jo Minter, Erika Anderson, Whitby Hertford ■ ROTEIRO: Leslie Bohem, da história de Bohem, John Skip e Craig Spector, baseado nos personagens de Wes Craven ■ FOTOGRAFIA: Peter Levy ■ MÚSICA: Jay Ferguson ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: C.J. Strawn ■ PRODUÇÃO: Robert Shaye ■ DISTRIBUIÇÃO EM CINEMA E VÍDEO: Alvorada

Alvorada

O abominável Freddy pronto para o ataque

A história de amor de dois artistas geniais

CAMILLE CLAUDEL

de Bruno Nuytten, com Isabelle Adjani e Gérard Depardieu...

Ela era uma adolescente que sonhava ser escultora e tinha um irmão que gostava de Rimbaud, mas acabou católico e diplomata. Um dia conhece o excêntrico e arrogante escultor Auguste Rodin. Torna-se sua assistente e tem com o mestre um intenso e perturbado romance. Camille Claudel — um papel sob medida para Isabelle Adjani, co-produtora do filme, que convocou para a direção o estreante Bruno Nuytten. Camille, uma escultora genial, era uma mulher impertinente e orgulhosa. "Ela nunca abdica do que pensa merecer", dizia seu pai. Amou (e desafiou) Rodin (vivido por um eficiente Gérard Depardieu), mergulhando posteriormente na paranóia e passando os últimos 30 anos da vida num asilo.

Adjani apaixonou-se por essa personagem (que tem muito a ver com papéis do tipo Adele H., do filme de François Truffaut) e pesquisou por vários anos a vida de Camille. Uma artista fascinante, que deixou mais de cem trabalhos em bronze, mármore e terracota, que revelam uma sensibilidade peculiar e extremada. Adjani encarna com grande beleza a personagem. Como pode ser tão bonita, tão sensível, tão selvagem e frágil, com seus olhos azul-escuros e sua pele alva? Nuytten não deixa a peteca cair na direção, narrando e enquadrando corretamente. Mas um pouco de síntese não faria mal na segunda metade do filme, em que ele se torna um pouco arrastado. Há momentos de grande inspiração, como aquele em que Rodin vislumbra as costas alvas e iluminadas da alunaamante e beija-a, beija-a...

"A volúpia está em tudo", afirma o Rodin-Depardieu. A câmera de Nuytten fixa, crispada, a volúpia das formas e disseca uma relação problemática, que atinge contornos trágicos quando Camille deixa Rodin e mergulha na reclusão, na autodestruição pessoal e artística (Adjani compara-a com Kafka, que destruiu seus manuscritos) e na depressão sem retorno. São as seqüências mais angustiantes do filme. Nelas, Adjani entrega-se totalmente (lembrando bastante a desintegração de Adele H.). Seu trabalho recupera uma memória incômoda. A de uma artista que (ao contrário de Rodin) nunca foi premiada com a celebridade, mas teve a loucura e o abandono social como medalhas.

Antonio Querino Neto

Adjani como Camille, loucura como medalha

Art Filmes

Camille Claudel, França, 1988 ■ DIREÇÃO: Bruno Nuytten ■ Com Isabelle Adjani, Gérard Depardieu, Laurent Crevill, Alain Cuny, Madeleine Robinson, Katrine Boorman ■ ROTEIRO: Bruno Nuytten e Marilyn Goldin ■ FOTOGRAFIA: Pierre Lhomme ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Bernard Vezat ■ MÚSICA: Gabriel Yared ■ PRODUÇÃO: Christian Fechner ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

REGRESSO DO RIO KWAI

de Andrew V. McLaglen

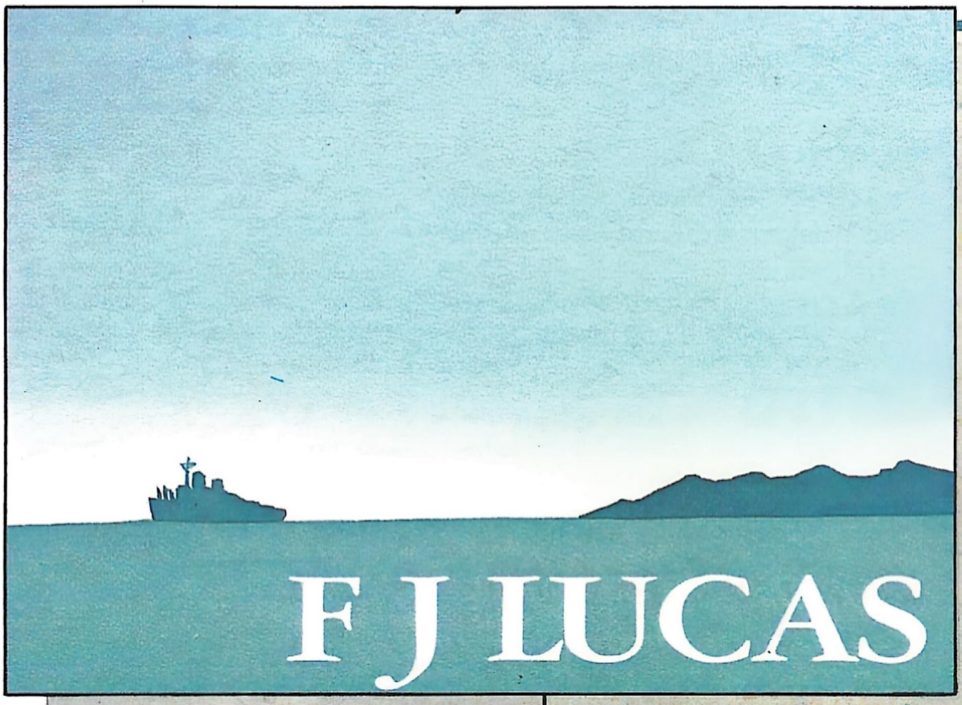
A construção da mais lendária ponte da Segunda Guerra, realizada pelos britânicos na Tailândia, rendeu um dos melhores filmes de guerra de todos os tempos: *A Ponte do Rio Kwai* (1957), de David Lean. *Regresso do Rio Kwai*, baseia-se em fatos reais relatados num livro de 1979 e conta a saga de um grupo de aliados, após a destruição da ponte em 1945. Num campo de prisioneiros, ingleses (Edward Fox, Denholm Elliot), australianos e um norte-americano, o tenente Lee (Christopher Penn), vivem à mercê do duro tenente Tanaka (George Takei). Os japoneses decidem transferir para o Japão os prisioneiros saudáveis para servirem ao imperador. No percurso, tentativas de fuga e um empolgante motim a bordo do navio que leva os prisioneiros. O cineasta inglês Andrew McLaglen consegue um bom rendimento de um elenco de grandes atores. Apesar de o roteiro falhar um pouco no retrato histórico que pretende, o filme recupera, em boas cenas de ação, ingredientes como a coragem, a dignidade e a solidariedade na luta pela vida, inseparáveis dos bons clássicos do gênero.

Antonio Querino Neto

Return from the River Kwai, Inglaterra, 1988 ■ DIREÇÃO: Andrew V. McLaglen ■ Com Edward Fox, Denholm Elliott, Christopher Penn, Timothy Bottoms, Nick Tate, George Takei ■ ROTEIRO: Sargon Tamimki, Paul Maversberg, baseado no livro de Joan Blair, Clay Blair Jr. ■ FOTOGRAFIA: Arthur Wooster ■ MÚSICA: Lalo Schifrin ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Michael Stringer ■ PRODUÇÃO: Daniel Unger ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Warner

Prisioneiros no naufrágio após um motim



F J LUCAS

Garantia de fortes

NA ROTA DO VÍCIO
FATAL ERROR
com RUTGER HAUER

HANNA D.
A BONECA PERVERSA

Ela trafega inocente e perversa no caminho das drogas e da prostituição.

Av. São João, 1588 2a.sl. São Paulo SP CEP 01260

ABRAÇO MORTAL

Um marido indiferente,
uma mulher insatisfeita,
um amante:
um crime perfeito
... ou quase.

total emoções

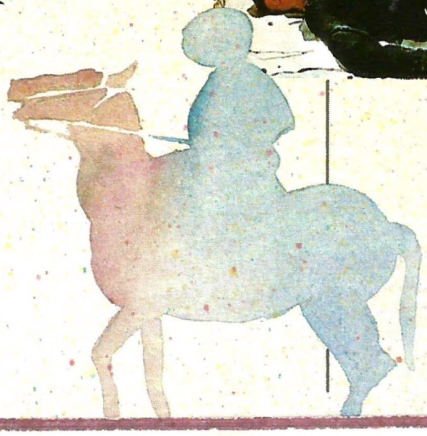
CUORE
LEMBRANÇAS DO CORAÇÃO
um filme de
LUIGI COMENCINI

Eles chegavam, viam,
gostavam... e comiam.

ACONTECEU À MEIA-NOITE

CLASSIC SERIES

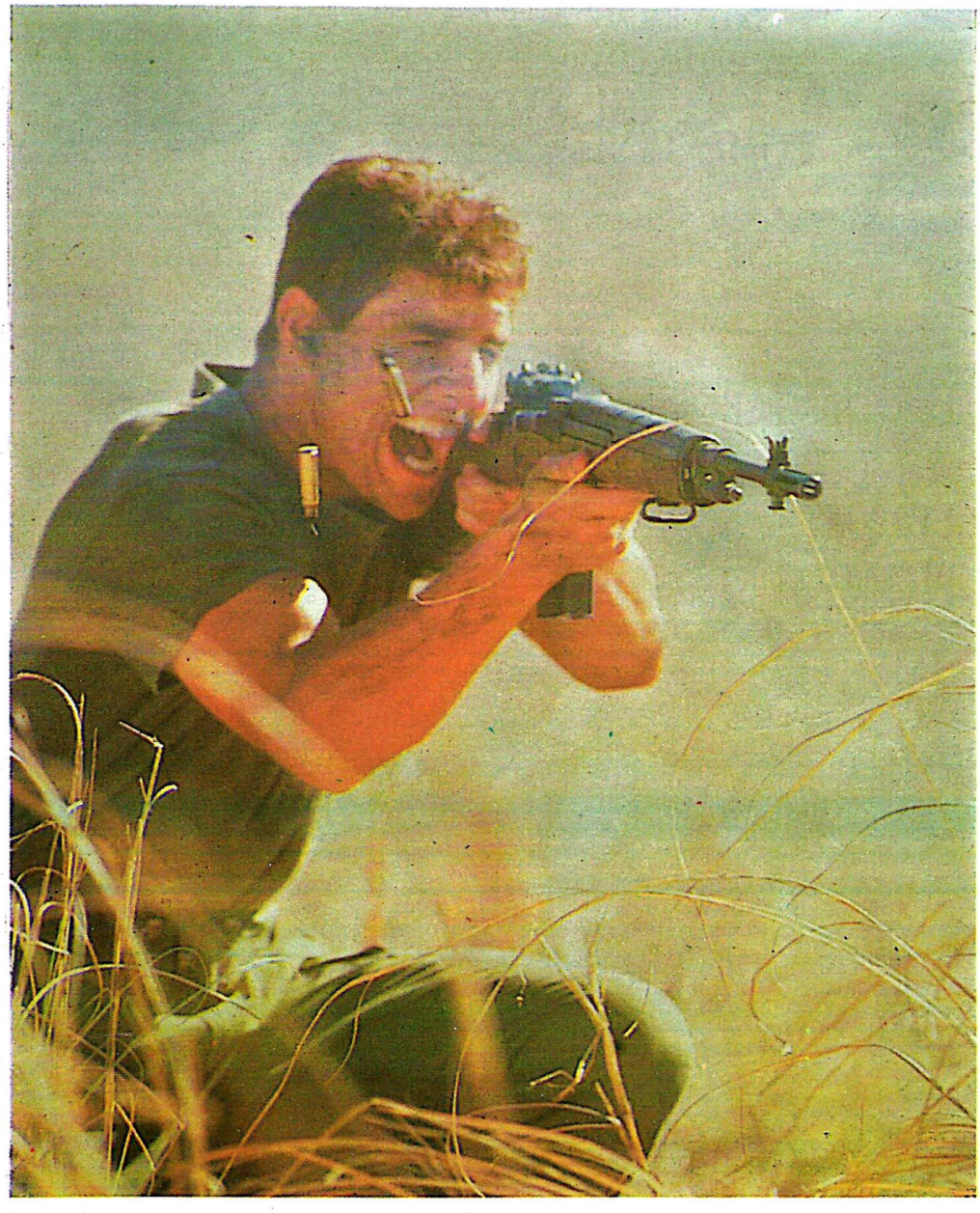
DIRK BOGARDE em A HISTÓRIA DE UM HOMEM MAU
THE SINGER NOT THE SONG



Fone: (011) 220 6299 Telex (011) 32472 Fax 220 6123

MEDALHA DE CO

***A dura batalha do ex-combatente, paraplégico e escritor Ron Kovic para conseguir levar à tela a sua história,* Nascido em 4 de Julho**



Fotos UIP

A agitação do Drake Hotel, em Nova York, se aquieta com a entrada de Al Pacino pela porta giratória. Um murmúrio percorre os presentes: "É ele, tenho certeza que é ele!" Ninguém deixaria de reconhecer Al Pacino naquela época, onze anos atrás, parecendo direitinho Michael Corleone, o engomado e educado líder de um império da Máfia em *O Chefão*. Todo mundo se alvoroçou.

Isto é: todo mundo menos Ron Kovic, o homem que Pacino tinha vindo encontrar. Melancólico, sentado em sua cadeira de rodas, Kovic sentiu-se como se estivesse numa cena real de *O Chefão*. "Eu sabia que ia receber o abraço e os dois beijos no rosto que eles dão num sujeito antes de acabar com ele", recorda Kovic num depoimento recente. "Sabia que meu sonho tinha acabado, porque Al apareceu com o bigode raspado. Enquanto ele estava deixando o bigode crescer, nós ainda tínhamos alguma chance."

O bigode que por pouco tempo transformou Pacino em Kovic hoje enfeita o rosto de Tom Cruise e, mais de uma década depois, o filme baseado na história real de Kovic, *Nascido em 4 de Julho*, é uma realidade. "Kovic passou uns dez ou onze anos querendo realizar esse projeto, mas as pessoas tinham medo do filme", diz Cruise. "Eu sabia que o filme tinha de ser feito, de qualquer maneira. Para um ator é uma história incrível, com um personagem incrível."

Kovic é um homem obcecado pelo passado, e está decidido a contar sua história para forçar seu país a encarar de frente o que fez a ele e a milhares de outros homens como ele. A ver-

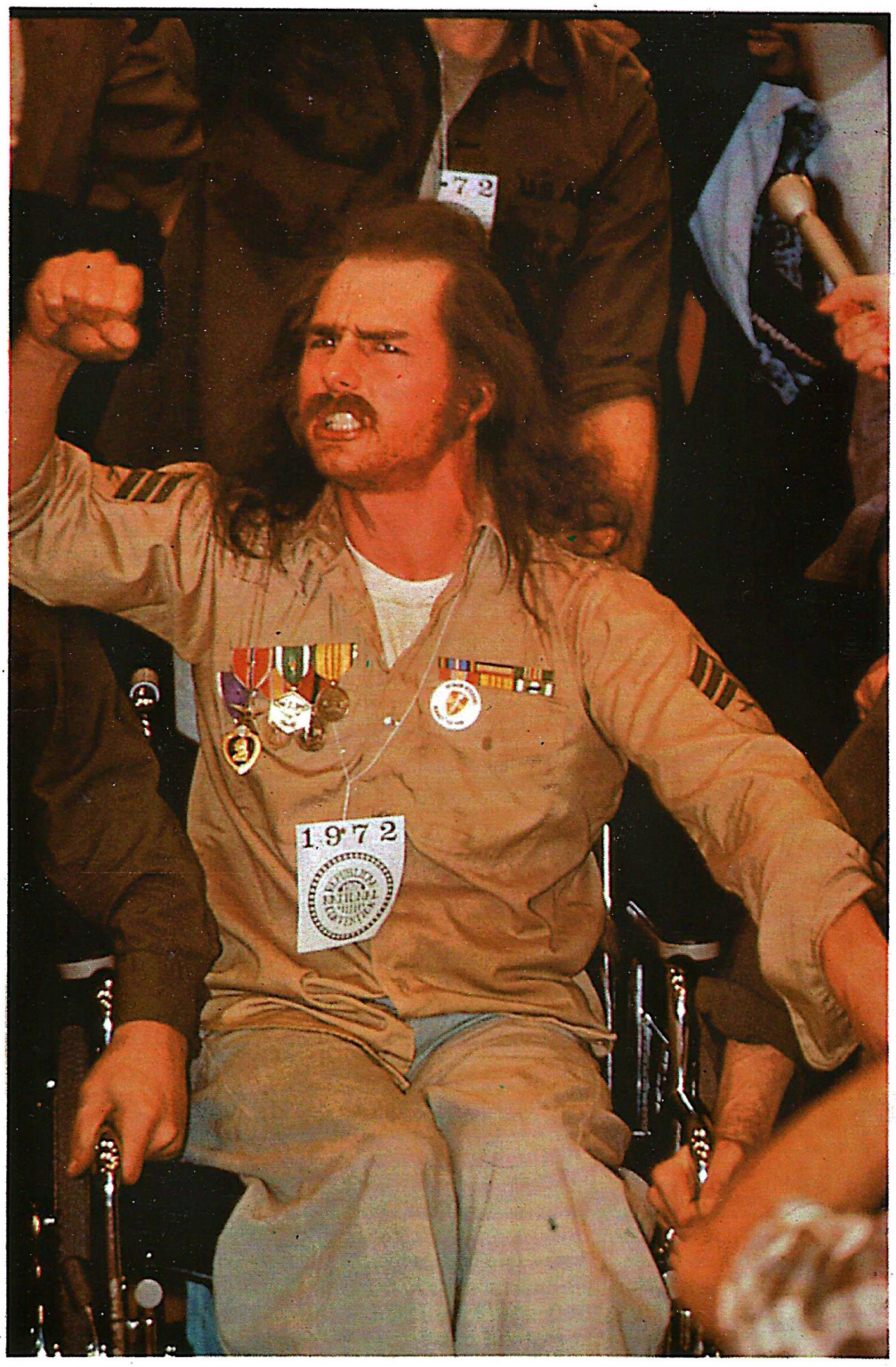
MBATE

são que Pacino havia feito para a sua vida foi cancelada quatro dias antes do início das filmagens.

O produtor Martin Bregman já havia acertado tudo, tendo Daniel Petrie como diretor. Oliver Stone, na época um roteirista relativamente desconhecido, entregou um *script* que satisfez a todos. O elenco foi reunido, e, finalmente, a história daquilo que o Vietnã significou para um homem paralítico e para toda a masculinidade da América ia ser contada. E contada de uma maneira definitiva e indelével — o que, na linguagem do nosso tempo, significava que Kovic seria representado por um astro do cinema.

Para Kovic não bastava que sua autobiografia, publicada em 1976, tivesse merecido uma resenha favorável na primeira página da *New York Times Books Review*. Kovic queria mais do que isso em troca da perda de três quartos do seu corpo, e das décadas de dor que se seguiram. Seu objetivo era nada menos do que isto: que a América mudasse completamente, tal como *ele* tinha sido obrigado a fazer, seus conceitos, tão empolgantes e perigosos, de masculinidade e heroísmo.

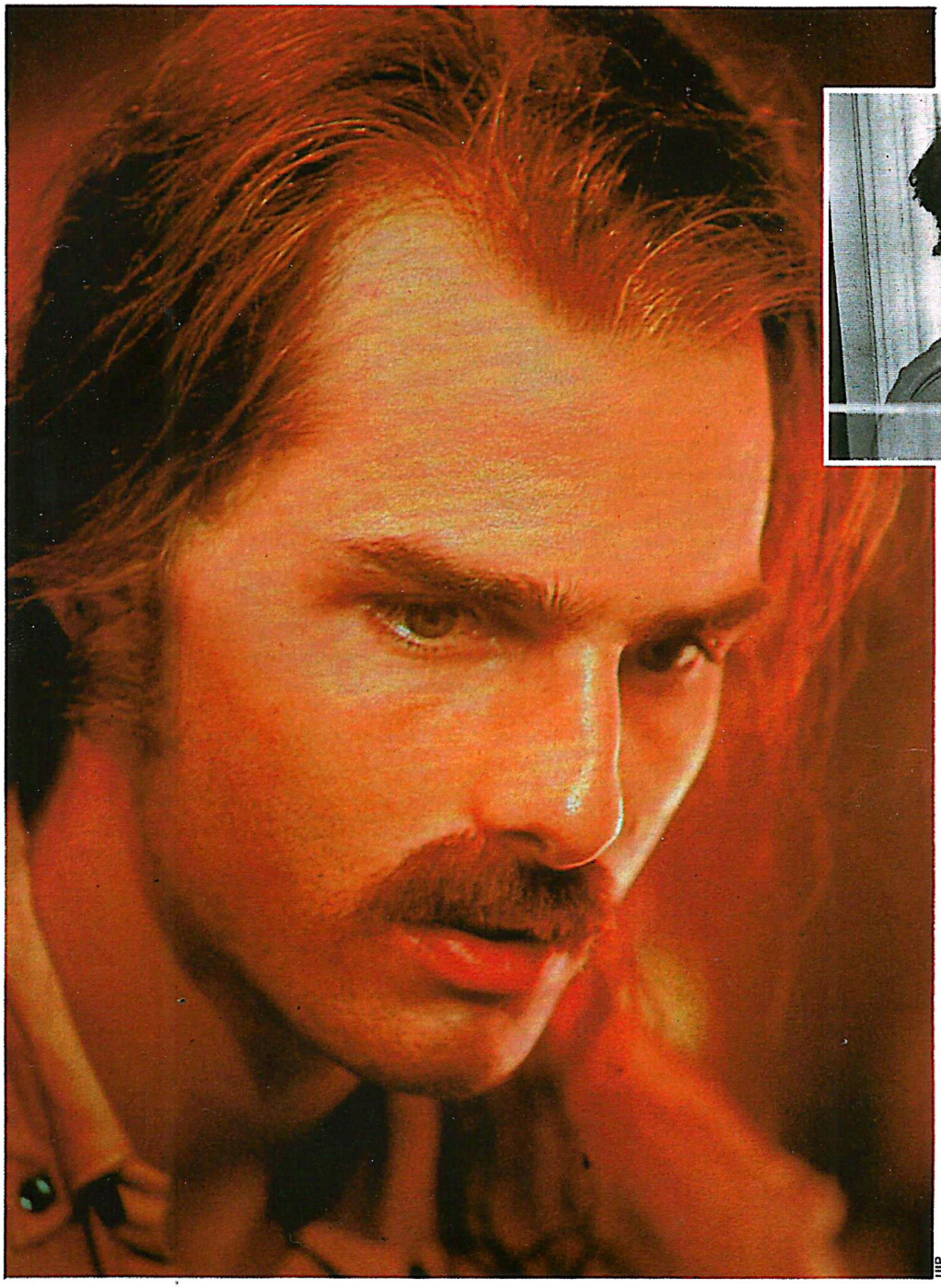
"É um milagre que eu ainda esteja por aqui", diz Kovic. "Não sinto nada da metade do peito para baixo. Por causa da guerra nunca vou poder ter filhos, nem posso fazer sexo da mesma forma que a maioria das pessoas fazem. Todas as manhãs acordo paralisado, e assim vai ser para o resto da minha vida. Já faz 21 anos que estou na cadeira de rodas, e ainda é difícil. Todos os dias sinto dor. Quero dar um sentido para o meu sofrimento e para tudo aquilo que eu sacrifiquei."



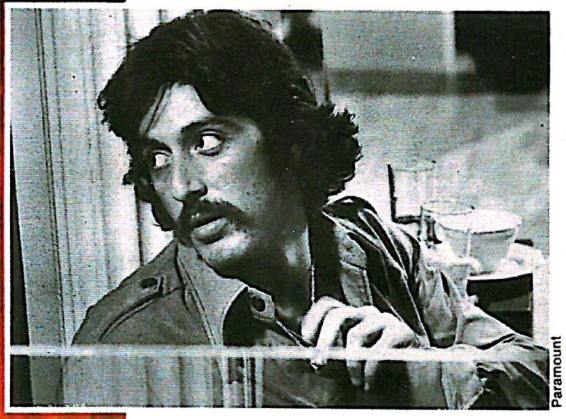
Cruise, como Kovic, ainda em combate (na página oposta), e depois, como veterano paraplégico e militante (acima)

Foram os mitos do cinema que inspiraram Ron Kovic a participar de uma gloriosa aventura; agora, esse mesmo poder mágico do cinema seria usado para mostrar que a guerra não é um filme. Trinta anos antes, Kovic brincava de imitar as cenas de John Wayne em *Iwo Jima, o Portal da Glória* num bosque perto de sua casa em Massapequa, Long Island. O personagem do "Duque" ainda vivia em suas fantasias quando Kovic, um jovem fuzileiro naval, saiu numa patrulha de reconhecimento para penetrar em território inimigo, em sua primeira missão na guerra.

"Formamos equipes de dezoito homens e entramos pela selva em silêncio, pisando em cada folha com o máximo cuidado. Eu ficava imaginando que era John Wayne, e me lembrava de uma



UIP



Paramount

A semelhança entre os bigodes de Cruise, como Kovic, e Al Pacino (em Serpico*); Pacino esteve à frente dos primeiros planos de filmagem do livro de Kovic, mas pulou fora*

cena de *Diário de Guadalcanal*. Mas isso tudo acabou na minha segunda patrulha — a realidade não era mais igual ao cinema. Os oficiais acendiam seus isqueiros Zippo e punham fogo nas cabanas. Fiquei com vergonha de fazer parte daquilo, mas estava envolvido demais na coisa para admitir as minhas dúvidas."

LENTO DESPERTAR — Ainda havia nele bastante romantismo quando, no meio de um tiroteio, foi ferido no pé e gritou: "Podem vir, seus comunistas filhos da puta!" Mas logo depois levou um tiro na espinha que destruiu a maior parte de seu corpo. Depois de passar meses num hospital infestado de ratos, agarrando-se ao último fio de vida, suas fantasias de ser John Wayne finalmente morreram.

"O primeiro filme que vi quando estava no Hospital dos Veteranos, no Bronx, e vim passar um fim de semana em casa foi *Os Boinas Verdes*, com John Wayne. Fiquei com vontade de vomitar. Quando saí do cinema, disse a um amigo que a guerra *não era nada disso*. Eu sabia, eu *estive* lá. Esse foi o começo de um lento despertar." Um despertar cheio de excessos alcoólicos, protestos políticos, e também de uma escrevinhação frenética — que veio a dar em seu livro, hoje famoso.

O potencial cinematográfico de *Nascido em 4 de Julho* era óbvio, e logo depois de receber resenhas favoráveis, Kovic foi procurado por um agente. "Lynn Nesbit me disse que Al Pacino e Marty Bregman estavam interessados", lembra Kovic. "Encontrei Pacino no escritório de Bregman. Todos eles disseram que dali poderia sair um grande filme. Bregman contratou um roteirista. Ele chegou a vir uma vez à minha casa, numa baita limusine. Minha mãe disse que só via limusines quando alguém morria."

O primeiro roteiro não deu certo, e Bregman contratou Oliver Stone para reescrevê-lo. Pacino passou muito tempo tentando conhecer melhor Kovic, e o levando a lugares badalados em Nova York. "Eu ficava acordado a noite inteira dançando no Studio 54, na cadeira de rodas. Dormia até o meio-dia e daí começava a trabalhar com Pacino. Mandávamos trazer hambúrgueres ao nosso quarto de hotel, a 45 dólares cada. Era bem o oposto daquele hospital para veteranos, cheio de ratos. Olha só: agora eu estava hospedado na suíte de Grace Slick. Eu era alguém."

"Nos anos 70 parecia que toda a cultura do país tinha uma resistência contra o que eu tinha a dizer sobre a guerra", afirma Kovic. Jane Fonda, porém, ficou emocionada com a sua história, e em 1978 concebeu e trabalhou em *Amargo Regresso* (ver crítica

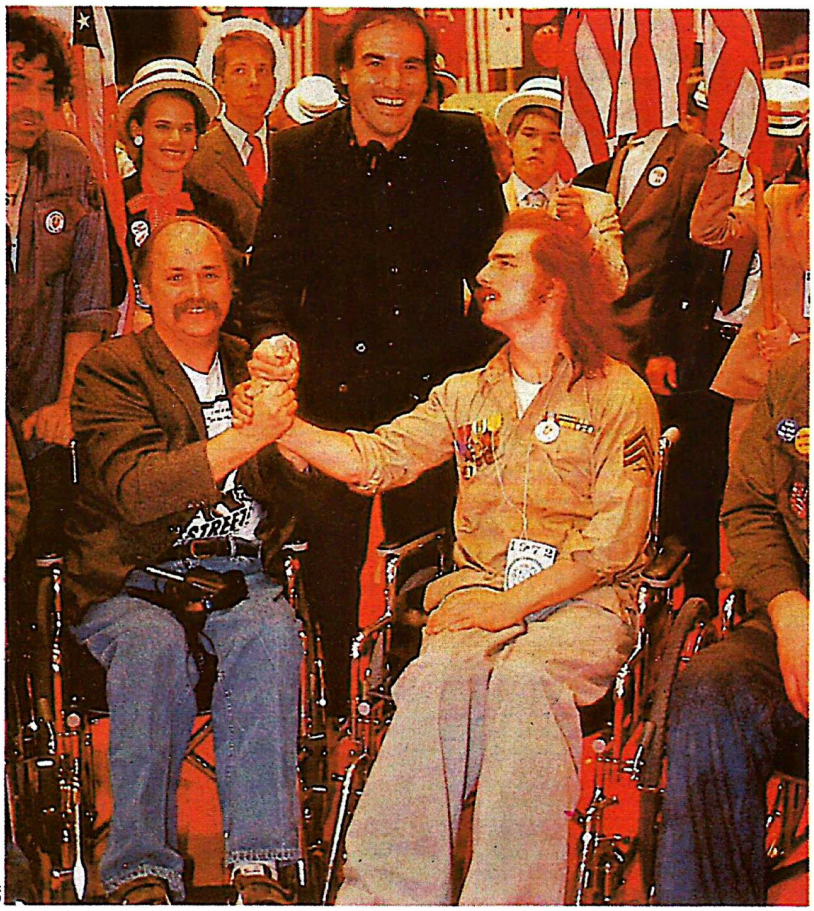
na pág. 62), outro filme sobre um veterano de guerra paralítico, do qual Kovic foi consultor. Apesar de ganhar um considerável reconhecimento artístico, inclusive alguns Oscars, o filme não fez sucesso a ponto de estimular outros cineastas a tentar o mesmo caminho com um filme ainda mais brutal.

"Eu achava que *Amargo Regresso* mostrava sobretudo o ponto de vista da mulher", diz Stone. "Era uma visão interessante sobre a guerra. Mas, com a simplificação que sempre ocorre em Hollywood, eles enfiaram no mesmo saco *Amargo Regresso* e *Nascido em 4 de Julho* — sabe como é, 'mais uma história de paralítico em cadeira de rodas'. E como *Amargo Regresso* não rendeu muito dinheiro, estávamos sem chances." Embora os motivos exatos permaneçam obscuros, os investidores alemães de *Nascido...* nunca entraram com o dinheiro para a produção, orçada em 8 milhões de dólares. Al Pacino partiu para um empreendimento mais rentável: *Justiça para Todos*, de Norman Jewison.

"Se Pacino tivesse realmente insistido na idéia, o filme poderia sair", afirma Kovic. "Fui embora de Nova York pensando: 'Mas por que você está me dizendo que não dá para conseguir o dinheiro?' Se ele realmente quisesse, teria conseguido fazer o filme. Ele era famoso: já havia feito *Um Dia de Cão*, *Serpico* e *O Chefão I* e *II*. Só pode ter sido ele quem desistiu."

Stone concorda: "Al teve medo. Ficamos todos de coração partido. Minha vontade era me esconder. Entrei num estado semicomatoso, e Ron ficou numa tremenda pior".

"É verdade", diz Kovic. "Fiquei mesmo um lixo." Ele reconhece que foi seduzido pelo charme da vida nova-iorquina. Apenas quatro dias antes de o filme ser cancelado, Kovic fez 32 anos e Pacino deu uma festa com a presença de Robert De Niro, Carol Kane e outras estrelas. Agora Kovic estava de novo na rua da amargura. "Eles me deram dois dias para ir embora do hotel. Fui até o Studio 54. Steve Rubell (o proprietário) sempre tinha me recebido bem. Daquela vez veio falar comigo porque tinha ouvido dizer que o filme tinha sido 'suspenso'. Encostou a cara na minha e falou: 'Quem é você?' Era como se dissesse: 'Já que esse filme não vai ser feito, quem é você? E o que está fazendo aqui na minha casa?' Depois dessa, fui embora de Nova York."



UIP

O verdadeiro Ron Kovic, ao lado de Cruise, aparece no filme como um veterano da Segunda Guerra. Ao fundo, o diretor Oliver Stone. Abaixo, John Wayne em Iwo Jima, o Portal da Glória, *que Kovic imitava quando pequeno*

AP

Com o fracasso da tentativa de Pacino, vieram tempos difíceis para Kovic e Stone. Quando se encontravam, partiam para a troca de acusações; certa vez, num estacionamento em Los Angeles, Kovic deu um soco em Stone e o derrubou em cima de alguma coisa que nenhum dos dois lembra mais o que era. Stone partiu para a Polônia e lá ficou se embebedando para esquecer a coisa toda.

Ao voltar, viu-se indicado para um Oscar pelo roteiro de *O Expresso da Meia-Noite*. Há pouco, na casa de Stone, Kovic lembrava como isso levantou o moral da turma: "Eu estava morando num hotel em Hollywood. Lembro de que assisti à entrega do Oscar no meu quarto e pensei: 'Quem sabe agora...' ".

FILME ADULTO — Apesar do sucesso, Stone ainda não conseguia fazer ninguém aceitar seus roteiros de *Platoon* e *Nascido em 4 de Julho*. "Este último", conta

ele, "era recusado por todo mundo. Gente como Ned Tanen, dos Estúdios Universal, me dizia que não. Ouvi coisas assim: 'Pouco nos importa se o filme é com Al Pacino ou até com Marlon Brando — não é um tipo de filme que dá dinheiro'. Eles nunca explicam por que, mas a gente sabe que eles simplesmente não querem fazer o filme."

Finalmente, em 1985, a Hemdale Film Corporation concordou em fazer dois filmes: *Salvador — O Martírio de um Povo* e *Platoon*, mas não *Nascido em 4 de Julho*. Mas *Platoon*, com seu sucesso comercial e todos os Oscars que arrebatou, demonstrou que um filme adulto sobre o Vietnã poderia ser lucrativo, e com isso firmou o nome de Stone como um diretor "quente". Mas mesmo com essas novas credenciais, Stone ainda tinha de encontrar para *Nascido...* uma estrela de apelo comercial garantido. Entra Tom Cruise.

Cruise havia estado em contato com Stone a respeito de um possível filme conjunto quando Paula Wagner, agente de ambos, desencavou o *script* de *Nascido...*, já decomposto de tanto manuseio. Depois de ler dez páginas, o astro de *Ases Indomáveis* decidiu transformar em realidade aquilo que toda uma geração de executivos de estúdio tinha recusado como sendo "mais um filme de paralítico em cadeira de rodas". Tal como Stone, acertou receber um salário fixo mais porcentagem.

"Eu poderia ter feito *Ases Indomáveis* três, quatro, cinco vezes, e ganhar um montão de dinheiro. Poderia continuar com aquilo para sempre", diz Cruise. "Mas não estou interessado."

Almocei com Cruise no Westwood Marquis, em Los Angeles. Seu cabelo já voltou a crescer (foi raspado para o papel), o famoso sorriso brilha de vez em quando, mas a maior parte do tempo ele está sério. Vai enrolando o macarrão no garfo e gesticula com vigor para destacar seus argumentos. Sabe que inevitavelmente o novo filme será comparado ao seu megassucesso, e não gosta dessas comparações. Sabe que *Ases Indomáveis* era uma espécie de *poster* de propaganda para a Marinha — mas *Nascido...* é diferente. Ao discutir os dois filmes, Cruise se mostra calmo, às vezes espirituoso. Conto a ele que depois de ver *Nascido...*, fui para casa e assisti a um vídeo de *Ases Indomáveis*. A comparação me deixou muito perturbado. A resposta de Cruise: "É mesmo? E por que você não assistiu a um vídeo de *A Cor do Dinheiro*?"

Quando eu insisto em afirmar que esses dois filmes dão para a rapaziada mensagens opostas a respeito da guerra, Cruise fica sério de novo: "Não havia *nenhuma* semelhança nos temas, absolutamente nenhuma. Se a nossa abordagem de *Ases Indomáveis* fosse igual à de *Nascido...*, aí sim. Poderíamos ter criado um inimigo e lhe estourado os miolos na cabine do avião. Poderíamos fazer o público gritar de entusiasmo vendo um 'comunista' despencar num avião em chamas, com o sangue e as entranhas espirrando pela tela inteira. Mas isso teria sido uma atitude cem por cento irresponsável. *Ases Indomáveis* era uma espécie de *Guerra nas Estrelas* com armamento verdadeiro. Era um conto de fadas, um divertimento, um giro na montanha-russa. E é por isso que eu não poderia fazer de novo um filme assim — porque já fiz".

"Com *Nascido...*, eu sentia a história correr nas minhas veias", disse Cruise numa entrevista para a *Playboy*. "Sentia que Ron Kovic poderia ter sido eu mesmo. Kovic nasceu no dia 4 de julho, e eu nasci no dia 3." Cruise tinha apenas 6 anos quando Kovic ganhou sua medalha de bronze e estava no ginásio quando Al Pacino fracassou em sua tentativa de filmar o livro. "No fim dos anos 60 e início dos 70, morei no Canadá. Em 1976, quando voltei para os Estados

Abaixo, Cruise num momento de puro enlevo com Kyra Sedgwick, antes da guerra. E, metido num carro velho com outra vítima do Vietnã (Willem Dafoe)

Fotos UIP

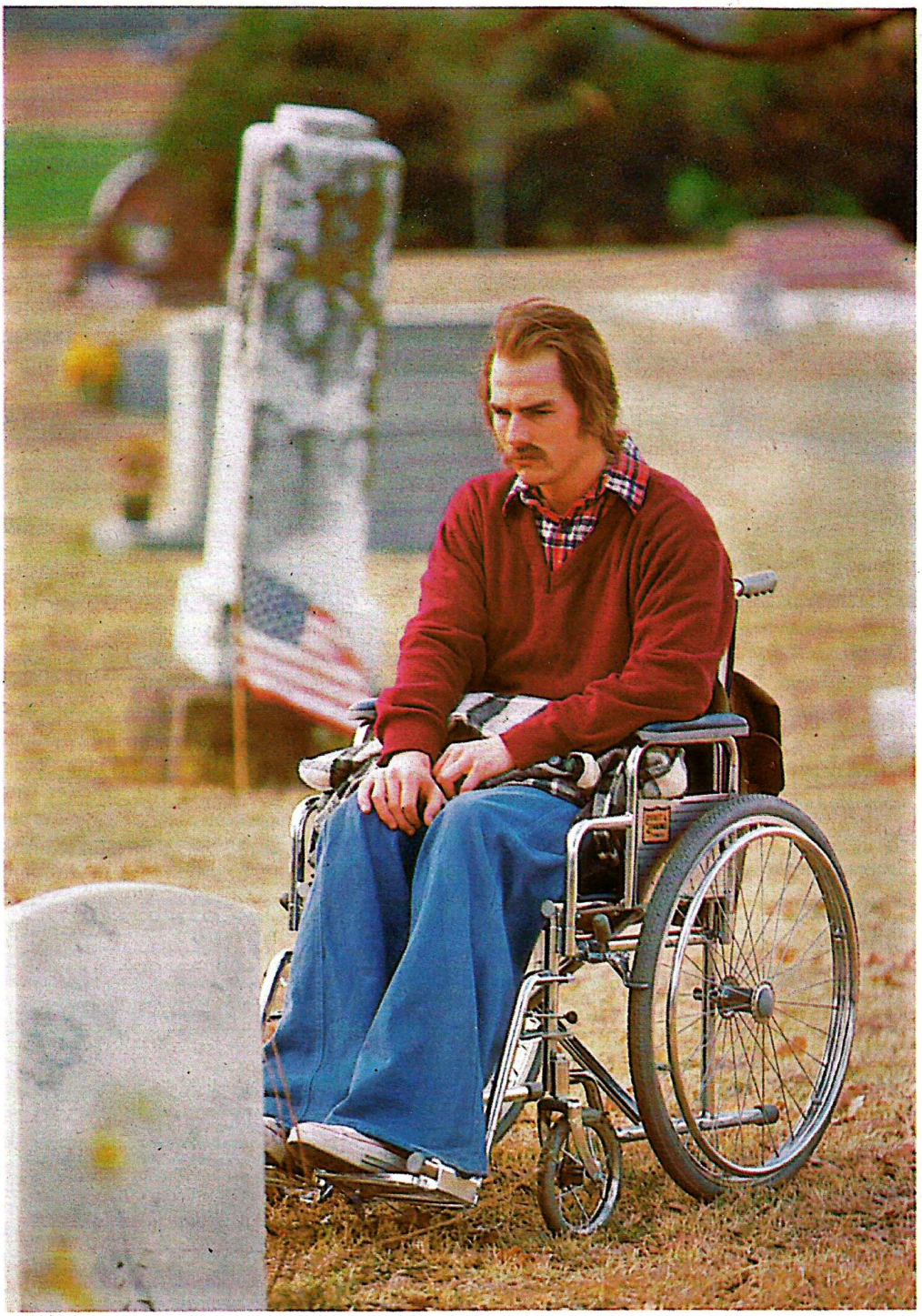
Unidos, vi uns garotinhos no jardim de infância discutindo sobre quem tinha ganho a Guerra do Vietnã. Um deles dizia: 'Eles chutaram a gente para fora do Vietnã'. Outro dizia: 'Não, nós *ganhamos* a Guerra do Vietnã'. E um terceiro perguntou: 'O que é Vietnã?' Mesmo no ginásio, a gente na verdade não sabia nada sobre o assunto, não recebia informação nenhuma."

Cruise estava entusiasmado, mas Kovic não tinha certeza se ele era de fato o ator certo para o papel. "Eu tinha minhas dúvidas sobre Tom", diz Kovic. "Já havia me encontrado com Charlie Sheen e com Sean Penn quando surgiu o nome de Cruise. Oliver e eu tivemos uma discussão sobre ele. Eu tinha ficado tão furioso só com a *idéia* de *Ases Indomáveis* que não queria assistir ao filme de jeito nenhum."

Apesar da divergência sobre *Ases Indomáveis*, Kovic logo mudou sua opinião sobre Cruise. Ele se lembra de ter pensado, mesmo antes de encontrá-lo: "Bem, o mundo inteiro conhece Tom Cruise. Quer dizer, mesmo que ele não seja tão bom, pelo menos o filme e a mensagem contra a guerra vão conseguir atingir as pessoas".

PARALÍTICO — Stone, porém, ficou empolgado desde o início com a idéia de Cruise fazer o papel de Kovic: "Eu enxerguei as semelhanças entre Kovic e Tom. Os dois tinham uma formação parecida: católicos, de origem operária. E os dois tinham mania de perfeição — algo que chega à obsessão".

"Quando conheci Cruise, ele parecia uma imagem de mim mesmo quando fui para o Vietnã em 1965", lembra Kovic. "Nunca senti que Al Pacino tinha uma relação assim forte comigo, nem que ele realmente compreendia aquilo que nós passamos. Fiquei emocionado com Cruise. Emocionado como fico hoje às vezes quando encontro garotos que nem eram nascidos na época em que fui ferido, e vejo que eles têm uma compreensão tão profunda daquilo. Cruise, sim, compreendia. E isso cura alguma coisa dentro da gente. Faz você se sentir parte do mundo outra vez. Eu sabia que ele podia dar conta do recado."



Cruise e seu Kovic meditabundo diante das lápides de desaparecidos no Vietnã

Kovic e Cruise se encontraram em fevereiro de 1987 e trabalharam juntos até o final da produção, em agosto de 1989. A primeira sessão começou quando um amigo de Kovic, olhando pela janela de sua casa em Los Angeles, anunciou que Tom Cruise estava lá embaixo, tentando tirar uma cadeira de rodas de dentro de um carro. Cruise insistiu em subir até a casa sentado, manobrando a cadeira. Mais tarde, naquele mesmo dia, bateu a cabeça com toda a força no muro do quintal, ao tentar fazer umas acrobacias com a cadeira. Mas se limitou a rir do incidente, e daí em diante perseverou, passando dias inteiros na cadeira de rodas. "Era muito difícil subir na calçada; uma coisa realmente exaustiva", recorda Cruise. "Todos os dias que passei na cadeira ia reforçando outros músculos, mas mesmo assim eu me cansava demais. Era uma cadeira grande, de metal, muito incômoda de

manobrar." Cruise afirma que chegava a ir de cadeira até sua cama, à noite, e deitar com sua mulher, Mimi Rogers, como se fosse paralítico.

"Lembro que um dia estava andando na cadeira, dando umas voltas pela cidade com Kovic", continua Cruise. "Entrei numa loja de presentes bem *high-tech* e a vendedora chegou para mim e disse: 'Desculpe, mas daria para o senhor parar de andar com essa cadeira aqui dentro? Caso contrário vou ser obrigada a lhe pedir que saia da loja'. 'Ora, por quê?', perguntei. E ela: 'Os pneus da cadeira estão deixando marcas no carpete'. Rapaz, não dava para acreditar!"

A recepção foi bem mais calorosa no Hospital dos Veteranos em Long Beach, Califórnia. Kovic e Cruise desceram ao subsolo e ficaram usando a sala de exercícios para os paraplégicos, até que o ator se viu rodeado por dezenas de veteranos pedindo autógrafos. "Foi doloroso quando comecei a ensaiar o filme", conta Cruise. "Vi muitos rapazes jovens com ferimentos graves." Cruise, que tem fama de ser extremamente cortês, levou nada menos do que duas horas dando autógrafos até se dispor a ir embora.

Ele reconhece a dificuldade de fazer o papel: "Do ponto de vista artístico, foi o maior desafio que já tive como ator". Comenta como era difícil conseguir pensar como um paraplégico, por exemplo, em situações como a da bebedeira e a briga entre Kovic e sua mãe, mulher extremamente católica. Nessa cena, louco de raiva, ele arranca o cateter do pênis. Foi preciso passar quase um ano e meio dentro do universo dos paraplégicos, tentando entender seus limites e suas técnicas de sobrevivência. E ele dá o crédito para seu treinador: "Ron Kovic é ótimo para deixar as pessoas à vontade nesse problema da sua cadeira de rodas. A gente tem que deixar as pessoas à vontade para poder ter comunicação com elas. Certas noites eu voltava para casa, tinha uma longa conversa com Mimi, e não podia deixar de pensar: 'Puxa, podia ter sido eu'. A coragem desses caras faz a gente compreender o que a alma humana é capaz de fazer quando se trata da sobrevivência".

"Fiquei muito preocupado com a parte física do filme: as coisas tinham de parecer reais, de qualquer maneira", continua Cruise. "Passei horas, dias inteiros, olhando fotos. Ficava nervoso, porque eu podia estar estraçalhando na minha atuação, mas se uma cena tivesse alguma coisa que não *parecesse* real, para nós isso seria o fim."

A rotina de Cruise era a mesma antes de cada cena difícil. Pulava corda para dar um pique na adrenalina, e de repente gritava: "Ok, pessoal, vamos para o rock'n'roll!" Kovic e Stone ainda admiram sua concentração e resistência nas cenas do hospital. Doze ou catorze vezes por dia ele era amarrado numa engenhoca de gesso apelidada de "tartaruga". O próprio Kovic passou seis meses num gesso daquele tipo, mas mesmo assim ficava com pena da claustrofobia que Cruise sentia todas as vezes que era enfaixado.

Cruise não tinha dado provas sérias de seu talento de ator até fazer *A Cor do Dinheiro* e *Rain Man*, no qual seu desempenho foi muito elogiado. Mas ele acha que *Nascido em 4 de Julho* foi um papel muito mais difícil. "Eu estava trabalhando ao mesmo tempo em *Rain Man* e em *Nascido...*", diz ele. "Pela manhã ia ao Hospital dos Veteranos fazer o *Nascido...*, e à tarde ensaiava *Rain Man*. Eram tantas coisas que podiam dar errado! Lembro que uma quarta-feira eu estava maquiado para representar Ron Kovic aos 17 anos. Terminamos uma cena de luta às sete da noite, e às quatro da madrugada de quinta íamos raspar meu cabelo e fazer uma cena no hospital, na sala da lavagem intestinal. O negócio é assim: a gente passa dos 17 para os 21 anos de repente, e ainda por cima na sala de lavagem!"

MEDALHA — "Eu podia ter maneirado", continua Cruise. "Podia desistir do filme, ou ser menos brutal e exigente com as

Kovic (Cruise) é submetido a uma dolorosa fisioterapia, depois de voltar ferido do Vietnã

Fotos UIP

pessoas à minha volta, ou não insistir na maquiagem certa, no desempenho correto numa cena. Às vezes Oliver dizia: 'O.k., temos de passar para a próxima cena', e eu dizia: 'Espera, vamos fazer mais uma tomada'. Ou então eu falava para Oliver: 'Escuta, estou perdido. O que você ou o Ron iriam pensar numa situação assim?' Lembro de um incidente na cafeteria. Uma moça estava falando sobre a morte dos estudantes na Universidade de Kent State, mas ela só via um lado da coisa. Fiquei pensando que Oliver e Ron, embora soubessem que a guerra era um erro, sentiram certa raiva porque aqueles estudantes que protestavam não conseguiam separar o guerreiro da guerra, não conseguiam perdoar um homem por

BOM CRUISE, APESAR DA PERUCA

Deve ser interessante, embora não muito confortável, ser americano e assistir a este filme. Porque, para nós, que não nos chamamos Jack e não moramos em Massapequa (onde nasceu e se criou Ron Kovic, o protagonista desta história real), a grande questão do Sudeste asiático sempre foi a mesma: "Que diabos estes gringos estão fazendo, invadindo pela enésima vez a terra alheia em nome do american way of life*?" Eis a questão que sempre esteve ausente dos filmes "maiores" feitos sobre o assunto — a não ser que se conte* Rambo *e seus delírios ianques como parte do mesmo pacote onde estão* Platoon, Nascido para Matar *e* Cinzas de uma Guerra. *Mas em* Nascido em 4 de Julho, *ao revisitar o Vietnã do ponto de vista do soldado Ron Kovic (Tom Cruise), paralisado da cintura para baixo por um ferimento de combate, Stone se permite abordar este trauma. O filme enfrenta outros temas indigestos, como a impressionante ingenuidade belicista, a "cultura de guerra" que os Estados Unidos cultivam com raro entusiasmo — o fato de que o grosso das tropas enviadas para massacrar e serem massacradas no Vietnã vinha das classes operárias ou da pequena classe média — e, enfim, a interrogação cruel: "O que é que fomos fazer lá?" "Fomos invadir um país que está lutando há mil anos por sua independência", diz Ron Kovic, sem piscar.*

Stone mergulha nessas reflexões a partir da penosa jornada existencial de Kovic, que foi para o Sudeste asiático "servir a sua pátria", viu-se incapacitado para o resto da vida aos 20 anos (virgem) e, lentamente, reviu não apenas sua própria existência e propósitos, mas existência e propósitos de seu país — nascido no 4 de julho (data nacional americana) que é. O ritmo é implacável, o olhar jamais se desvia e o som é um personagem à parte (e até se perdoam pecadilhos como a execução de "American Pie", uma canção do final de 1971, numa cena de meados de 1969). Há uma farta coleção de aparições. Para começar, o ativista pacifista Abbie Hoffman como ele mesmo, em seu derradeiro registro público — ele morreria meses depois. Oliver Stone vem à tela como um correspondente de guerra e o verdadeiro Ron Kovic atua como um veterano da Segunda Guerra Mundial. Tom Cruise, apesar das perucas horrendas que lhe arrumaram, desincumbe-se do complexo papel com rara desenvoltura.

Ana Maria Bahiana

Ao alto, Kovic (Cruise) nos braços do pai (Raymond J. Barry). Acima, a família recebe o soldado como um herói.

amar seu país. Tinham raiva porque o país inteiro estava dizendo: 'Vocês são uns brutos, vocês mataram criancinhas'. As pessoas não tinham compreensão nenhuma. Daí Oliver acrescentou uma fala num diálogo que mudou todo o espírito da coisa."

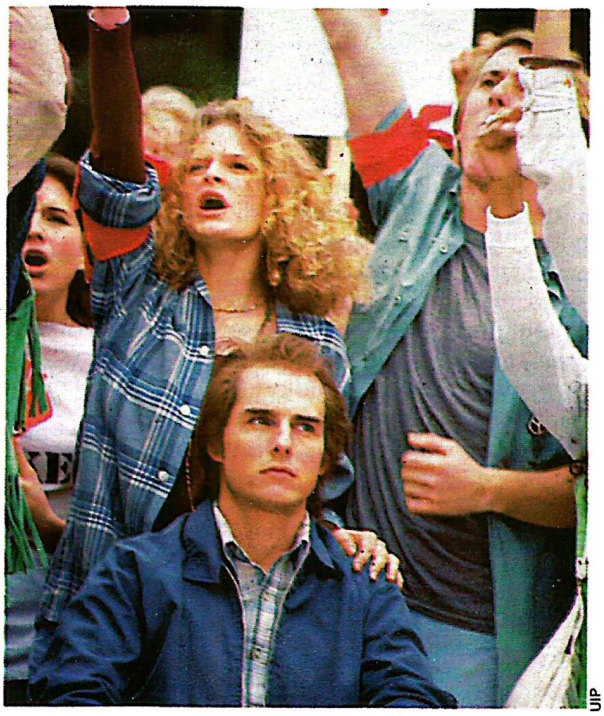
"Quando fomos para as Filipinas para rodar os trechos passados no México e no Vietnã (era mais barato filmar lá), passamos praticamente direto da cena em que eu levo um tiro para a cena em que estou num bordel no México, já aleijado. Era como se fossem dois personagens dife-

NASCIDO EM 4 DE JULHO

rentes. Até ali, Ron sempre tinha estado por perto para conversar. Naquelas alturas eu já estava exausto; fiquei com desidratação, e os médicos filipinos me deram uns remédios estranhos que estavam me deixando ainda mais doente. Um dia eu estava fazendo uma cena que não dava certo de jeito nenhum. Por vezes eu conseguia fazer o papel de Ron tão bem que nem precisava mais trabalhar na atuação; daí eu começava a pensar na coisa, e daí vinha o problema. Era isso que estava acontecendo com aquela cena. Oliver então disse: 'Olha aqui, Tom, esqueça de tudo e *faça* a coisa. Só isso: agora faça.'"

No final o filme acabou se tornando uma causa política. "Tenho orgulho deste filme", diz Cruise. "Não quero que as pessoas pensem que este é apenas mais um filme sobre o Vietnã. É um filme que nos mostra que não podemos confiar cegamente nos líderes deste país, que nós mesmos temos de procurar e encontrar a nossa posição, aquilo em que acreditamos. Não é fácil encontrar a verdade a respeito de nada. Não importa se as pessoas são de esquerda ou de direita: nós tentamos fazer um filme honesto. Esta é a verdade sobre o que aconteceu lá. A Segunda Guerra Mundial tinha outras regras. Quando a gente se aprofunda no assunto, percebe que o Vietnã foi basicamente uma questão econômica."

Kovic, de volta do Vietnã, participa de uma manifestação pacifista



UIP

Depois de doze anos *sapeando* o jogo, Kovic finalmente está feliz. "Agora a rapaziada pode sentar nos mesmos cinemas em que nós íamos há 30 anos, com seus sacos de pipoca, e assistir a esse filme como nós assistíamos a John Wayne; agora eles vão ver Tom Cruise, e isso vai mudar sua maneira de pensar sobre a guerra. E quem sabe eles não vão precisar se ferir como eu me feri. Sinto que consegui transformar uma terrível tragédia num triunfo. Seja qual for o resultado desse filme, eu venci. Ninguém mais pode olhar para mim e sentir pena. Peguei uma coisa terrível e dolorosa, uma coisa que o povo americano não queria nem olhar, e, com a ajuda de algumas pessoas formidáveis, transformei isso numa coisa bonita."

Cruise e Stone são os primeiros dessa lista de pessoas formidáveis que Kovic menciona. Ele ficou muito comovido com o esforço, a verdadeira viagem que Cruise teve de fazer para entrar na sua pele, e nos últimos dias da filmagem deu para Cruise a Estrela de Bronze que ganhou na guerra. Segundo a inscrição da medalha, "a equipe de reconhecimento do sargento Kovic quase foi cercada por uma tropa vietcong numericamente superior. Durante um combate de 45 minutos, ele calmamente organizou seus homens e assim conseguiu forçar o inimigo a romper o contato". Em outra ocasião, "sob intenso fogo inimigo de artilharia e morteiros, o sargento Kovic observou um fuzileiro caído, exposto numa área de grande perigo. Sem se preocupar com sua própria segurança, o sargento Kovic começou a aproximar-se do fuzileiro e foi ferido na perna. Ignorando seu doloroso ferimento, prosseguiu em seus decididos esforços para alcançar o companheiro, até que sofreu mais dois ferimentos e foi evacuado".

Já há 21 anos Kovic guardava essa medalha de combate numa caixinha de madeira, perto de sua cama, sem saber o que fazer com ela, até que resolveu dá-la a Cruise. "Estávamos no Forum, em Los Angeles, rodando as cenas finais. Tom estava no camarim sendo maquiado. Levantou da cadeira e me abraçou. O filme estava terminando, e eu queria que ele ficasse com alguma coisa minha, algo que há 21 anos eu vinha lutando para definir e compreender. Quando ele já ia sentando outra vez na sua cadeira de rodas, eu lhe dei a medalha. Ele me agradeceu e me deu um longo abraço, bem apertado. Daí saiu e foi fazer a cena final do filme. Finalmente eu tinha encontrado a pessoa que merecia aquela medalha."

Cruise demonstra timidez ao falar na medalha, mas ele também sabe o porquê daquele gesto. "Ron já tinha passado horas difíceis para conseguir realizar o filme. Ele compartilhou comigo a sua própria alma. Por fim acabou me dando a medalha." Cruise faz uma pausa e acrescenta, envergonhado: "Ele quis me cumprimentar pela minha coragem durante o filme".

"Tom foi heróico", diz Kovic, "ao retratar os aspectos mais dolorosos e repugnantes da guerra — bem ao contrário daquele *poster* dos fuzileiros que diz: O CORPO DE FUZILEIROS CONSTRÓI O HOMEM — MENTE, CORPO E ESPÍRITO. Ali estava um rapaz que os oficiais do corpo de fuzileiros nunca gostariam de mostrar. Dei a medalha a Tom porque ele tirou da guerra toda a aura de romance e glória, e em seu lugar colocou a verdade."

Robert Scheer, correspondente do Los Angeles Times

(Este artigo foi originalmente publicado na revista americana *Premiere*.)

Born on the Fourth of July, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Oliver Stone ■ Com Tom Cruise, Bryan Larkin, Raymond J. Barry, Caroline Kava, Josh Evans, Seth Allen ■ ROTEIRO: Oliver Stone e Ron Kovic, baseado no livro de Ron Kovic ■ FOTOGRAFIA: Robert Richardson ■ MÚSICA: John Williams ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Bruno Rubeo ■ PRODUÇÃO: A. Kitman Ho e Oliver Stone ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

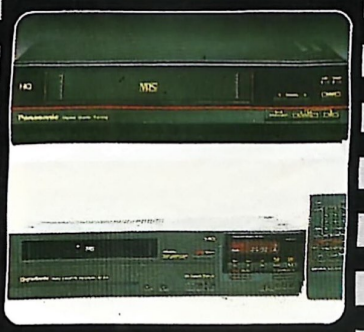
Técnicos Treinados Na Fábrica

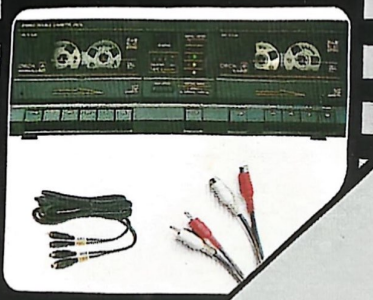
10 ANOS EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA

A Color Som é a única a trabalhar com peças originais em: vídeo, TV, áudio, câmeras, micro computadores/MSX, Compact Disc Player e Fac-simile.

Nossos técnicos são treinados nas fábricas: Gradiente, Polyvox, Technics e Panasonic.

Fazemos sua transcodificação com tecnologia avançada, e ainda remetemos para todo o Brasil com a maior segurança! Afinal, são 10 anos de muita dedicação. pergunte a quem já conhece a gente!





Serviço Autorizado

gradiente

Panasonic

VENDAS DE PEÇAS ORIGINAIS

Atende:
Segunda a Sexta até 21:00 hs.
e
Sáb. até 15:00 hs.

- Transcoder Externo
- Baterias
- A.C. Adaptor
- Carregador de Baterias
- Cabos RF
- Ballon
- Pilhas

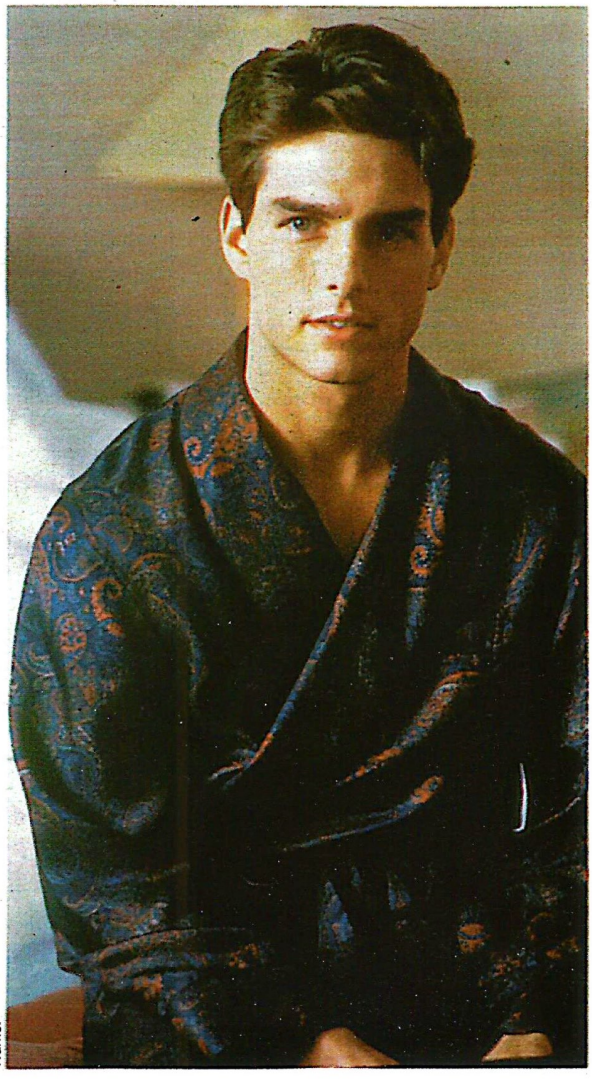
COLOR SOM

Av. Angélica, 2278 Higienópolis - São Paulo - SP

Tels. (011) 259-0099 • 257-8741 — Fax (011) 255-6643

POR UM SOR

Tom Cruise não é só o dono de um belo par de olhos. Ele tem talento e é capaz de arrastar multidões aos cinemas, atrás de seu riso reluzente

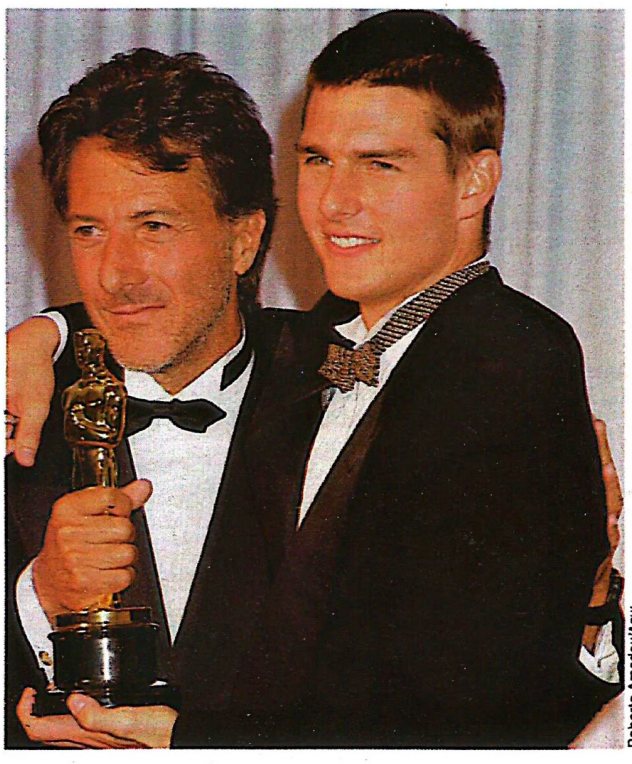


Warner

O intrépido Tom Cruise conquistou seu lugar entre as estrelas hollywoodianas a partir de *Negócio Arriscado*, de 1983. Mal passavam dois anos desde que o rapaz de rosto bonitinho fizera sua estréia, com uma ponta em *Amor Sem Fim*, de Franco Zeffirelli. *Negócio Arriscado* rendeu 65 milhões de dólares, provou que Tom Cruise tinha talento e força magnética para atrair o público. A partir de 1983, qualquer filme que ele fizesse não seria mais um negócio de risco. Nada mal para o garotão que aos 18 anos deu-se o prazo de dez anos para vencer no *show-business*. Agora, aos 27 anos, na crista do êxito impressionante de *Nascido em 4 de Julho*, com 25 milhões de dólares acumulados após o primeiro mês em exibição nos cinemas americanos, o ator é o maior sucesso do ano. Promessa feita e cumprida, ele está prestes a faturar o primeiro Oscar de sua carreira.

Com uma carreira inconstante, Cruise fez filmes fracos com boas bilheterias e trabalhou com diretores consagrados — Francis Ford Coppola *(Vidas Sem Rumo)* e Ridley Scott *(A Lenda)*, cujos filmes foram um fracasso. Apesar disso, escalou a pirâmide do estrelato com a mesma velocidade com que dirige nas pistas de corrida. Não por mero acaso, mas por determinação.

Proveniente da geração de novos atores (o *brat pack*, como são conhecidos), Tom Cruise se sobressaiu diante de nomes como Rob Lowe, Matt Dillon e até mesmo o bom Matthew Broderick. O que o tornou famoso é sua representação intensa nas telas, resultado de um treinamento dedicado e sem limites. Para encarnar seus personagens, ele não abre mão de



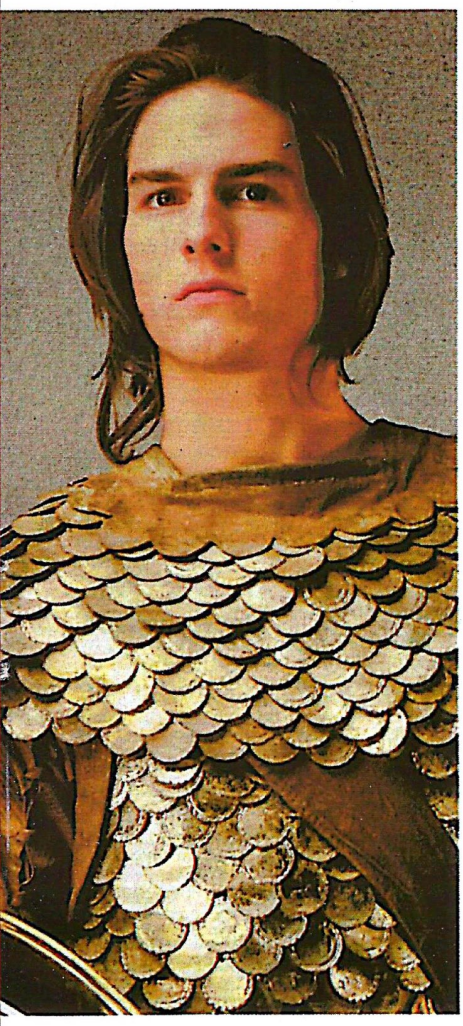
Roberto Amadeu/Azul

Cruise numa pausa, entre um copo e outro, de Cocktail *(1988), à esquerda. Na cerimônia de entrega do Oscar 89, ele ajuda seu companheiro de* Rain Man, *Dustin Hoffman, o premiado, a segurar a estatueta (à direita)*

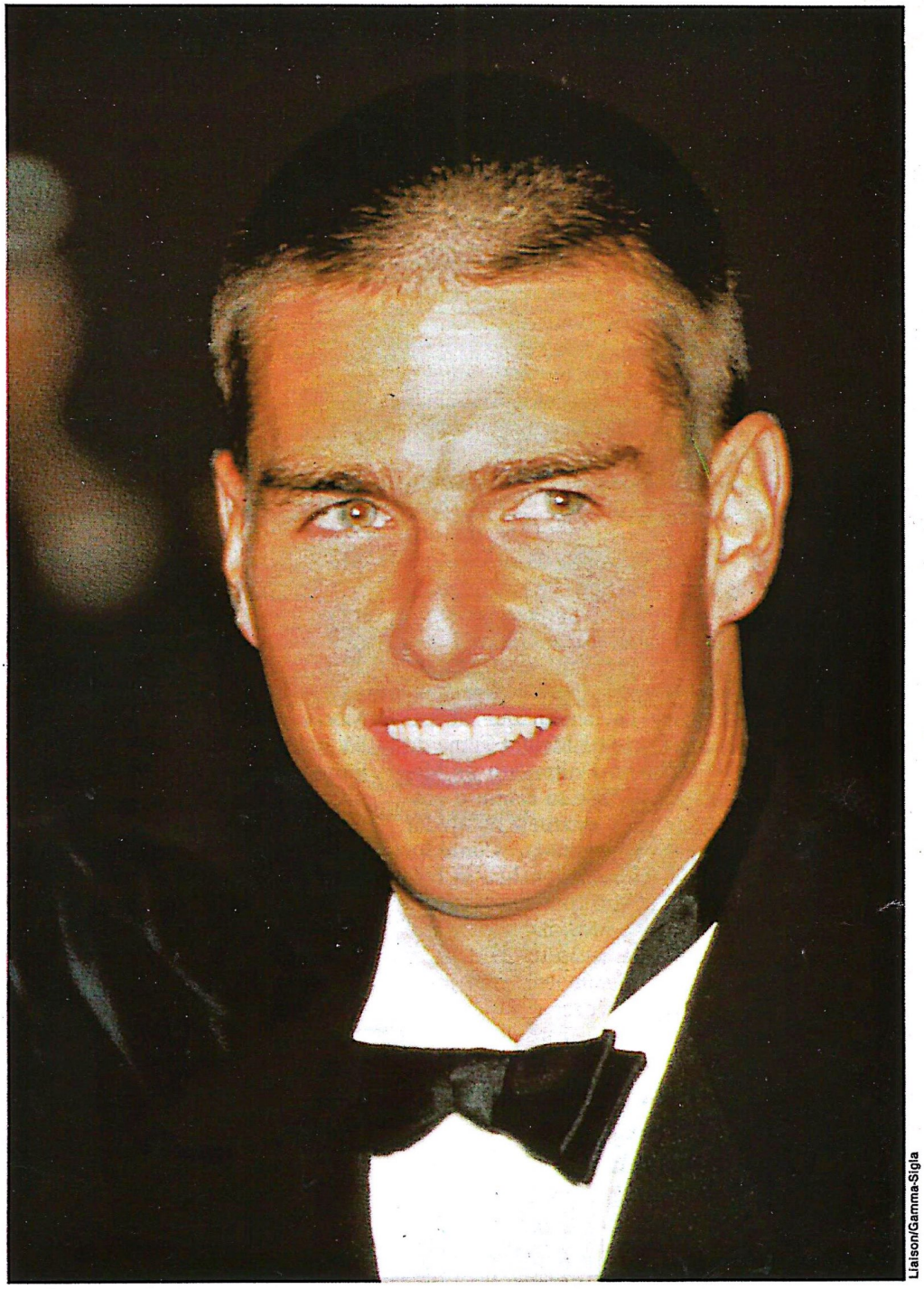
RISO

um laboratório que inclui voar em caças supersônicos, trabalhar como *barman* em Manhattan, treinar dias seguidos em uma mesa de sinuca e até mesmo andar quase um ano em cadeiras de rodas. Por isso, a cada novo filme Cruise tem mostrado mais do que um sorriso carismático e tem merecido as capas das revistas internacionais mais importantes. Além de escolher e modificar os *scripts* que lhes são enviados.

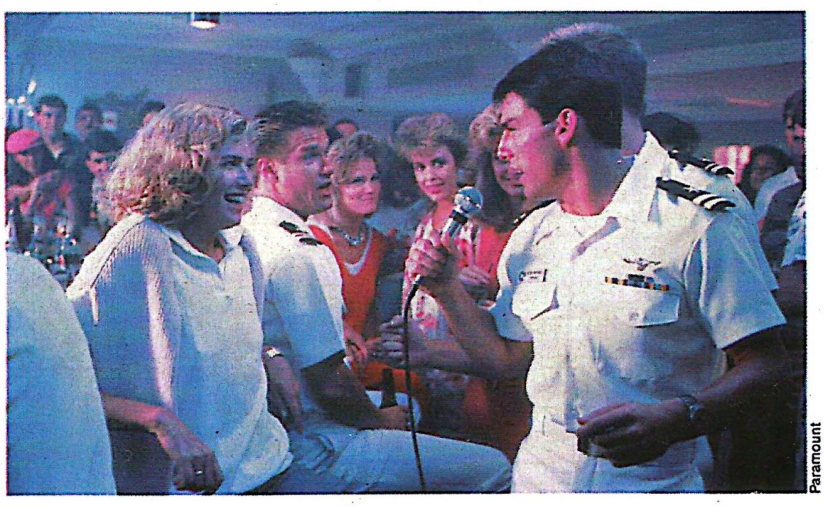
MENINO BONITO — Sem ter a estatura de um galã à moda antiga



20th Century Fox



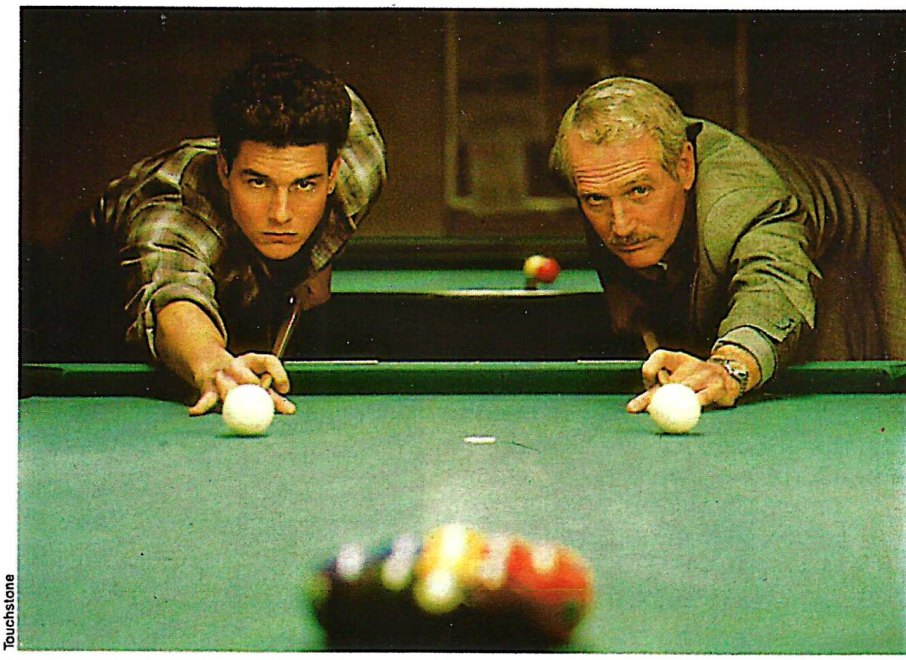
Liaison/Gamma-Sigla



Paramount

Um desastre e um megassucesso: dirigido por Ridley Scott em A Lenda *(1986), um fiasco (à esquerda), e em* Ases Indomáveis *(1986), estouro irresistível de bilheteria, com Kelly McGillis (à direita)*

Cruise já como astro, ao lado de Paul Newman, no bom A Cor do Dinheiro *(1986), de Martin Scorsese*



Touchstone

(tem 1,75 m), Cruise conquistou uma legião de fãs com seu tipo másculo e vulnerável de *Ases Indomáveis* (Tony Scott, 1985) e estourou novamente em bilheteria — 150 milhões de dólares num filme que foi comparado a uma propaganda a favor da elite da Marinha americana, os Blue Angels. Malhado ou não, Cruise volta às telas em 1986 com um desempenho muito mais ambicioso. Trabalhar ao lado de Paul Newman e Martin Scorsese em *A Cor do Dinheiro* seria a comprovação de seu talento. Newman retomava seu personagem criado em 1961 no clássico *Desafio à Corrupção (The Hustler)*, de Robert Rossen, e Cruise seria o esforçado discípulo. Desta vez, a crítica gostou, mas o público não.

Seu próximo projeto significante foi o premiadíssimo *Rain Man*, (de Barry Levinson), que abocanhou o Oscar de Melhor Filme de 1988 e Dustin Hoffman o de Melhor Ator. Cruise só sentiu o gostinho de ter a estatueta ao ajudar Hoffman a segurá-la. Contudo, antes de *Rain Man* encheu os bolsos de dinheiro com sua aventura frívola em *Cocktail*. Bateu mais um recorde e deixou seus produtores felizes — 175 milhões de dólares.

Preocupado com o estigma de menino bonito, Tom Cruise fez *Nascido em 4 de Julho*, um projeto há anos engavetado por Oliver Stone. Suas fãs talvez o estranhem em seus trajes hippies, de bigode, e com os cabelos desgrenhados. Um desafio ao público e ao próprio ator. Mas, ansiedades à parte, Cruise voltará às telas em sua melhor forma representando o que foi sua primeira paixão: um piloto de carros de corrida no filme *Days of Thunder*, de novo com Tony Scott.

A geração histórica do brat pack *em* Vidas sem Rumo *(1983), de Francis Coppola, da esquerda para a direita: Tom Cruise, Patrick Swayze, Ralph Macchio, Matt Dillon, C. Thomas Howell, Rob Lowe, Emilio Estevez*

Liaison Gamma Sigla

Nascido a 3 de julho de 1962, Thomas Cruise Mapother IV é o terceiro filho de uma prole de quatro e descendente de uma ex-atriz amadora (Mary Lee) e um engenheiro elétrico (Thomás III). Com uma infância irregular — seus pais se mudavam constantemente e Cruise trocou de escola 12 vezes até os 12 anos — e sofrendo de dislexia (dificuldade para ler decorrente de disfunção neurológica), Tom encontrou nos esportes um aliado à sua timidez. Estudou um ano num seminário franciscano e descobriu aos 17 o talento para a representação.

Ao terminar o colégio decidiu ir para Nova York e tentar a sorte, já que não tinha jeito para as lides acadêmicas. O primeiro teste convincente foi a caracterização do personagem David Shawn para *Toque de Recolher*, de Harold Becker, seu segundo filme. Depois disso, surgiram várias ofertas, que não passavam de um monte de papéis insanos. De olho na carreira promissora, Cruise passou a escolher a dedo seus próximos filmes e a exigir ele próprio a seleção das fotos de divulgação.

Casado e descasado da atriz Mimi Rogers (uma união que durou pouco mais de dois anos), Cruise é atualmente um nome polêmico, e uma espécie de rei Midas. Multidões vão ao cinema só para ver um naco do seu sorriso.

*Deborah Peleias*_SET

Videocassete de Alta Qualidade Sistema Dual PAL-M/NTSC

HV-BR77

Video HQ VHS, o desempenho supremo

Super FX 4-HEAD e Programação horária na tela

MADE IN JAPAN

GARANTIA DE 1 ANO

O AIWA HV-BR77 com o Super Sistema FX 4-head exibe imagens mais nítidas e bonitas em câmara lenta variável de 1/6—1/30, e também captura cada exato momento em imagens congeladas durante a reprodução de quadro a quadro. Além disso, possui um timer com programação na tela para maior conveniência. Estes e outros avanços contribuem ainda mais para o que há de mais moderno em matéria de rendimento de vídeo.

Mecanismo PAL-M de circuito real

- Configuração de 4 cabeças
- Display na tela
- Sistema HQ
- Funcionamento totalmente automático
- Gravação instantânea
- Avanço de quadro/câmara lenta/imagem congelada sem interferências (SP/LP/EP)
- Sintonizador-sintetizador de freqüência
- Programação para 6 eventos/14 dias
- Contador de fita digital

À venda na Zona Franca de Manaus e Free-Shop do aeroportos do Rio de Janeiro e de São Paulo

SERVIÇO DE GARANTIA

VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA. - Av.Marechal Henrique Lott, nº 120, Loja 103 ,Barra Shopping, Barra da Tijuca, Tel.: (021)325-1481, CEP 22600, Rio de Janeiro - RJ.
ELETRÔNICA PAL-M LTDA.(TECNOVIDEO) - Rua do Sumidouro, nº 305, Tel.: (011)813-6300, CEP 04528, São Paulo - SP.
VIDEOMATIC COMERCIAL ELETRÔNICA LTDA. - Rua General Polidoro, nº 177, Tel.: (021)295-3849, CEP 22280, Rio de Janeiro - RJ.
VIDEOTEC COMÉRCIO - C/REPRESENTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA. - SCRN, 704/705, Bl. H, Loja 9, Tel.: (061)274-9805, CEP 70000, Brasília - DF.
VIDEOTRON - Getúlio Araújo de Miranda - Rua Mundurucus, nº 114, Centro, Tel.:(092)233-2633, CEP 69003, Manaus - AM.
VIDEO CHECK SISTEMA ELETRÔNICO - Travessa 14 de Abril, nº 1.674, São Brás, CEP 66030, Belém - PA.
ELETRÔNICA HIGHTEC S/C LTDA. - Rua Pandia Calogeras, nº 139, Jardim Shangri-La, Zona A, CEP 86070, Londrina - PR.

Digital Audio & Video

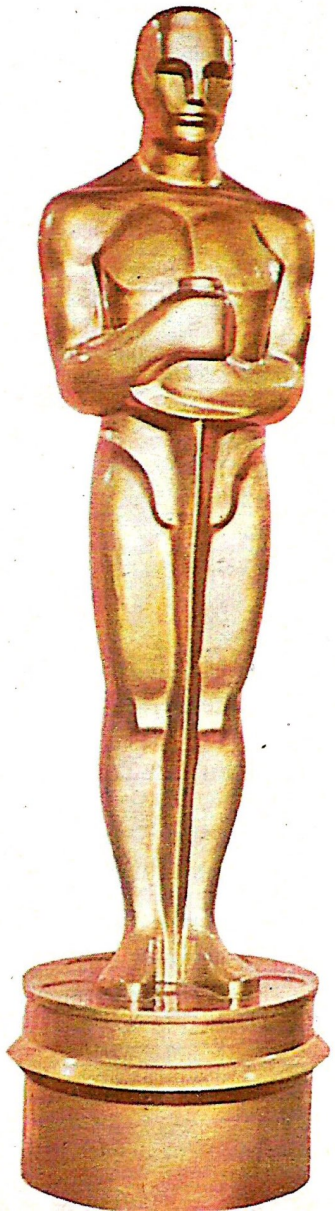
AIWA®

OSCAR 90

A estatueta faz a fama. Não faz sempre justiça. Aqui, as chances de cada um dos indicados para o dia 26

FILME:

Nascido em 4 de Julho continua favorito, não se iludam. Não apenas porque a Academia adora Stone e seus dramas de guerra (e consciência) mas principalmente porque o filme aparece em categorias mais "nobres" que o segundo favorito, *Driving Miss Daisy* — inclusive no item "Melhor Diretor", que, segundo a "escrita" do Oscar, continua a acompanhar sempre o vencedor em "Melhor Filme". Por essa lógica, *Sociedade dos Poetas Mortos* e *My Left Foot* têm mais chances que *Campo dos Sonhos*, porque seus diretores estão indicados.



DIRETOR:

Aplicando a mesma regra, ao inverso — diretores indicados cujos filmes também estão na lista — confirma-se o favoritismo de Oliver Stone e *Nascido em 4 de Julho*, seguido de perto por Peter Weir e *Sociedade dos Poetas Mortos* e Jim Sheridan com *My Left Foot*. Woody Allen e seu *Crimes e Pecados* têm o reforço de uma indicação para o prêmio da Director's Guild of America (que Weir e Stone também têm) e Kenneth Branagh, com *Henry V*, é o grande (mas possível) azarão.

ATRIZ:

A verdadeira disputa será entre Michelle Pfeiffer, que já ganhou um Golden Globe pelos biquinhos, muxoxos e coxas de fora em *Fabulous Baker Boys*, e Jessica Tandy, que também ganhou um Globe pelo show de interpretação que dá em *Driving Miss Daisy*. Além disso, ela tem a vantagem da idade, que sempre comove a Academia. As outras três devem-se considerar premiadas por estarem na lista.

ATOR:

Tom Cruise continua favorito. Até porque a Academia se sente endividada com ele desde *Rain Man*. Mas agora Morgan Freeman (*Driving Miss Daisy*) é uma ameaça séria, e pode virar a mesa se a Academia resolver votar "engajado", ou seja, num ator negro e maduro, só para mostrar sua isenção e modernidade. Kenneth Branagh e Daniel Day Lewis, premiados por associações de críticos, são os mais cotados imediatamente após. Robin Williams, coitado, deve ficar de novo apenas com a indicação.

ATRIZ COADJUVANTE:

Aqui pode dar de tudo, embora Anjelica Huston tenha um *lobby* forte junto à Academia, e Julia Roberts tenha ganho um Golden Globe por sua xaroposa performance nessa melação sem fim que é *Flores de Aço*. Premiar Dianne Wiest seria um belo gesto da Academia — resta saber se ela está disposta a fazê-lo, já que Wiest é uma nova-iorquina renitente, que não gosta de pedir a bênção aos poderosos de Hollywood.

ATOR COADJUVANTE:

Categoria cheia de surpresas — Dan Aykroyd? Marlon Brando? Os favoritos, sem dúvida, são Denzel Washington, que já ganhou (com justiça) um Golden Globe por *Tempo de Glória*, e Martin Landau, que, além do impecável brilho de sua atuação em *Crimes e Pecados*, também tem a boa vontade da Academia a seu favor desde a indicação por *Tucker*. Danny Aiello seria, novamente, um belo gesto, mas Hollywood não parece muito inclinada a cobrir *Faça a Coisa Certa* de láureas.

CANÇÃO/TRILHA SONORA:

Num ano com bons competidores, para variar — todas as canções indicadas são altamente audíveis, incluindo até uma de Randy Newman —, *Little Mermaid* deve levar esta dupla glória — e com absoluta justiça. A única dúvida: a melhor canção será a salerosa "Under The Sea" ou a romântica "Kiss The Girl"? De todo modo, as duas propiciam divertidos números musicais para quebrar a monotonia da festa.

FILME ESTRANGEIRO:

Cinema Paradiso era o grande favorito até *Camille Claudel* disparar com mais uma indicação para Isabelle Adjani. Agora, a disputa será acirrada.

Ana Maria Bahiana,
de Los Angeles ET

AS INDICAÇÕES

FILME

- Nascido em 4 de Julho - Sociedade dos Poetas Mortos - Driving Miss Daisy - Campo dos Sonhos - My Left Foot.

DIRETOR

- *Oliver Stone* (Nascido em 4 de Julho) - *Woody Allen* (Crimes e Pecados) - *Peter Weir* (Sociedade dos Poetas Mortos) - *Kenneth Branagh* (Henry V) - *Jim Sheridan* (My Left Foot).

ATOR

- *Kenneth Branagh* (Henry V) - *Tom Cruise* (Nascido em 4 de Julho) - *Morgan Freeman* (Driving Miss Daisy) - Daniel Day Lewis (My Left Foot) - *Robin Williams* (Sociedade dos Poetas Mortos).

ATRIZ

- *Isabelle Adjani* (Camille Claudel) - *Pauline Collins* (Shirley Valentine) - *Jessica Lange* (Music Box) - *Michelle Pfeiffer* (The Fabulous Baker Boys) - *Jessica Tandy* (Driving Miss Daisy).

ATOR COADJUVANTE

- *Danny Aiello* (Faça a Coisa Certa) - *Dan Aykroyd* (Driving Miss Daisy) - *Marlon Brando* (Assassinato Sob Custódia) - *Martin Landau* (Crimes e Pecados) - *Denzel Washington* (Tempo de Glória).

ATRIZ COADJUVANTE

- *Brenda Fricker* (My Left Foot) - *Anjelica Huston* (Enemies, A Love Story) - *Lena Olin* (Enemies, A Love Story) - *Julia Roberts* (Flores de Aço) - *Dianne Wiest* (O Tiro não Saiu pela Culatra).

FILME ESTRANGEIRO

- Camille Claudel (*França*) - Cinema Paradiso (*Itália*) - Jesus de Montreal (*Canadá*) - Santiago, The Story of his New Life (*Porto Rico*) - Walizing Regize (*Dinamarca*).

ROTEIRO ORIGINAL

- Crimes e Pecados (*Woody Allen*) - Sociedade dos Poetas Mortos (*Tom Schulman*) - Faça a Coisa Certa (*Spike Lee*) - sexo, mentiras e videotapes (*Steven Soderbarah*) - Harry e Sally - Feitos um para o Outro (*Nora Ephron*).

ROTEIRO ADAPTADO

- Nascido em 4 de Julho (*Oliver Stone e Ron Kovic*) - Driving Miss Daisy (*Alfred Uhry*) - Enemies, A Love Story (*Roger L. Simon e Paul Mazursky*) - Campo dos Sonhos (*Phil Alden Robinson*) - My Left Foot (*Jim Sheridan e Shane Connaughton*).

EFEITOS ESPECIAIS

- O Segredo do Abismo (*John Bruno, Dennis Muren, Hoyt Veetman e Dennis Skotak*) - As Aventuras do Barão de Munchausen (*Richard Conway e Kent Houston*) - De Volta para o Futuro II (*Ken Ralston, Michael Lontieri, John Bell e Steve Gawley*).

FOTOGRAFIA

- O Segredo do Abismo (*Mikael Salomon*) - Blaze, o Escândalo (*Haskell Wexler*) - Nascido em 4 de Julho (*Robert Richardson*) - The Fabulous Baker Boys (*Michael Ballhaus*) - Tempo de Glória (*Freddie Francis*).

MAQUIAGEM

- *As Aventuras do Barão de Munchausen (Maggie Weston e Fabrizio Sforza)* - Dad (*Dick Smith, Ken Dlaz e Greg Nelson*) - Driving Miss Daisy (*Manlio Rocchetti*).

TRILHA SONORA

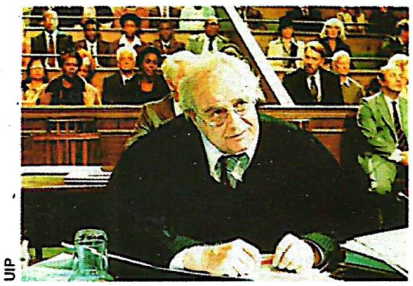
- Nascido em 4 de Julho (*John Williams*) - The Fabulous Baker Boys (*David Grusin*) - Campo dos Sonhos (*James Horner*) - Indiana Jones e a Última Cruzada (*John Williams*) - The Little Mermaid (*Alan Menken*).

CANÇÃO

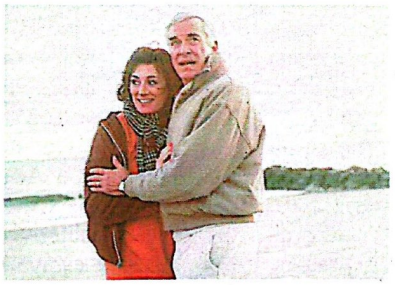
- *"After All"*, de Chances Are (*Tom Show e Dean Pitchford*) - *"The Girl Who Used to Be Me"*, de Shirley Valentine (*Marvin Hamlisch e Alan e Marilyn Bergman*) - *"I Love to See You Smile"*, de O Tiro Não Saiu pela Culatra (*Randy Newman*) - *"Kiss the Girl"*, de The Little Mermaid (*Alan Menken e Howard Ashman*) - *"Under the Sea"*, de The Little Mermaid (*Alan Menken e Howard Ashman*).

Art Filmes

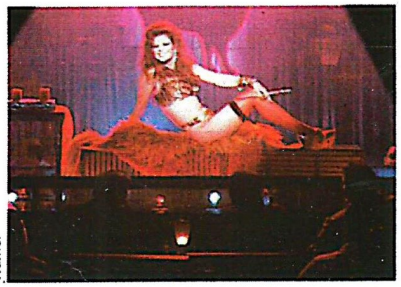
Art Filmes



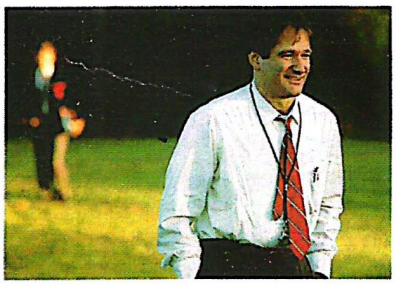
UIP



Fox



Warner



Warner

De cima para baixo: Michelle Pfeiffer, em The Fabulous Baker Boys, *disputa com Isabelle Adjani, de* Camille Claudel, *o título de melhor atriz. Marlon Brando, coadjuvante, volta às raias por* Assassinato Sob Custódia. Crimes e Pecados *apresenta seu maior concorrente, Martin Landau, ao lado de Anjelica Huston, outra coadjuvante.* Blaze — O Escândalo *está no páreo só por causa da bela fotografia. E Robin Williams tenta sua estatueta por* Sociedade dos Poetas Mortos

A HISTÓRIA DO TIO

Criado para moralizar a indústria cinematográfica, o Oscar tornou-se seu maior avalista

Desde os primórdios, o cinema foi acusado de corruptor da moral e dos bons costumes. Nos anos 20, não apenas se firmava como um interessante e rentável negócio, atraindo milhares de americanos às salas de exibição, como deixava-se cercar por uma aura de devassidão, luxúria e até crime — em 1921, a América, consternada e alarmada, tomava conhecimento das "festas selvagens" a que se dedicava um de seus ídolos, o comediante Fatty Arbuckle, e dos resultados fatais de uma delas, da qual uma atriz aspirante saiu para o hospital e a morte. Interessado em limpar a imagem do cinema e estabelecê-lo como um *business* legítimo, em janeiro de 1927, Louis B. Mayer, chefe de produção da Metro-Goldwyn-Mayer, unindo-se a outros líderes da indústria, resolveu fundar a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Entre os objetivos expressos de sua criação estavam elevar o nível artístico, educacional e científico dos filmes, fornecer um fórum para os diversos ramos e ofícios da indústria, incentivar a cooperação na pesquisa técnica e no progresso cultural e cumprir uma série de outras metas. Até mesmo o nome da Academia foi pensado para aumentar o *status* da indústria. Afinal, o exercício "das artes e ciências" não poderia ser considerado "imoral"

Roscoe "Fatty" Arbuckle e a vítima de suas jornadas orgiásticas, Virginia Rappe

MARIDO — Os pioneiros acadêmicos trataram logo de criar um eficiente instrumento de relações públicas, o *Academy Awards* (prêmios da Academia), estatuetas douradas mais conhecidas como Oscar e outorgadas desde o ano da fundação, 1927. A idéia do prêmio foi de Cedric Gibbons, principal diretor de arte da MGM, que apresentou um esboço do troféu ao escultor George Stanley. Este fez então o modelo, seguido fielmente até hoje, folheado a ouro em uma composição de 92,5% de estanho e 7,5% de cobre (durante a Segunda Guerra foram conferidas estatuetas de gesso, num esforço de economizar metal para armamentos). O pedestal se assemelha a um rolo de filme. O Oscar tem 34 centímetros de altura e pesa 3,850 kg.

Até 1934, o prêmio foi chamado apenas de estatueta de ouro. O apelido Oscar nunca se soube quem inventou. Bette Davis dizia que foi ela a primeira a chamá-lo assim porque ele se parecia com Harmon Oscar Nelson, com quem ela era casada na época. A versão mais conhecida e divulgada é que o "batismo" foi dado por Margaret Herrick, secretária da Academia, que o achou parecido com seu tio, Oscar Pierce. A terceira pessoa a se responsabilizar pelo batismo foi o colunista Sidney Skolsky, que se apoderou do nome e o publicou em sua coluna.

OMISSÕES NOTÓRIAS — Em seus 62 anos de existência, a Academia cresceu em tamanho (tem hoje 4 700 membros e ocupa um gigantesco prédio no coração de Beverly Hills, em Los Angeles), importância e poder: transmitida pela TV desde os anos 60, a entrega do Oscar chega a 80 países, mais de um bilhão de telespectadores, numa impressionante demonstração de poderio da indústria cinematográfica americana.

Para ser membro da Academia, o cidadão precisa ser convidado e, para ser convidado, precisa ter ou "um feito público e notório na área da indústria" (como um filme de grande importância e/ou sucesso), ou uma folha corrida de "serviços notáveis prestados à indústria" (na condição de executivo, produtor ou relações-públicas). A condição de membro da Academia é vitalícia, e, não importa onde o acadêmico more, ele será sempre contactado para a votação anual dos prêmios.

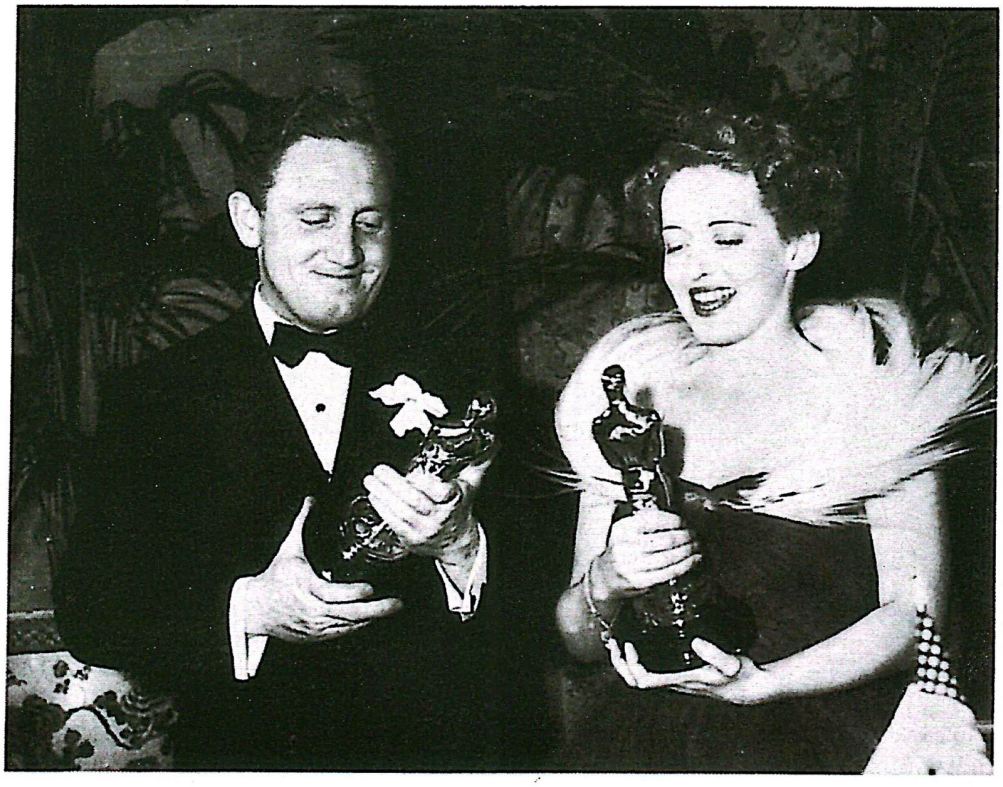
Embora seus métodos de escolha sejam considerados "democráticos", a Academia já cometeu omissões flagrantes, especialmente ao deixar de premiar artistas ou filmes reconhecidamente importantes. Quando os acadêmicos "esquecem" um nome, logo encontram maneiras de corrigir o erro. Greta Garbo nunca foi premiada, mas em 1955 recebeu um Oscar especial. D. W. Griffith (1874-1948), um dos pais do cinema americano, só foi premiado em 1935, quatro anos depois de ter abandonado a indústria e a profissão. Embora tenha sido o primeiro a concorrer simultanea-

OSCAR

mente nas categorias de produtor, diretor, ator e roteirista, por *Cidadão Kane* (considerado por muitos o maior filme de todos os tempos), Orson Welles (1915-1985) só ganhou como roteirista, ao lado de Herman J. Mankiewicz.

Em suas seis décadas de vida, enfim, a Academia mais errou que acertou. Apesar disso, o público continua prestigiando os filmes premiados. Dois dos maiores sucessos de bilheteria de todas as épocas — *...E o Vento Levou* e *A Noviça Rebelde* — foram recordistas de troféus. Seu valor, artístico ou comercial, é um fato e proporciona, a cada ano, uma memorável noite de gala, cheia de gafes e surpresas.

Mario Nery



Acima, Bette Davis, com Spencer Tracy, recebe o seu segundo Oscar, em 1938; ao lado, o homem da direita, Cedric Gibbons, o idealizador da estatueta

LETRAS SOBRE A ACADEMIA

A bibliografia nacional sobre a história do Oscar e de seus premiados não é extensa. Os nomes e categorias dos principais laureados constam do Almanaque Abril *(editado anualmente) e do livro* Tudo Sobre o Oscar, *da editora Brasil-América, em que o autor, Fernando Albagli, faz uma pequena biografia dos premiados entre 1927 e 1987. A única edição de* Tudo Sobre o Oscar, *de 1988, já está esgotada e, com alguma sorte, um ou outro exemplar pode ser encontrado nas livrarias.*

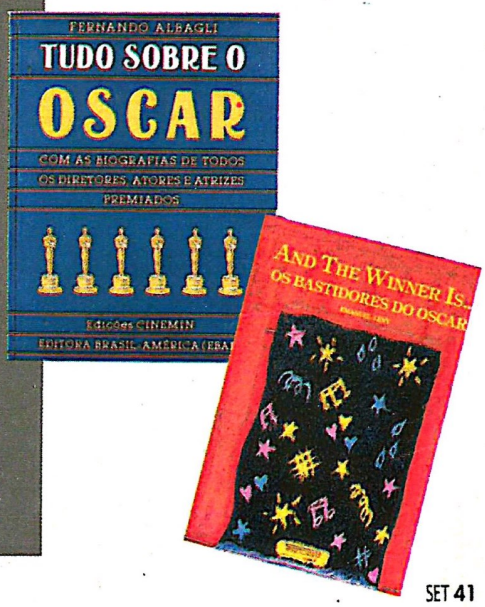
Felizmente, agora o público brasileiro passa a dispor de uma farta quantidade de informações sobre a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, sobre o Oscar e as normas que têm orientado a premiação no livro And the Winner Is... Os Bastidores do Oscar (And the Winner Is... The History and Politics of the Oscar Awards), *do sociólogo americano Emanuel Levy. Lançado nos EUA em 1987, e neste ano no Brasil pela editora Trajetória Cultural, trata-se de um excelente trabalho de pesquisa sócio-cultural do impacto do Oscar no país, fornecendo uma análise do comportamento dos membros da Academia na escolha de melhores filmes e artistas ao longo de décadas.*

Emanuel Levy, professor de sociologia da Universidade de Colúmbia, percebeu, por exemplo, que o fato de o votante ter direito à função durante toda a vida é o principal motivo pelo hiato de gerações entre a Academia, a audiência e os artistas. Em conseqüência, dramas "adultos" sempre têm mais chances de levar a estatueta.

Outros fatores levam o autor a concluir ainda que filmes sobre show-businnes *costumam freqüentar a lista dos agraciados.*

Essas não são as únicas regras relacionadas por Levy. Seu estudo é tão abrangente e fascinante quanto o próprio Oscar. Escrito em linguagem simples e direta, inclui uma acurada história do prêmio. É uma contribuição genuinamente sociológica para a própria história do cinema.

AND THE WINNER IS... — OS BASTIDORES DO OSCAR — Emanuel Levy — trad. Magda França Lopes — revisão técnica Charles Landini — Editora Trajetória Cultural, 419 p. TUDO SOBRE O OSCAR — Fernando Albagli — Edições Cinemin/Ebal, 334 p. ALMANAQUE ABRIL 1990 — Editora Abril, 16ª edição, 866 p.



COMO GANHAR UM

Ou as normas e artimanhas que levam um filme a concorrer e ganhar o prêmio da Academia

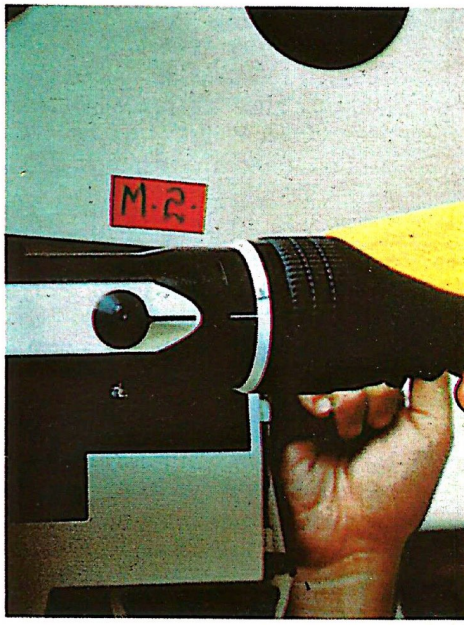
Para ganhar um Oscar, teoricamente, basta ter um filme comercialmente exibido na área urbana de Los Angeles e Nova York entre 1.º de janeiro e 31 de dezembro ou, no caso de um filme estrangeiro, ter sido mostrado a uma platéia pagante, em seu país de origem, dentro do mesmo prazo. Teoricamente também, segundo as minuciosas regras impressas num livreto distribuído pela Academia a seus membros, qualquer filme que assim se qualifique deve ser visto pelos acadêmicos dentro do prazo necessário para a votação — entre 1.º de janeiro e aproximadamente 10 dias antes do anúncio das indicações, ou seja, início de fevereiro. Cada um dos 13 diferentes "ramos" (branches) da Academia vota, então, em suas respectivas categorias: atores em atores, diretores de arte em diretores de arte etc. Os indicados nas categorias especiais — documentário, filme estrangeiro e maquiagem — são escolhidos por comitês de cinco a dez integrantes especialmente constituídos pela Academia. Todos os 4 700 integrantes votam sempre para as indicações da categoria "melhor filme" e, na segunda rodada, quando os cinco indicados em cada item concorrem, enfim, ao prêmio, todos os acadêmicos votam em todas as categorias.

Democrático, hem?

Nem tanto. Antes que você comece a ter sonhos dourados com relação àquele projetinho de filme que você desenvolveu na faculdade e a ensaiar seu discurso de agradecimento, permita-me informar que a realidade não é bem assim. Os venerandos membros da Academia jamais deram Oscar nas categorias competitivas para Charles Chaplin ou Steven Spielberg. Ambos receberam apenas prêmios de "consolação". Chaplin, pela "incalculável força de sua obra, que transformou o cinema na arte deste século", recebeu um Oscar honorário em 1971. Em 1928 já havia recebido outro Oscar esquisito, por sua "versatilidade" em *O Circo*. E, ironicamente, acabou faturando uma estatueta por melhor música original com *Luzes da Ribalta*, em 1972. Mas nunca melhor diretor ou melhor filme. Spielberg também vem sendo maltratado. Para alívio das más consciências da Academia, foi agraciado em 1987 com o prêmio "Irving G. Thalberg", como "produtor criativo cuja obra em conjunto reflete uma elevada e consistente qualidade de produção cinematográfica".

A rabujice dos acadêmicos não pára por aí. Em 1968, quando todo o mundo vinha abaixo com revoluções sociais, políticas e estéticas, eles houveram por bem coroar de estatuetas o açucarado musical *Oliver*, do qual, felizmente, todos já nos esquecemos.

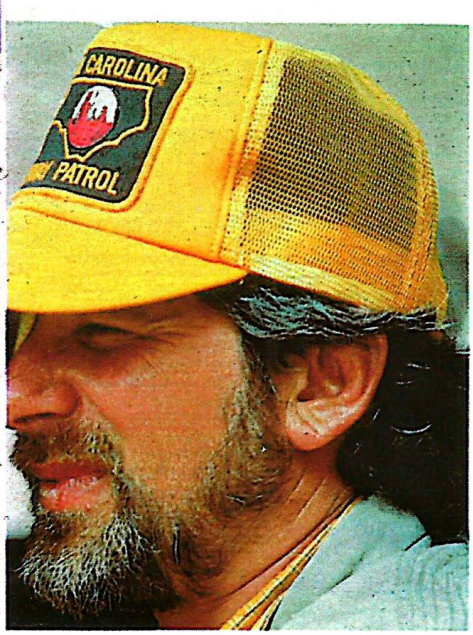
A prática, além da teoria, diz que, em primeiro lugar, os membros da Academia levam para seu voto as preocupações e prioridades (preferências, idiossincrasias e inclinações políticas) que os ocuparam o ano todo, como membros da indústria que são. Em segundo, eles não vêem todos os filmes que estão qualificados a concorrer, por pura falta de tempo — em média, cerca de 200 filmes caem dentro das especificações da Academia. E, em terceiro, os senhores votantes



são sensíveis a todo tipo de influência e cabala, desde os resultados de outras premiações (listas de críticos, os Golden Globe) até anúncios, cartinhas, *faxes*, telefonemas e outros mimos e mordomias dispensados pelos estúdios. Sem contar que, é claro, é permitido (e até esperado) votar em si mesmo — ou nos filmes do seu estúdio, exclusivamente. Na verdade, o único fator capaz de equilibrar, de alguma forma, a incrível tendenciosidade desse esquema eleitoral é, exatamente, o tamanho da Academia — com 4 700 pessoas votando, cabalas, votos de cabresto e bocas de urna precisam ter proporções monumentais para fazer efeito total.

BOMBONS E CHAMPANHE — Para realmente se habilitar ao Oscar, filme, artista ou técnico precisam, em primeiro lugar, estar na seleta lista de "recomendações" que os estúdios fornecem aos votantes, em anexo ao tedioso listão de concorrentes habilitados (que quase ninguém lê). Esses são os que de fato es-

OSCAR



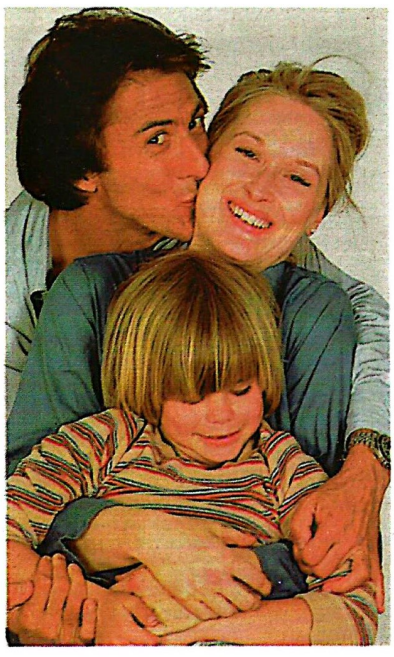
UIP

Maurice Bessy

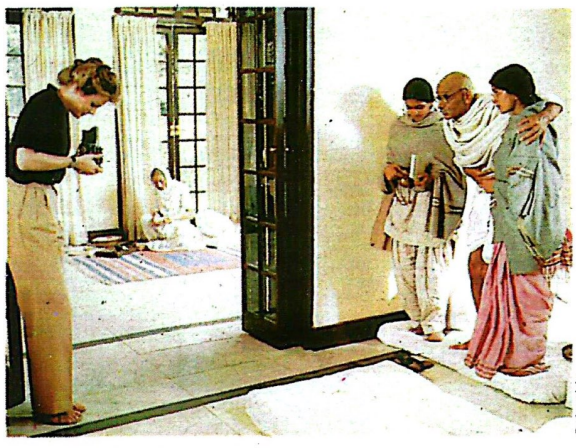
tão no páreo, coisa que é reforçada pelos constantes, crescentes anúncios que começam a aparecer nos jornais especializados a partir de janeiro, chamando a atenção dos acadêmicos para este ou aquele desempenho neste ou naquele filme — isso, adicionado às obrigatórias sessões para os votantes, em que, é claro, só são exibidos os "recomendados", muitas vezes acrescidos de "efeitos especiais", tais como uma caixa de bombons ou uma garrafa de champanhe para ser degustada durante a sessão. Sem falar no videocassete & fitas para que o eleitor possa rever o filme na privacidade de seu lar — as normas da Academia exigem que filmes concorrentes sejam vistos em cinemas ao menos uma vez.

Ganhar um ou mais globos de ouro, estar nas listas dos principais críticos, ser laureado por uma organização de classe (como a prestigiosa Directors Guild of America) também ajuda muito, não apenas porque indica uma tendência de voto, mas principalmente porque evita aos

Acima, Steven Spielberg e Charles Chaplin, dois laureados com prêmios de consolação. Abaixo, Kramer x Kramer, *com potes de lágrimas, assim como* Entre Dois Amores *(ao lado).* Gandhi *(abaixo, à direita) tem locações exóticas e História. Todos foram premiados*



Universal


Columbia

votantes mais preguiçosos o trabalho de realmente ter de ir a essas sessões todas e deliberar sobre os méritos individuais de cada concorrente. Não por acaso, todos esses outros prêmios são distribuídos entre janeiro e fevereiro, no auge da estação de escolha — para facilitar a vida dos operosos acadêmicos.

MANIPULAÇÃO DA MÍDIA — Estar num filme dramático ajuda demais — a Academia acredita, por consenso, que comédia é um gênero menor e evita o quanto pode oscarizar demais um filme "leve" — a última vez foi em 1977, com *Annie Hall*. Comédias, em geral, ficam com prêmios secundários, como os de atores coadjuvantes, canção etc.

Filmes fantásticos, de ação ou terror também não pegam bem fora da área técnica, onde costumam ser confinados (melhor som, maquilagem, efeitos especiais etc). Temas controvertidos politicamente explícitos também não são recomendáveis, a não ser que seu nome seja Oliver Stone e seu filme seja sobre o Vietnã: Stone é um mago das relações públicas e da manipulação da mídia, e o Vietnã é o grande calo na consciência que a América parece jamais fartar-se de purgar. Stone ganhou de A a Z em 1987, com *Platoon*, e deve ganhar de novo este ano, com *Nascido em 4 de Julho*, pelos mesmos motivos. E pelos mesmos motivos Spike Lee tem chances remotas com seu *Faça a Coisa Certa* (Lee tem uma atitude de desdenhosa hostilidade que a Academia detesta, e questões raciais são definitivamente tabu para o sr. Oscar, que, há dois anos, em plena festa da premiação, levou uma esculhambação em regra de Eddie Murphy, que praticamente chamou a Academia de racista).

Temas históricos ajudam mil por cento — a Academia adora premiar filmes "culturais", "importantes", com milhares de extras e milhões de dólares no orçamento, principalmente se o filme foi feito com locação em algum lugar distante e exótico: *Amadeus*, *Gandhi*, *Entre Dois Amores*, *O Último Imperador*, *Ben Hur*, *A Noviça Rebelde*, *Lawrence da Arábia* e *A Volta ao Mundo em 80 dias* têm isso em comum.

Bom negócio — o fator choradeira também é crucial —, depois de fatos históricos e *background* cultural, é um bom dramalhão, do tipo *Laços de Ternura*, *Kramer versus Kramer*, *Perdidos na Noite* e, é claro, *Rain Man*.

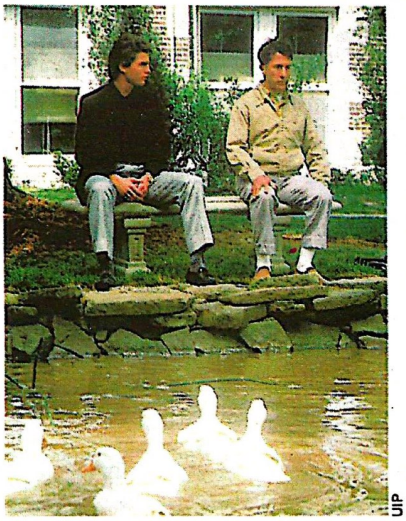
Um agente poderoso, um divulgador influente e a dose certa de complexo de culpa costumam ser uma fórmula imbatível: Tom Cruise, por exemplo, deve ganhar este ano porque tem os três (a Academia sentiu-se mal não premiando o rapaz por *Rain Man* e ficou constrangida com o discurso de Dustin Hoffman dividindo sua estatueta com ele, no ano passado).

Agora que suas ilusões foram dispersadas, fique sabendo que não ganhar um Oscar é quase tão bom quanto ganhar — quer dizer, se você, ao menos, cai na lista dos indicados. Estar ali representa, de cara, que seu cachê ou salário está imediatamente dobrado, e que seu filme terá um acréscimo de cerca de 40% na bilheteria, sem contar as belas oportunidades de fechar contratos de distribuição com mercados estrangeiros, redes de TV, vídeos domésticos.

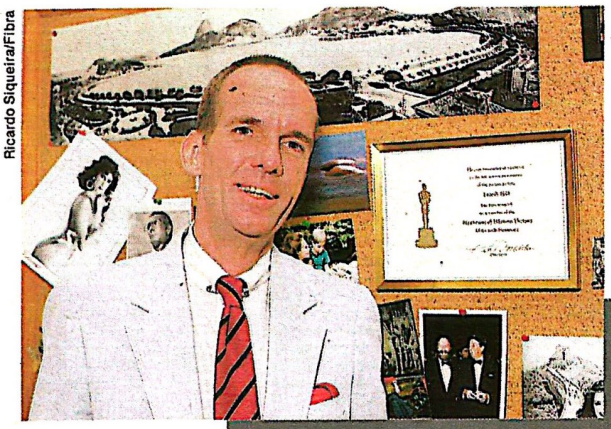
Por outro lado, ganhar um Oscar, embora represente tudo isso, numericamente, em dobro, muitas vezes acaba não sendo um bom negócio a longo prazo: as lojas de suvenires de Hollywood estão repletas de estatuetas douradas que um dia pertenceram a laureados pela Academia e que hoje, passadas adiante por seus endividados e esquecidos donos, podem ser compradas até por 50 dólares.

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Dustin Hoffman dividiu seu Oscar por Rain Man *com Tom Cruise*



UIP



Ricardo Siqueira/Fibra

Fred Sill, o voto na Academia que vem do Rio de Janeiro

UM VOTO NO BRASIL

Pouca gente sabe, mas um dos votos que definirão os vencedores do Oscar de 1990 está saindo do Rio de Janeiro. Fred Sill, 54 anos, há quatro no Brasil, como coordenador de publicidade da distribuidora UIP (United International Pictures), uma das majors *do mercado local, está fazendo este ano a sua estréia na Academia. "Estou certo de que o Oscar de melhor ator irá para Tom Cruise", avalia, entusiasmado. "Não apenas porque Tom Cruise faz um belo trabalho em* Nascido em 4 de Julho, *mas também para compensar a injustiça que fizeram com ele no ano passado. Pelo menos uma indicação ele merecia por sua atuação em* Rain Man." *Fred Sill, que é panamenho por nascimento e dono da nacionalidade americana também (em virtude de ser filho de americanos), está morando no Rio de Janeiro pela segunda vez. Ele viveu no Brasil durante os anos 60, quando trabalhava para a Paramount. Em geral, é menos orgulhoso com o fato de pertencer à Academia de Hollywood do que da caipirinha que aprendeu a preparar com os brasileiros. "Uma das melhores", garante.*

O 1º TIME DO VÍDEO. COM UM ANO DE GARANTIA.

GARANTIA 1 UM ANO

Uma verdadeira seleção:
HR D 440 M – 4 Cabeças Double Azimuth; NTSC/PAL-M automático; ON SCREEN; Controle Remoto Unificado (Vídeo/TV).
HR D 641 M – Mais compacto. 4 Head Double Azimuth, com exclusivo corte ovalado; NTSC/PAL-M automático; Sistema MENU na tela; Tape Counter em tempo real; Controle Remoto Unificado (Vídeo/TV), com 29 funções; Sintonizador para 181 canais (VHF/UHF).
CÂMERA VÍDEO MOVIE GR-60 U – 1,2 Kg; cabe na palma da mão; CCD de altíssima resolução; obturador de velocidade múltipla e Zoom de velocidade dupla, com posição macro.
Faça sua seleção e escolha. A JVC tem os mais avançados equipamentos, exclusiva Garantia de 1 ano, estoques de peças originais e uma completa rede autorizada, treinada pela própria JVC. Só a JVC mesmo.

À venda na Zona Franca de Manaus.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144

ITALIA'90
O vídeo oficial da Copa do Mundo 1990

JVC®

TECNOVIDEO é marca registrada da Tecnovideo Engenharia e Projetos Ltda.
JVC é marca registrada da Victor Company of Japan.

LOCO POR TI, AMÉRICA LATINA

Quase tropicalista, mas sem querer, o Festival de Havana promove o cinema que na América ficou do lado de baixo. E até que mostra coisas boas

Festivais de cinema estão cada vez mais parecidos entre si, sempre com a mesma receita de alta badalação e frenética preocupação comercial. A participação do público ou as discussões a respeito da estética cinematográfica tornam-se crescentemente secundárias. A exceção que resiste a essa pasteurização com mais intensidade é o Festival del Nuevo Cine Latinoamericano, que Cuba patrocina desde 1978, sempre no mês de dezembro.

O festival, nas suas propostas, discussões e nos filmes, vídeos e programas de televisão selecionados, é completamente voltado para a América Latina. Em Havana, uma cidade de dois milhões e 200 mil habitantes, existem 32 cinemas — 13 deles ocupados pela última edição do festival, a 11.ª — e um público absolutamente louco pela imagem, que tanto faz filas para assistir a histórias de ficção como documentários. E os cinemas, quase todos muito antigos, anteriores à revolução, têm sempre muito mais de mil lugares, podendo chegar a quase três mil, como no Yara (que foi construído nos anos 40 pela Warner e tem entre seus cinco campeões de bilheteria o brasileiro *O Cangaceiro*, exibido em Cuba em 1958), ou até quatro mil e 500 lugares, como no Teatro Carlos Marx — usado tanto para projeção de filmes como para teatro, shows e concertos.

Visto de Cuba, o cinema latino-americano parece extremamente forte. As sessões de *Jardim de Alah*, de David Neves, ou de *Kuarup*, de Ruy Guerra, que no Brasil tiveram praticamente de implorar um mínimo de atenção dos espectadores, provocaram filas, cordões de isolamento e até intervenção policial para disciplinar a multidão que ameaçava invadir os cinemas. Os cubanos desenvolveram uma extraordinária fascinação pelos filmes brasileiros, assim como não resistem também aos poucos filmes dos Estados Unidos que entram na ilha (no circuito comercial entre 10 e 15 ao ano, e sempre através de cópias doadas pelos próprios realizadores ou através de pontes com algum país da Europa). Havia filas e tumulto nos cinemas que durante o festival exibiram *Tough Guys Don't Dance*, que o próprio diretor, o escritor Norman Mailer, levou debaixo do braço como um presente (decepcionante, a julgar pela silenciosa recepção dos presenteados); *Assassinato sob Custódia* (*A Dry White Season* — aplaudido por multidões lacrimosas durante dez minutos após cada sessão); e *Faça a Coisa Certa* (*Do the Right Thing*), levado pelo próprio Spike Lee, que deixou a platéia extremamente perturbada, sem entender.

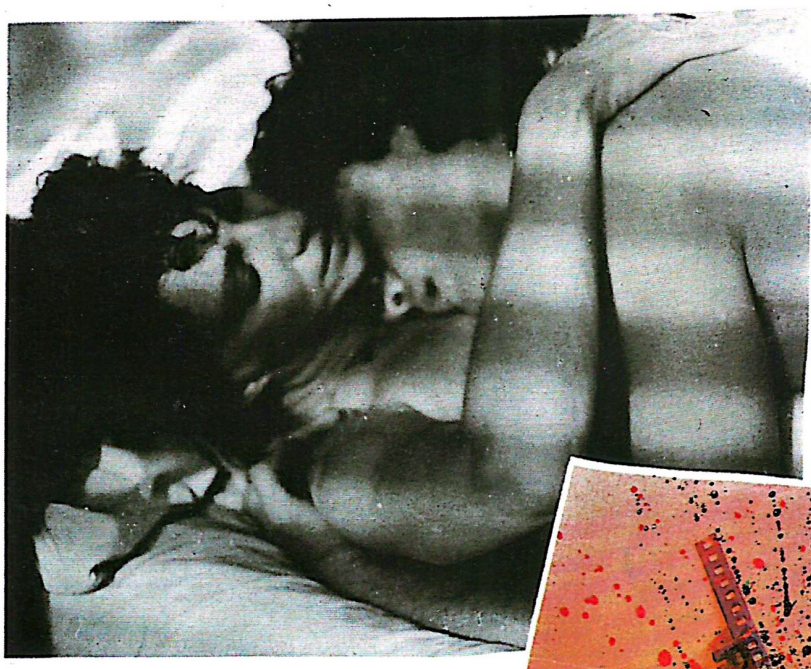
FOTO COM FIDEL — A relação dos cubanos com o filme é sempre quase que infantil: eles sentam e ficam esperando uma lição clara sobre Bem e Mal, bons e ruins. Quando a ordem não é direta e há meios-tons e entrelinhas, a compreensão se torna muito difícil. A coletiva de Spike Lee foi um bom exemplo. Depois de chocar os cubanos afirmando que o negro é sempre vítima de discriminação, "mesmo em Cuba", ele contou que ao falar com seu agente sobre sua ida ao festival, recebeu este conselho: "Se quer ir, vá com seu dinheiro, assim ninguém poderá falar nada. Mas não se deixe fotografar com Fidel, porque isso poderá lhe custar um Oscar". Só os jornalistas estrangeiros perceberam a brincadeira e riram — os cubanos ouviram como se fosse uma história séria. Apesar de tão bem recebidos, contudo, filmes brasileiros e norte-americanos são apenas os segundos na preferência cubana: eles amam acima de tudo o seu próprio cinema. Vão ver tanto os seus melhores quanto os seus piores filmes. *Venir al Mundo*, representante cubano no FestRio e um dos seis escalados para o Festival de Havana, foi visto por um

milhão de espectadores, ou quase dez por cento da população. E há filmes que já chegaram a dois milhões de ingressos, o que está previsto para *La Bella del Alhambra*, o favorito da platéia na seleção do país para o festival. Dirigido por Enrique Pineda Barnet, *La Bella* é uma irresistível mistura de musical e melodrama, a história de uma estrela (fictícia) de revista da primeira metade do século num célebre teatro de Havana. A trilha sonora é esplêndida, assim como a reconstituição de época (isso em Havana não é tão difícil) e os figurinos, o que dá ao filme uma aparência de superprodução — embora se garanta que seu custo pouco ultrapassou os 200 mil dólares.

Mas o melhor de tudo é a própria Bella, Beatriz Valdés: além de linda, canta, dança e representa impecavelmente. *La Bella del Alhambra* foi comprado para o Brasil pelo distribuidor Ugo Sorrentino, que adquiriu também o mais brilhante filme cubano de 1988, *Plaf*. Este é uma comédia inventiva e altamente crítica, dirigida por Juan Carlos Tabio. Sua atriz, Daisy Granados (uma espécie de Fernanda Montenegro da ilha, casada com o cineasta Pastor Vega, de *Retrato de Teresa*, exibido no Brasil) faz uma mulher emaranhada numa teia de complexo de perseguição, trabalho já premiado em vários festivais internacionais.

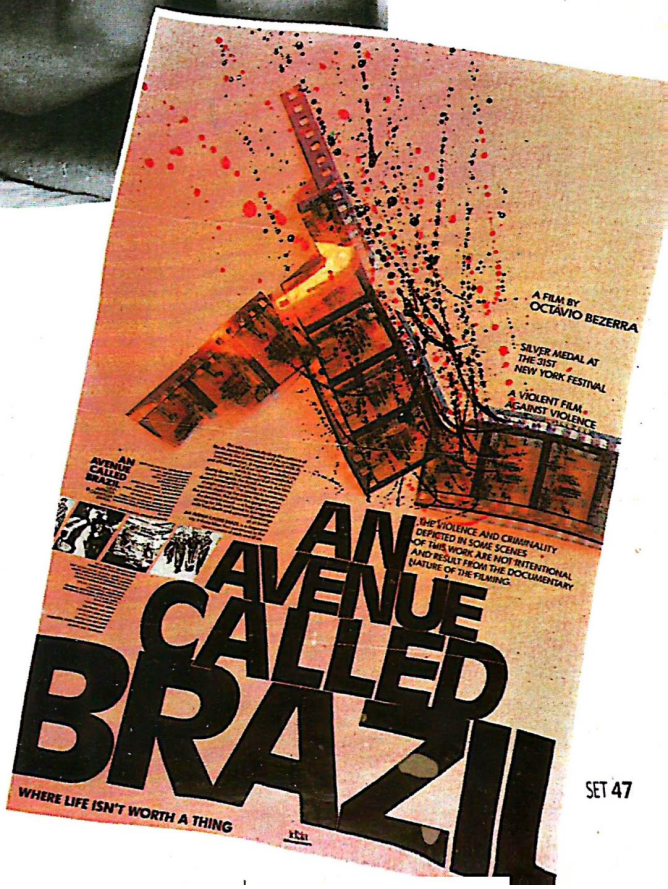
Atitudes profundamente críticas com relação à sociedade e o regime cubanos estiveram também em dois concorrentes do festival de 1989: *Papeles Secundários*, de Orlando Rojas, de encenação elegante e uma sensualidade nunca vista antes num filme cubano, já que a câmera de Rojas elege como seu objeto erótico não uma mulher, mas um homem (o estreante Ernesto Tapia, saído da Escola de Cinema e prêmio de melhor ator do festival) — ousadia diante do secular machismo da ilha; e mais ainda em *Vals de la Habana Vieja*, de Luis Felipe Bernaza. Essa comédia de costumes fala de sonhos e fantasias absolutamente burgueses. Uma mulher, síndica de um prédio chamado Viena, consegue driblar tudo e todos para fazer uma cinematográfica festa de 15 anos para sua filha — papéis interpretados pela veterana e grande atriz Ana Viña e pela novata Tahimí Alvariño. A comédia muda bruscamente de tom no último instante para encerrar-se como lancinante protesto, quando no momento da valsa e das fotografias o racionamento de energia devolve todos a uma realidade de sacrifícios e privações. Outro concorrente cubano do qual se esperava muito, *Bajo Pression*, não ficou pronto a tempo. Mas já se fala deste filme de Victor Casaus, sobre um operário-padrão em processo de reformulação de suas próprias convicções,

UIP



Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos

Acima, cena de Assassinato sob Custódia, *que levou os havaneses às lágrimas. Ao lado, o segundo lugar do festival, o ousado* Papeles Secundarios. *Abaixo, o cartaz brasileiro premiado*



La Bella del Alhambra, *produzido para dois milhões de ilhéus*

Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos

como "*O Homem de Mármore* do cinema de Cuba".

Outra grande marca cubana no festival foi a confirmação da excelência do seu cinema de animação, cujo nome mais importante é Juan Padrón, que neste ano vai dirigir um longa sobre Santos Dumont que será o primeiro produto de um acordo de produção entre a Embrafilme e o ICAIC (Instituto Cubano de Arte y Industria Cinematográficos).

O ano passado foi considerado como um dos melhores do cinema de Cuba, com uma produção total de 30 documentários, sete filmes de animação e 12 longas, sendo que seis deles em co-produção (com Espanha, México, Suíça, Peru, Venezuela e Hungria). Em 1990, a produção de longas deverá ser maior, e o mais ambicioso projeto é *El Reine Deste Mundo*, adaptação do romance de Alejo Carpentier a ser dirigida por Umberto Solás (o refinado cineasta de *Lucía*, uma espécie de Visconti do Caribe) e co-produzida por França e Espanha.

O XI Festival pode ser considerado um êxito. E não só pela extraordinária freqüência (além de Havana, os filmes passam ainda em outras sete cidades da ilha) ou pela presença de nomes famosos como Harry Belafonte, Geraldine Chaplin, Angela Molina, Vittorio Gassman, Michel Legrand, Johnny Mandel, o casal Alan & Marilyn Bergman — todos participando de um seminário sobre música no cinema e fazendo juntos um belíssimo concerto com orquestra sinfônica —, além dos já citados Norman Mailer e Spike Lee. O êxito ainda mais amplo foi reforçar uma unificação latino-americana também em termos de produção e de exibição. Claro que isso não chega a ameaçar a supremacia de Hollywood. Mas é altamente estimulante perceber que, visto de Havana, o cinema preserva com nitidez muito maior seu perfil de arte e ofício, que se não é capaz transformar a sociedade, pelo menos pode ajudar a entendê-la melhor.

Edmar Pereira, de Havana

Abaixo, Venir ao Mundo, *já exibido no FestRio e, mais abaixo,* Romero, *o melhor filme de temática latina dirigido por não-latino*

Fotos I.C.A.I.C.

Warner

OS VENCEDORES

Ficção:
1.º Coral: As Últimas Imagens de um Naufrágio, *de Eliseo Subiela (Argentina); 2.º Coral:* Papeles Secundários, *de Orlando Rojas (Cuba); 3.º Coral:* Morir en el Golfo, *de Alejandro Pelayo (México); Prêmio Especial do Júri,* La Nación Clandestina, *de Jorge Sanjinés (Bolívia); atriz: Noemi Frankel* (Últimas Imagens)*; ator: Ernesto Tapia* (Papeles...).

Documentário:
1.º Coral: Uma Avenida Chamada Brasil, *de Octavio Bezerra (Brasil); 2.º Coral:* Que Bom Te Ver Viva, *de Lúcia Murat (Brasil); 3.º Coral:* Desde Lejos *(Cuba); melhor curta:* A Mulher do Atirador de Facas, *de Nilson Villas-Boas (Brasil); melhor filme sobre tema latino dirigido por cineasta não latino:* Romero, *de Andrew Duigan (EUA); melhor cartaz:* Uma Avenida Chamada Brasil.

O júri não concedeu o Gran Coral, prêmio que destaca o melhor filme de todo o festival, entre ficção e documentário, por achar que não havia nenhuma obra nitidamente superior entre os vencedores nas duas categorias.

O prêmio de melhor roteiro inédito — outorgado por um júri próprio no valor de 120 mil dólares e ainda um investimento de 200 mil dólares da TV espanhola na produção — foi ganho por La Frontera, *de Larrain e Goldenberg (Argentina).*

Bons motivos para ficar em casa.

Desejo de Matar II
Finalmente em vídeo.
Charles Bronson no melhor
desta série.

Escola de Aeromoças
Com eles a loucura vai aos ares.
E você vai voar de tanto rir.

Ghandi
Ganhador de 8 prêmios Oscar.
Uma história que
emocionou o mundo.

Travessuras Amorosas de um Diabo Adolescente
Um belo rapaz namora uma moça.
Até que ele começa a ter
garras...

Totalmente Selvagem
A beleza de Melanie Griffith
num filme moderno e sensual.

RCA
Columbia Pictures
INTERNATIONAL VIDEO

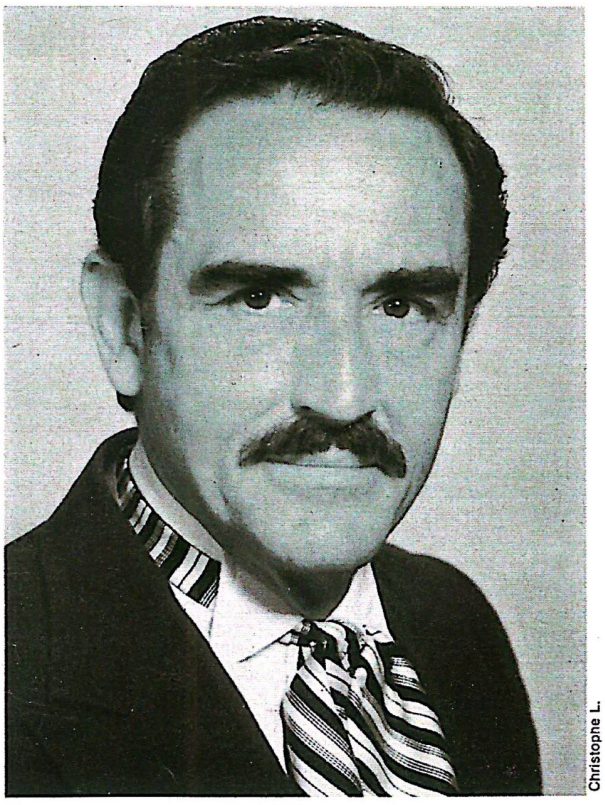
LK-TEL VIDEO

Rua Rosa e Silva, 211 São Paulo SP (011) 825 5061 e 826 8357

VITTORIO GASSMAN

Ele é uma instituição. É de carne e osso, com dois metros de altura. Em Cuba, em dezembro, falou com exclusividade a SET

Aos 69 anos de idade, mais de 100 filmes, 130 peças de teatro, quatro filhos de quatro casamentos e às vésperas de publicar seu terceiro livro (*Memórias do Sótão*, seu primeiro romance), Vittorio Gassman, do alto de seus quase dois metros de altura, anuncia mais uma certeza: "Acho a neurose uma coisa vital, não se pode viver bem sem neurose". A declaração está sendo feita em Havana, Cuba, no último mês de dezembro. Gassman foi um dos convidados do Festival do Novo Cinema Latino-Americano. Homenageado com uma projeção de *Perfume de Mulher* (*Profumo di Donna*), que lhe deu o prêmio de melhor ator no Festival de Cannes, em 1975, ele retribui generosamente a homenagem: primeiro, com um recital de poesias, que tem como coadjuvante seu belo filho Alessandro, com quem dirigiu e interpretou o filme autobiográfico *De Pai para Filho* (*Di Padre in Figlio*, 1982); depois, com uma longa aula de interpretação e um debate com os alunos da Escola de Cinema de San Antonio de los Baños.



Christopne L.

Em Havana, como em qualquer outro lugar do mundo, de Roma a Hollywood, passando pelo Rio e São Paulo — cujos palcos já hospedaram várias vezes seu talento — este italiano de Gênova é o mesmo homem elegante, vaidoso, bom contador de histórias. E, tanto quanto seus fãs, um admirador do próprio talento: cercado por quase três mil espectadores no Cine Yara, assistiu ao seu desempenho como o amargo capitão cego em *Perfume de Mulher* — um dos 15 filmes que já fez com Dino Risi, "meu verdadeiro caso de amor no cinema" — praticamente sem tirar os olhos da tela. Risi é responsável por seu maior êxito, *Aquele que Sabe Viver* (*Il Sorpasso*, 1962). "Um grande amigo, filmar com ele é um passaporte garantido para se sair de qualquer crise. Tenho absoluta confiança nele quando estamos trabalhando", diz Gassman. Os dois estão de novo filmando juntos, numa "comédia dramática, onde faço um louco"

Mas Gassman tem três outros diretores-fetiches em sua carreira: "O primeiro foi Mario Monicelli, responsável por meu primeiro filme humano, *Os Habituais Desconhecidos* (*I Soliti Ignoti*, 1958), e responsável também por outros dos meus filmes favoritos, *A Grande Guerra* (*La Grande Guerra*, 1958) e *Brancaleone* (1965), com uma seqüência menos feliz em 1970). Gosto muito também de Ettore Scola, um intelectual, um sujeito com quem se pode conversar dias e dias seguidos sem que ele esgote suas idéias ou esgote a vibração do ouvinte. Gosto de todos os filmes que fizemos juntos e não consigo escolher um favorito entre *La Terraza*, *Nós que Nos Amávamos Tanto* (*Ceravamo Tanto Amati*) e *A Família* (*La Famiglia*)".

QUASE GÊNIO — O quarto favorito de Gassman não fala italiano — o que não cria nenhuma barreira lingüística, já que ele fala um inglês suficiente, embora com sotaque, além de francês e espanhol. É Robert Altman, que o convocou a Hollywood para *Cerimônia de Casamento* (*A Wedding*, 1978) e *Quinteto* (*Quintet*, 1979). O primeiro foi muito bem-sucedido, mas é do segundo, um fracasso, que o ator guarda as lembranças mais fundas: "Este filme foi uma experiência muito particular, era baseado em algumas idéias de Jorge Luis Borges. Não foi bem-sucedido, mas a acho que valeu a pena. Pude trabalhar com Fernando Rey, grande ator e grande amigo; com Paul Newman, um dos homens mais belos e gentis que conheci; com Bibi Anderson, uma das minhas atrizes favoritas. É sempre melhor fazer tentativas com um quase gênio, como Altman, e quase gênio para mim é uma coisa apenas ligeiramente diferente de um imbecil. Altman trabalhando é exatamente o contrário de Ettore, que já tem tudo o que vai fazer anotado no roteiro. Em *Cerimônia de Casamento* os quarenta personagens do filme tinham apenas nome, idades e pequenas informações. Ele ia pedindo a cada ator durante as filmagens sugestões que ajudassem a

história a avançar".

Antes que Monicelli o escolhesse para *I Soliti Ignoti*, Gassman, que fez sua estréia no teatro em 1943 e no cinema três anos depois, em *Prelúdio de Amor*, já havia participado de 28 filmes, sempre medíocres, embora fosse um grande nome dos palcos. Seu talento, e naturalmente sua beleza de irresistível *latin lover* levaram-no a ser cooptado pelos dólares americanos entre 1952 e 1954. "Não tenho nada de bom para dizer sobre essa época. Artisticamente foram os piores anos da minha vida. Eram também maus tempos para a indústria. A grande época romântica havia acabado, tudo ficara muito convencional. E Hollywood não distinguia entre um italiano, um espanhol, um cubano ou um francês — todo mundo era *latin lover*. Bem, devo reconhecer, modestamente, que naquela época eu tinha um físico, atraia atenções. Pessoas vinham falar comigo. *'So you're Vittorio Gassman'*, diziam. *'Italian? '*. Eu respondia *'Yes'*. E elas: *'Oh, buenas noches'*. E eu: *'V'affanculo! '."*

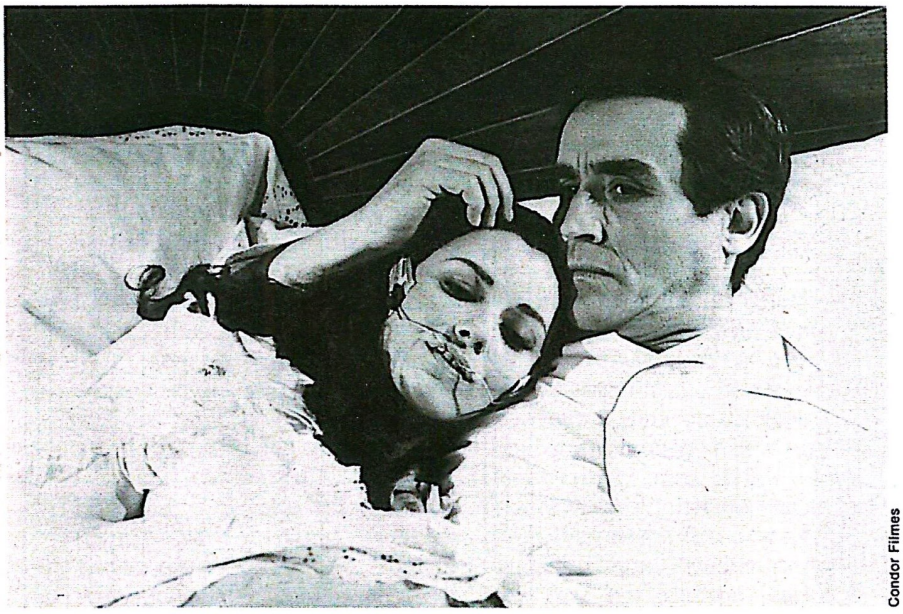
Nessa fase hollywoodiana ele foi ator de *México dos meus Amores* (*Sombrero*, 1953), com Pier Angeli, e de *Rapsódia* (1954), onde seus dois metros de altura eram amados pelo metro e meio de Elizabeth Taylor. Mas entre tantas ofertas, seu coração optou pela então *sexy* Shelley Winters. Estava separado de sua primeira mulher, a atriz italiana Nora Ricci (com quem teve uma filha, Paola, também no teatro, mãe de sua neta Simona, a responsável, desde 1987, por sua precoce condição de bisavô de uma menina). Com Shelley teve um relacionamento conturbado e uma filha, Vittoria, que viveu sempre com a mãe. Separaram-se quando Gassman retornou à Itália para interpretar Hamlet e apaixonou-se pela Ofélia da montagem, a linda Anna Maria Ferrero, então com apenas 16 anos.

Ao contrário do que se imaginava, este grande sedutor não se casou com a irmã mais jovem de Pier Angeli, assim como não se casaria com Giorgia Moll, outra atriz com quem viveu. Não resis-

Keystone

Christopne L.

Com Stefania Sandrelli em Nós que nos Amávamos Tanto *(abaixo), com Catherine Spaak em* Brancaleone *(acima) e, ao lado, em* Telefones Brancos, *alguns de seus filmes prediletos*



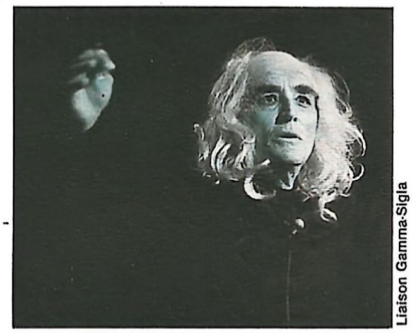
Condor Filmes

tiria, porém, aos olhos claros da francesa Juliette Mayniel, lançada por Roger Vadim, mãe de Alessandro, de 25 anos. Mas Juliette não seria a mulher definitiva — aliás, Gassman se recusa a falar de casamento para sempre. Há dez anos está casado com Diletta D'Andrea, antes casada com seu grande amigo e diretor Luciano Salce (que trabalhou no TBC e dirigiu filmes na Vera Cruz, como *Floradas na Serra*). Diletta lhe deu mais um filho, Jacopo, com nove anos.

VERDADEIRA VOCAÇÃO — O corpo permanece ereto e absolutamente magro, mas a barba, meio rala, é grisalha e há muitos sulcos ao redor dos olhos. Sua amiga, e parceira em sete filmes (de *Arroz Amargo*, de 1948, até *Barrabás*, de 1961), Silvana Mangano, dez anos mais nova, acaba de se despedir. Ele sente, mas não lhe assusta a sombra da morte: "A profissão já comeu a maior parte da minha vida". Enumera recordações da Academia Dramática de Roma (colega de Salce e de Lea Padovani), onde entrou por insistência de sua mãe ("uma atriz frustrada, que queria se realizar através do filho"); entusiasma-se com sua própria escola de arte dramática, estabelecida em Florença, a Bottega Degli Attori, "onde tentamos uma busca entre o artesanato e a alquimia, sempre com o triunfo das idéias sobre as ideologias"; lembra que sua verdadeira vocação era a literatura, que só veio realizar nos últimos anos. Sua autobiografia, *Un Grande Avvenire Dietro le Spalle*, foi best-seller na Itália, seguida dois anos depois por um livro de poemas, *Vocalizes*, e, agora, pelo novo romance.

Parar, nem pensar. Além dos filmes programados, trabalha num projeto teatral ambicioso: um espetáculo fundindo cinco peças sobre o rei Édipo, incluindo a visão moderna deste mito feita por Pasolini em *Affabulazione*, que representou com o filho Alessandro. Acha que o cinema italiano está passando por uma crise profunda, tanto econômica quanto de idéias ("Aguardo ansioso sinais de renascimento"), e que a grande época da comédia do seu país acabou. Assim como acha Pirandello o maior autor, elege Fellini o maior cineasta, embora nunca tenha trabalhado com ele — e nem com Visconti, Antonioni ou Pasolini. "Mas não lamento tanto assim. São diretores que não têm tanta necessidade do ator, que sempre ficará à sombra deles. Meus maiores êxitos foram com diretores bons, mas não necessariamente geniais."

Edmar Pereira



Liaison Gamma-Sigla

Paris Filmes

Acima, Gassman no palco como Pierre Perrin. *Ao lado, em* La Famiglia, *de Scola, "um intelectual".*

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 224-0655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 247-1022
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

SET-33

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____

Código de assinante _____

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____ Telefone _____

Cidade _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

por Marcos Smirkoff

BRAZIL – O FILME

(Brazil, 1985)

Gostar de cinema significa, às vezes, tirar prazer de um bom pesadelo. Entre os sonhos maus que mais me fascinaram está uma terrível comédia embalada por um tema de Ary Barroso — *Brazil*, o terceiro longa-metragem de Terry Gilliam, o ianque na corte maluca do grupo Monty Python.

Educado em imagens pela escola nonsense de Pernalonga e Patolino, não tive como escapar da admiração por *Brazil*. Tal como os velhos desenhos da Warner, o filme junta virtuosismo visual e narrativo a uma perversidade minuciosa.

A ambientação vem da fábula totalitarista *1984*, de George Orwell. Mas o espírito de paródia, que cruza Kafka e Cervantes no mesmo departamento, lembra a gozação de Orwell por Anthony Burgess, em seu livro *1985*. Do mesmo jeito que Búrgess, Gilliam injeta doses de Inglaterra atual no esquema básico de burocracia e opressão.

No lugar do oprimido Winston Smith, de Orwell, está Sam Lowry (Jonathan Pryce), funcionário de futuro na manipulação de informações, mas aprisionado numa vida muito besta. Pryce ilustra perfeitamente o isolamento absurdo de Sam, caracterizando-o como um daqueles heróis ingênuos de Frank Capra.

O escape para Sam é sonhar que é um super-herói alado. No delírio, ele encontra sua Dulcinéia, que mais tarde vai descobrir encarnada numa motorista de caminhão e terrorista nas horas vagas, Jill Layton (Kim Greist). Quando ele resolve viver, o destino e o sistema desparafusam seus planos.

Com *Brazil*, Gilliam se afirmou como um dos diretores mais talentosos a declarar o cinema como veículo por excelência da ilusão. Seu estilo parece o de um Fellini liberto da própria memória, que reconstrói o mundo com a ferramenta amoral da "gag", do trocadilho espontâneo. Em *Brazil*, a idéia é aplicada com brilhantismo e crueldade, com a pretensão aplacada pela ingenuidade de Sam.

A linguagem cinematográfica é um dos alvos dessa crueldade. Um travelling por uma rua acaba revelando que ela não passa de uma maquete. O perfeito visual "futuro do pretérito" vai buscar graça nos cenários de Fritz Lang, ou em externas que parecem ter saído de um seriado de Gerry e Sylvia Anderson (como *Thunderbirds* ou *Stingray*).

Gilliam está à vontade quando expressa alguma amargura. O melhor de suas *Aventuras do Barão Munchausen* eram as espetaculares aparições da morte. *Brazil* concentra amargor em altas doses, mesmo em cenas como a do escritório do torturador Jack Lint (Michael Palin), em que a filha do sujeito brinca enquanto ele arranca sangue de uma vítima na sala ao lado, ou em um vagão do metrô, em que apenas homens saudáveis estão sentados enquanto uma senhora perneta se equilibra junto à porta.

O desfecho da história, que acabou dando briga com os produtores, é como uma gargalhada sobre a solução de Ridley Scott para o final de *Blade Runner*. Mas, pesadas as circunstâncias, até que Sam se dá bem. O cinema encontrou um paraíso para ele.

Marcos Smirkoff, 26, é desenhista, músico às vezes, e colaborador das revistas *Set*, *Bizz* e do jornal *Folha de S. Paulo*.

Crueldade em forma de linguagem cinematográfica

OINGO BOINGO

NO BRASIL

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

TUDO SOBRE A BANDA DO MOMENTO.

vídeo & EQUIPAMENTOS

O Ano das TVs UHF

A Partir de 1990, Nove Emissoras Investem na Segmentação do Público, com uma Programação Alternativa às Grandes Redes

Página 58

Nas Locadoras

Três Obras de Hal Ashby: *Muito Além do Jardim*, *Amargo Regresso*, *A Última Missão* e mais 29 Lançamentos do Mês

Página 62

Fotos Carlos Mancini/Azul

Dr. VÍDEO

A Saúde do seu Vídeo e Câmera

CENTRAL DE ATENDIMENTO
De segunda à Sábado tel.: (011) 581-4633

- PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS
- INFORMATIZAÇÃO
- CENTRAL DE ATENDIMENTO
- EQUIPE VOLANTE
- SEGURO DE EQUIPAMENTOS

Com nossa equipe de profissionais aliada a um sistema inteligente e rápido de retirada e entrega de equipamentos, damos a você a garantia do bom atendimento que procura, com garantia de um ano. Consulte-nos

ACEITAMOS TODOS
OS CARTÕES DE CRÉDITO

Dr. VÍDEO

JARDINS: Av. Rebouças, 1678
MOEMA: Av. Rouxinol, 1056
LAPA: R. Clélia, 1131
SANTANA: R. Voluntários da Pátria, 1141

SAÚDE: R. General Chagas Santos, 195 - sobreloja
SÃO CAETANO DO SUL: Av. Goiás, 2347
SANTOS: Av. Vicente de Carvalho, 80 Gonzaga T. 31 8163

ALÉM DA IMAGINAÇÃO

Você vai tremer de medo com a revista Terror e Ficção. Os lançamentos e as novidades mais macabras do cinema e vídeo estão reunidas nesta edição que vai deixar você de cabelos em pé.

GRÁTIS 2 SUPERPOSTERS

FREDDY KRUEGER E A MOSCA

EDITORA AZUL

Já nas bancas.

Rui Mendes / Azul

Dupla Compatibilidade

Para fazer frente ao formato 8 mm, da Sony, a JVC, que agora está apostando pesado no VHS-*compact*, lançará em breve uma linha inteira de VCR (mas nenhuma camcorder) com dupla compatibilidade. Os novos VCR poderão receber tanto fitas em VHS como em VHS-C, sem necessidade de adaptador. Batizado de *Full Size/Compact Compatible Loading Mechanism*, retoma várias soluções já adotadas para os decks de discos CD multiformato. Segundo Yoshihiro Ueno, *manager* da JVC, a introdução do duplo formato poderá induzir ao sucesso definitivo do formato *compact*, que muitos consumidores ainda não vêem como um desenvolvimento do VHS.

Vídeo Automotivo

Um vídeo com tela de 14 polegadas montado no carro e ligado a uma emissora central. Esta é a última invenção da Toshiba. Na tela aparecem informações sobre o estado do trânsito num certo bairro ou num determinado caminho, com eventuais dicas para caminhos alternativos, com melhores condições de circulação.

A outra novidade da Toshiba em "vídeo automotivo" é um sistema com duas microcâmaras de vídeo instaladas na frente e atrás do carro, com sensores de comando sobre a velocidade e distância e uma voz sintetizada para comunicação com o motorista. Se der certo, o sistema, conhecido como LAN, permitirá dirigir sem preocupação com possíveis "engavetamentos" em estradas congestionadas.

Toshiba

Ilustração Luiz Gustavo

Photokina 90

Cinegrafistas e *videomakers* brasileiros podem concorrer a uma série de prêmios que a Photokina vai outorgar durante a feira anual (de 3 a 9 de outubro deste ano) de Colônia, na Alemanha. A Photokina é a maior feira do mundo em aparelhos de foto e filme profissional. Pela quinta vez, haverá concurso para as categorias filme de longa-metragem, filme para televisão, noticiários, relato/reportagem e documentário/filme cultural. O prazo final para inscrição é a primeira quinzena de junho de 1990. Informações podem ser obtidas junto à Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha (rua Padre João Manoel, 923, 7.º andar, CEP 01411, São Paulo. SP). Telefone: (011) 282-7555. Telefax: 282-7859.

Glasnost nas Telas da URSS

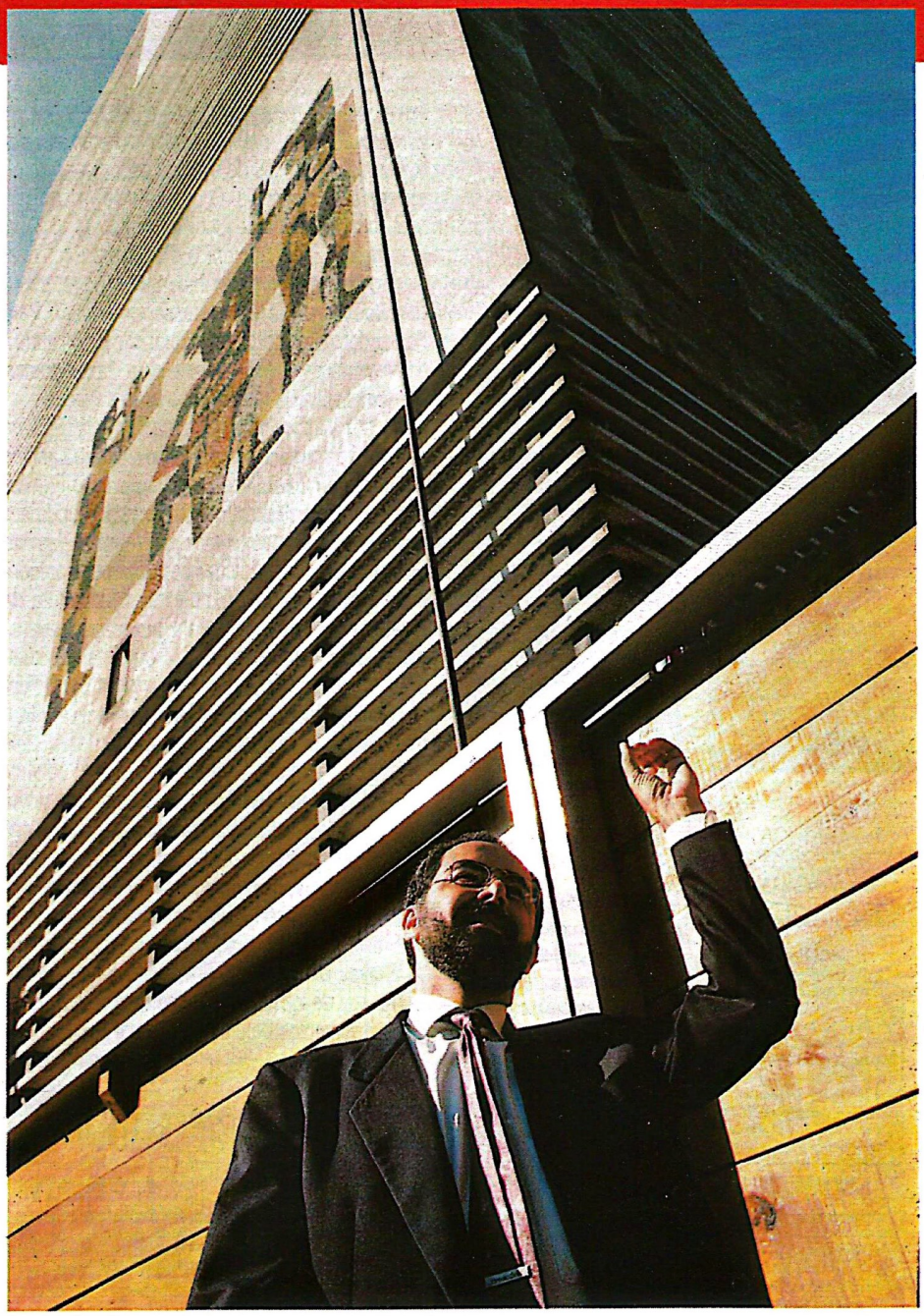
Só em 1987 a União Soviética legalizou o vídeo — de fato, uma das primeiras medidas ligadas à *glasnost* para o grande público. Até aí, vídeo era coisa *underground*, com fitas piratas contrabandeadas do Ocidente, e que as pessoas iam assistir em casas de amigos às escondidas. Agora, até na Sibéria — na terra do frio e dos "gulags" — já existem bares com vídeos bem equipados, o maior deles com 700 lugares e 40 monitores de TV. E quem faz o maior sucesso? Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger, naturalmente, em suas batalhas contra os vilões comunistas...

O Entretenimento Alternativo e Sofist das TVs UHF

Nove emissoras paulistanas entram no ar nos próximos meses a apostam milhões numa programação diversificada — com esportes, educação, musicais e shows —, servindo como opção às grandes redes

Fotos Rui Mendes / Azul

As antenas da TV Jovem Pan, em São Paulo: acima, a da Barra Funda (em construção) recebe sinais das unidades móveis; ao lado, a da avenida Paulista, que os transmite para o público



Marcos Amazonas, da TV Abril: "A segmentação é uma estratégia de sobrevivência"

icado

A maior novidade da televisão brasileira nos anos 90 chama-se TV UHF. Não se trata das estações retransmissoras espalhadas no interior do país. O UHF surge agora como a grande opção para novos canais geradores de programação própria. Corresponde à faixa de transmissão em *Ultra High Frequency*, que permite a operação de 34 canais por cidade (ao todo, cobre os canais 14 a 83). Nove estações de TV já foram concedidas pelo governo federal para a capital de São Paulo e alguns municípios vizinhos. Elas são: TV Jovem Pan (canal 16); Canal + (29); TV Abril (32 e 24); TV Alpha (50); TV LQ (21); TV ABC (40); Fundação Evangélica Trindade (53) e Paulista Metro (19).

A exploração destes 34 canais é conseqüência do esgotamento da faixa de transmissão VHF (*Very High Frequency* — canais 2 a 13), em que estão presentes as grandes redes, como a Globo, SBT, Bandeirantes e Manchete. As novas emissoras em UHF são o resultado do crescimento e da sofisticação do mercado consumidor como um todo, isto é, entram no ar com objetivo bem determinado: investir em públicos segmentados e ser alternativa de programação às grandes redes.

A primeira emissora a utilizar a freqüência foi o Canal +, uma TV por assinatura (isto é, só recebida por quem paga por sua programação, através de um decodificador especial) que atua na região metropolitana de São Paulo desde março do ano passado. O Canal + retransmite, via satélite, a programação da ESPN (Entertainment Sports Programing Network), a maior rede esportiva do mundo, de origem norte-americana.

TVS ABERTAS — Apostando em programação própria, mas ao mesmo tempo contando com forte aparato material e tecnológico, entram em cena as TVs abertas, como a TV Abril, no segundo semestre, e a Jovem Pan, no mês de maio.

Essas TVs — o próprio nome diz — são acessíveis ao telespectador como as emissoras abertas atuais, bastando que o televisor tenha um conversor de sinal UHF e a antena apropriada direcional (ver box sobre como sintonizar em UHF).

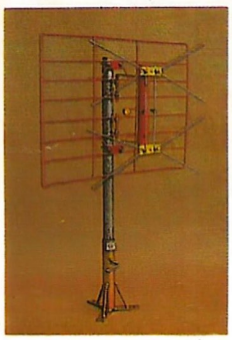
Entre as abertas, a TV Abril promete ser a grande novidade e a principal atração na faixa UHF. Segundo Marcos Amazonas, diretor-geral da TV Abril, a emissora investiu até agora US$ 7 milhões em equipamentos e infra-estrutura. Seu público-alvo está na faixa de 14 a 34 anos, situado nas classes A, B e C, exibindo uma programação essencialmente musical, com shows, esporte radical, humor, jornalismo e *game shows* (programa de jogos e concursos). O canal americano MTV, especializado em música pop, estará presente na programação da emissora. Amazonas diz que 50% do seu horário será ocupado com produção própria e 50% com programação comprada ou co-produzida junto a terceiros.

A estratégia da TV Abril atinge um público muito conhecido do próprio Grupo Abril, ao qual a TV é vinculada, que publica revistas para segmentos diversificados, com faixas etárias bem definidas. Assim como as revistas buscam, cada vez mais, públicos específicos com interesses distintos, a TV é pensada da mesma maneira.

Para Marcos Amazonas, a segmentação é irreversível nos meios de comunicação: "Não é apenas uma característica ou tendência assumida pelo mercado consumidor, mas também uma estratégia de sobrevivência". Nenhuma emissora tem interesse em se colocar em confronto direto com as grandes redes, como a Globo e o SBT, por exemplo. As novas emissoras, assim, procuram nichos próprios — partem para conquistar públicos que não encontram alternativas de programação cultural, serviços e entretenimento nas grandes redes. Esse público pode ser dividido (ou segmentado) de várias maneiras: são as pessoas que têm um interesse comum, como, por exemplo, esporte, jornalismo ou música pop. Ou então fazem parte de uma mesma faixa etária, como os adolescentes.

O canal 21 — TV LQ —, por exemplo, que tem

Fotos Luiz Dantas / Azul



como um dos proprietários o jornalista esportivo Luciano do Valle, prevê a especialização em coberturas jornalísticas de eventos esportivos, principalmente os nacionais. O projeto da TV LQ ainda está sem data certa de funcionamento.

A mesma linha adotará a TV Jovem Pan, que, além de dar enfoque acentuado ao esporte, cobrirá todas as áreas de interesse jornalístico. Para Fernando Vieira de Melo, diretor de jornalismo, a nova emissora terá "a mesma cara da programação jornalística da rádio AM", a Jovem Pan.

Tanto a TV Jovem Pan como a TV Abril investem pesado na montagem de estúdio e equipamentos de última geração. Segundo Olímpio José Franco, diretor técnico da nova emissora, estão sendo adquiridas seis unidades móveis — entre elas um ônibus que pode funcionar como estação autônoma — para possibilitar uma extensa cobertura da cidade e outras regiões. Para produzir jornalismo na velocidade da rádio, a emissora está terminando de construir um prédio no bairro da Barra Funda, em São Paulo, onde abrigará quatro estúdios e mais de 300 profissionais.

TV POR ASSINATURA — Na TV por assinatura (TVA), o telespectador paga uma mensalidade e recebe um aparelho decodificador para receber as imagens que, de outra maneira, não são sintonizadas pelo televisor. A TVA em UHF faz as vezes, no Brasil, da TV a cabo dos EUA, cuja implantação — através de cabos de fibras óticas que conduzem sinais de luz no lugar de hertz — requer vultosos investimentos. Nos EUA, a TV por assinatura (a cabo) é o novo fenômeno de mídia, em constante expansão. No Brasil, as TVA estão utilizando principalmente programações internacionais (o que reduz os gastos de produção).

A TV Alpha, vinculada à produtora paulista Pira Som & Imagem, de propriedade do empresário Lauro Fontoura, encontra-se bem definida, entrando no ar em fase experimental no mês de junho. Segundo Fontoura, o custo de implantação consumiu até agora três milhões de dólares. Apesar de ser uma TVA, como o Canal +, não entrará na disputa pelo mesmo público. A estratégia de mercado da TV Alpha vai ao encontro de quem deseja lazer e entretenimento sofisticado. Por isso, fizeram acordo para transmissão, via satélite, de programas e noticiários da BBC de Londres. "Vamos ser uma televisão para pessoas que falem inglês e que estão atentas aos acontecimentos da Europa, que será um dos grandes mercados mundiais, como os EUA e o Japão", afirma Fontoura. A legislação vigente não coloca restrições para transmissão em língua estrangeira nos casos de TVA e TV a cabo. O mesmo não ocorre com as emissoras abertas, que estão proibidas de fazê-lo, segundo determinação do Dentel (Departamento Nacional de Telecomunicações).

O canal 19, também por assinatura, da TV Paulista Metro (ligada à Rede Globo), tem seu projeto guardado a sete chaves. Segundo Liliana Naconetti, da Divisão Executiva de Telecomunicações da Rede Globo, no Rio de Janeiro, a empresa não pode antecipar as características da nova emissora e nem tem data para entrar em operação.

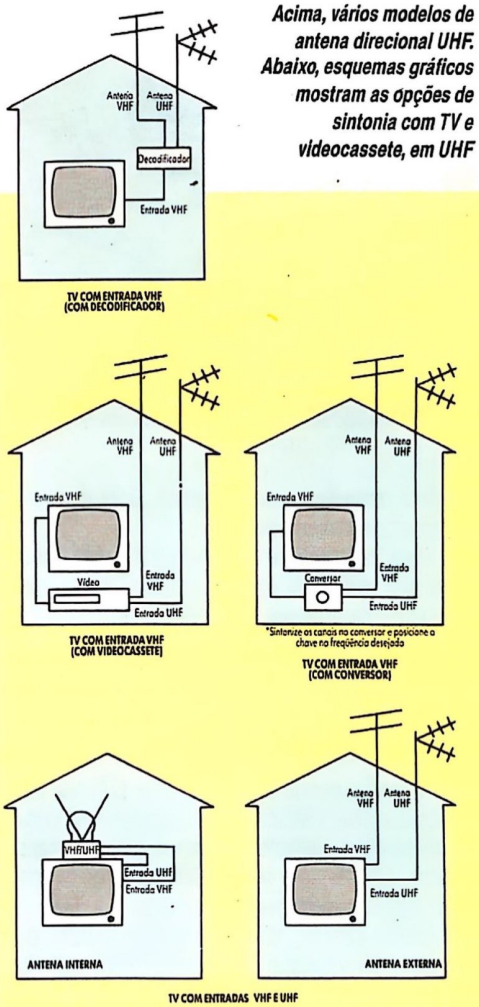
Para a TVA, o que fica pendente, por ora, é o estabelecimento de um aparelho decodificador único para todas as emissoras por assinatura. Essa decisão é importante por dois motivos: evita que o assinante tenha de adquirir um aparelho para cada canal e incentiva esse tipo de mídia, permitindo que outras emissoras vendam sua programação.

EXPANSÃO — Todas as emissoras em UHF estão sendo planejadas para se transformarem em grandes redes de televisão, seja através de estações repetidoras, emissoras filiadas ou em sociedade com outros canais geradores de programação. O que significa sua expansão, a médio e longo prazo, para o resto do Brasil. As novas emissoras vão procurar aumentar os índices de audiência por meio da expansão em várias cidades. Em princípio veiculando suas programações apenas em São Paulo, mais tarde no Rio de Janeiro, em Brasília, e assim por diante. Dessa forma, amplia-se também o leque de consumidores potenciais que os anunciantes podem alcançar.

A expansão das TVs UHF pode atingir ainda outras dimensões no universo das comunicações e artes. Desatreladas do monopólio das grandes redes, podem vir a ser equivalentes, no Brasil, às emissoras independentes que se encontram na Europa.

O Channel Four da Inglaterra é um exemplo de como a programação alternativa segmentada pode ser

Acima, vários modelos de antena direcional UHF. Abaixo, esquemas gráficos mostram as opções de sintonia com TV e videocassete, em UHF



Como sintonizar em UHF

A freqüência de transmissão em UHF não é novidade em muitas cidades do interior dos estados onde é utilizada para retransmitir os sinais de grandes redes de televisão em VHF. Por se tratar de ondas eletromagnéticas de alta freqüência, só é possível captá-las com antena apropriada, que pode ser interna ou externa. A antena VHF é diferente da utilizada para captação em UHF.

Além da antena é preciso um conversor de sinal acoplado ao aparelho de TV. A maioria dos televisores fabricados atualmente no país já vem com o conversor interno. A tendência é que todos os televisores sejam fabricados em VHF/UHF, da mesma maneira que encontramos rádios AM/FM.

No caso de o televisor não dispor de conversor embutido, o usuário poderá utilizar, ligado ao televisor, o videocassete, que possui sintonia fina para todos os canais em UHF e VHF. Todas as marcas de VCR são fabricadas com os dois sistemas. Como último recurso, basta adquirir um conversor isoladamente, que pode ser encontrado em lojas especializadas. D.R.

bem-sucedida. Quando foi criado, em 1982, só exibia programação de produtoras independentes e o resultado foi uma mistura de ousadia e oxigenação na linguagem televisiva. Foi o Channel Four que impulsionou o novo cinema inglês, patrocinando a produção de filmes de longa-metragem.

Dentro das novas emissoras, há confiança de que possam conquistar espaços na audiência e uma fatia significativa do bolo das verbas publicitárias, monopolizadas atualmente pelas grandes redes. É o que está acontecendo com o Canal +, que começou a veicular comerciais em sua programação. Além da propaganda americana embutida na transmissão, a emissora foi autorizada a substituir a peça publicitária estrangeira pela nacional. Empresas como Mc Donald's, Volkswagen e Nestlé já estão experimentando essa nova opção. "Estamos com mais de 20 mil assinantes, e os resultados têm sido acima das expectativas", diz André Dreyfuss, presidente da emissora.

Enquanto na TV por assinatura a aferição da audiência não tem segredo (basta conhecer o número de assinantes), para as TVs abertas medir seu público é uma questão que depende delas mesmas. "Ainda não fomos procurados por nenhuma TV UHF. No entanto, temos todas as condições técnicas para aferir sua audiência", afirma Ana Lúcia D'Império Lima, diretora de mídia do Ibope. Do ponto de vista dos anunciantes, no início eles terão de acreditar nos projetos das novas emissoras.

TV EDUCATIVA — Nas TVs abertas existe espaço até para as TVs educativas sem caráter comercial, como a TV ABC, que está operando experimentalmente na região do ABC, na grande São Paulo, desde o começo de 1989. Segundo Keines Douto, diretor da emissora, a TV educativa é viável através de recursos provenientes do apoio cultural de empresas, via Lei Sarney. Além de retransmitir o sinal da Funtevê (TV Educativa do Rio), a TV ABC vai colocar no ar um programa jornalístico regional (sem data definida, por ora). O público poderá sintonizar um canal que funciona como jornal de bairro.

Nascida no mercado de vídeo educacional, a Vídeo Arte do Brasil (distribuidora de filmes da MGM/UA e dos documentários da National Geographic) decidiu também investir no UHF. O pedido de concessão de um canal por assinatura e outro aberto foi feito ao Ministério das Comunicações no ano passado. Enquanto aguarda a decisão, Otelo Coltro, diretor executivo da empresa, já negocia contratos de compra de programação com produtoras americanas. Coltro afirma que no máximo dentro de dois anos as duas emissoras estarão no ar, com programas educativos, especiais, filmes e produções da WQED, co-produtora dos documentários, da National Geographic.

Enfim, as TVs em UHF são uma mídia promissora para um mercado ávido por alternativas nem sempre correspondidas pelas grandes redes, que precisam de audiências massivas. Com o UHF, é possível surgir TVs de todos os tipos para todos os gostos.

David Ratcov SET

Fotos Carlos Mancini / Azul

A programação do Canal + : ao lado, um dos logotipos da ESPN; abaixo, uma cena da programação esportiva

À esquerda, a marca da MTV, especializada em musicais, que será transmitida no Brasil pela TV Abril

As Novas Estações do Canal +

*A febre da TV por assinatura se amplia. O pioneiro Canal + surpreende pela audácia e lança no mercado três novas estações de TV por assinatura. Todas transmitindo em outro nível de ondas eletromagnéticas acima do UHF. Essa freqüência mais alta chama-se SHF (*Super High Frequency*). Sua captação exige antena compatível, diferente das utilizadas para VHF e UHF.*

As novas estações estão funcionando desde 22 de janeiro e, junto com o Canal +, operam na região metropolitana de São Paulo. As três emissoras foram denominadas de Super Canal. O público-alvo é o mesmo e está concentrado nos consumidores de alto poder aquisitivo e que não terão problemas de assistir a programas em que as línguas oficiais são o inglês e o italiano.

A programação é de origem estrangeira. O canal 5 será utilizado para veicular a programação da TV a cabo norte-americana CNN, que transmite noticiário 24 horas por dia. Esse mesmo canal é conhecido dos brasileiros que possuem uma antena parabólica para captação. O canal 4 transmite programação da RAI, televisão estatal italiana. Funciona 12 horas por dia, sendo duas dedicadas à RAI e o restante preenchido com videoclipes. Está no ar também o canal 2, que funciona como um videotexto, transmitindo 24 horas de despachos da agência noticiosa UPI (United Press International).

Muitas empresas que lidam com informações poderão ter interesse nesse tipo de serviço. É possível fazer assinatura por pacote ou por canal separadamente. A assinatura da CNN custa 16 BTN/mês, a da RAI, com videoclipes, sai por 13 BTN/mês e a da UPI, por 10 BTN/mês. O pacote custa 26 BTN/mês. A antena custa 700 BTN e o decodificador, 200 BTN. Quem é assinante do Canal + não precisa adquirir outro aparelho decodificador. Nos novos canais não há tradução para o português. D.R.

Sabedoria Co

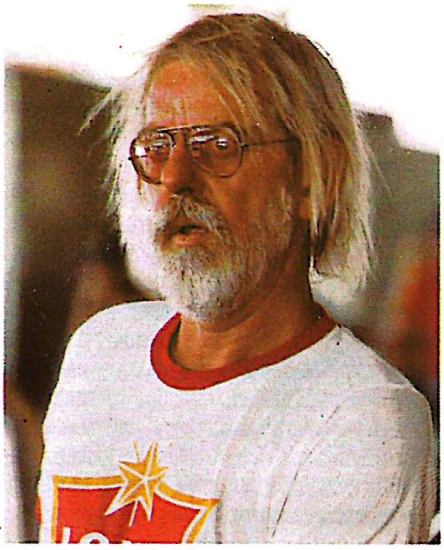
Embora considerado sem talento ou vigor estilístico, Hal Ashby foi o precursor dos "regressos" ao Vietnã e legou um punhado de realizações admiráveis ao cinema americano dos anos 70

Muitos montadores de prestígio gostariam de chegar à posição de diretores. Poucos, tendo conseguido isso, puderam se orgulhar de ter marcado tentos memoráveis no ofício. Entre eles está Hal Ashby. Nascido em Ogden (Utah, EUA), e morto em 1988, aos 54 anos, de câncer no fígado, Ashby jamais figurou na galeria reservada aos cineastas brilhantes, venerados por um talento que os distinguisse entre outros de sua geração, como Francis Ford Coppola, Martin Scorsese ou Brian De Palma. Entretanto, a definição por objetivos claros, a despretensão, o rigor e a maturidade que caracterizaram seu trabalho foram responsáveis por uma pequena coleção de realizações meritórias, senão antológicas, da filmografia americana dos anos 70, entre as quais *Ensina-me a Viver* (*Harold and Maude*, 1971), *A Última Missão* (*The Last Detail*, 1973), *Shampoo* (1975), *Amargo Regresso* (*Coming Home*, 1978) e *Muito Além do Jardim* (*Being There*, 1979).

DIRETOR DE ATORES — Ashby iniciou sua carreira dentro dos estúdios de cinema como assistente de montador. Constam de seu currículo filmes como *A Maior História de Todos os Tempos* (*The Greatest History Ever Told*, 1965), *O Diário de Anne Frank* (*The Diary of Anne Frank*, 1959) — ambos de George Stevens — e *No Calor da Noite* (*In the Heat of the Night*, Norman Jewison, 1967), que lhe valeu o Oscar de melhor montagem. A estréia na direção ocorreu em 1970, com *Amor Sem Barreiras* (*The Landlord*), que recebeu indicação ao Oscar de atriz coadjuvante para Lee Grant.

No *set* de filmagens, Ashby foi sobretudo um bom diretor de atores. Escolhia seu elenco a dedo, e não é por acaso que o fascínio de seus filmes acabasse recaindo sobre os protagonistas, como Ruth Gordon, em *Ensina-me a Viver*, e Peter Sellers como o jardineiro Chance (considerado por muitos o melhor papel de sua carreira) em *Muito Além do Jardim*. Ao todo, suas películas foram responsáveis por 24 indicações aos prêmios da Academia, incluindo quatro para *Amargo Regresso* — direção, ator (Jon Voight), atriz (Jane Fonda) e roteiro.

Versátil, o cineasta transitou bem entre todos os gêneros, revelando aptidão especial para a comédia, e dirigindo até um documentário (*Lets Spend the Night Together*, 1982, que cobriu a turnê americana de 1981 dos Rolling Stones, disponível em vídeo). Essa habilidade se deve ao fato de Ashby ter sido um bom contador de histórias e de problemas da América contemporânea — mais especificamente, dos problemas de consciência do povo americano na era do pós-Vietnã. Pelo menos três de seus filmes, *Muito Além do Jardim*, *Amargo Regresso* e *A Última Missão*, lançados agora em vídeo, estruturam-se sobre um discurso contestatório, que traz, subjacente, críti-



Sipa Press

Fox

***Acima, o cineasta Hal Ashby. Abaixo, Jack Warden, Shirley MacLaine e Peter Sellers em* Muito Além do Jardim**

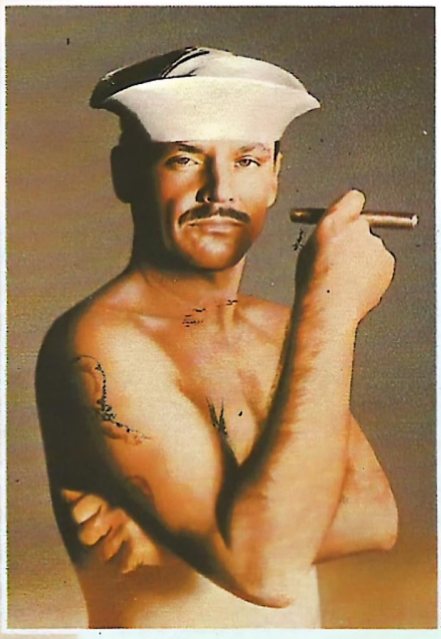
num

cas à conduta moral de presidentes, generais, soldados e oficiais de gabinete, pessoas que tomam decisões à revelia do bom senso e do bem-estar comum.

CRÍTICA FRANKFURTIANA — *Muito Além do Jardim*, versão do romance *O Videota*, de Jerzy Kosinski, é talvez a mais bem-sucedida tradução cinematográfica da crítica apocalíptica aos meios de comunicação de massa, que tem nos filósofos da Escola de Frankfurt seus precursores. A televisão aparece como um meio de imbecilização, capaz de conduzir ao poder — representado pela presidência dos EUA — ou levar até bem perto dele um iletrado e quase retardado jardineiro (Chance/Sellers), cuja única fonte de cognição é justamente a tela da TV. Sua participação crítica se reduz à escolha (que pressupõe seleção, discriminação) de canais, através de um controle remoto que o acompanha aonde quer que vá. Tendo atravessado incógnito o permeável centro de poder dos EUA, Chance é tomado por um aristocrata culto, quando na verdade seus ternos bem talhados, sua bengala e chapéu-coco não lhe pertencem, nem a falsa sabedoria política que lhe atribuem, uma filosofia de jardinagem que acaba indo muito além do quintal que ele cuidava. Que atitudes se pode esperar de um presidente que reage à ameaça física na rua empunhando o controle remoto para "mudar de canal"? Prestem atenção naqueles que nos governam, parece-nos dizer Ashby, no desfecho de *Muito Além do Jardim*.

Do ponto de vista formal, o filme lembra comédias de Blake Edwards, com extremo refinamento de interiores e figurino, exacerbando o contraste da sofisticação com o despropósito da situação. O ritmo da narrativa é tão elegante quanto Sellers com seus maneirismos, que impressionam tanto os que o rodeiam como o espectador. Sem jamais tocar uma nota em falso, ele expressa um tipo de inocência que acaba por ser confundida como excentricidade por Eve e Benjamin Rand (Shirley MacLaine e Melvyn Douglas), o casal que o conduz ao universo dos milionários e poderosos. Seu sucesso nesse novo mundo só pode ser tomado como uma espécie de milagre — e é essa justamente a ótica enfatizada por Ashby na última seqüência, numa belíssima cena que parodia o Novo Testamento.

O PRIMEIRO REGRESSO AO VIETNÃ — Sem considerar o aclamado relato *Corações e Mentes*, de Peter Davis (*Hearts and Minds*, 1974), *Amargo Regresso* foi a primeira ficção a tratar a Guerra do Vietnã de um ponto de vista crítico, e conferiu a Ashby o *status* de precursor das viagens de volta ao pesadelo vivido pelos americanos na segunda metade deste século. Seus passos rumo a uma revisão consciente — e amargurada — do que representou o envolvimento dos EUA no conflito sangrento seriam seguidos por inúmeros colegas, de Francis Coppola (*Apocalypse Now*, 1979) a Oliver Stone (*Platoon*, 1986). Stone, aliás, volta agora ao mesmo tema de *Amargo Regresso* — a reinserção de um ex-combatente paraplégico à sociedade, com suas dolorosas conseqüências — em *Nascido em 4 de Julho* (ver matéria à página 26), no qual Tom Cruise recupera a persona do *hippie* de cadeira de rodas vivido por Jon Voight no filme de Ashby. Contracenando com ele, Jane Fonda faz o papel de uma mulher emancipada que troca seu marido reacionário e militarista (Bruce Dern) por Luke (Voight), pacifista afável que lhe proporciona o primeiro orgasmo. Filme militante que espelha — pelo menos de um ponto de vista culposo — a realidade americana denegrida pela Guerra do Vietnã através de um triângulo amoroso, *Amargo Regresso* rendeu bons créditos a Ashby (além dos Oscars um grande sucesso de bilheteria) e à consciência política da própria atriz: a partir dele, Jane Fonda enveredou pela senda do oportunismo político, do qual ainda não se desviou, seja em sua vida pessoal, seja no campo profissional.



LK-Tel Columbia

***Ao lado, o hippie paraplégico Luke (Voight) desperta a paixão de Sally (Fonda) em* Amargo Regresso. *Acima, o rebelde Buddusky (Nicholson) em* A Última Missão**

NONSENSE MILITAR — Realizado cinco anos antes de *Amargo Regresso*, *A Última Missão* também trata de uma questão ligada ao militarismo: desta vez, uma viagem de uma semana de marinheiros por terra. Jack Nicholson é Buddusky, fuzileiro naval encarregado de escoltar, com a ajuda do oficial Mule (Otis Young), um colega de baixa patente à prisão. Meadows (Randy Quaid), o prisioneiro de 18 anos, havia sido flagrado roubando 40 dólares do caixa de contribuição às vítimas de poliomielite, projeto da mulher do almirante, e pelo "crime" é condenado a oito anos de prisão. O enredo é pretexto para o desenvolvimento de dois temas caros a Ashby: o amadurecimento (no caso, de um garoto tímido e depressivo pelas mãos rebeldes de Nicholson, que assume o compromisso de tornar "divertidos" os últimos dias de liberdade do rapaz) e o *nonsense* do autoritarismo militar, propenso a cometer grandes injustiças, como a condenação a anos de cadeia por um pequeno furto.

A carreira de Ashby transcorreu sem desvios de percurso até o final dos anos 70. Embora considerado sem grande talento, acusado de falta de vigor, ele firmou um estilo acadêmico competente, que lhe valeu uma parcela fiel de admiradores, e pelo menos um filme obrigatório — *Muito Além do Jardim* —, que ainda hoje surpreende por sua inteligência e delicadeza.

Mario Nery

Being There, EUA, 1979 ■ DIREÇÃO: Hal Ashby ■ Com Peter Sellers, Shirley MacLaine, Melvyn Douglas, Jack Warden ■ ROTEIRO: Jerzy Kosinski, baseado em seu romance ■ FOTOGRAFIA: Caleb Deschanel ■ MÚSICA: John Mandel ■ EDITOR: Don Zimmerman ■ PRODUÇÃO: North Star International ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Warner

Coming Home, EUA, 1978 ■ DIREÇÃO: Hal Ashby ■ Com Jane Fonda, Jon Voight, Bruce Dern, Robert Ginty, Penelope Milford e Robert Carradine ■ ROTEIRO: Waldo Salt e Robert C. Jones, baseado na história original de Nancy Dowd ■ FOTOGRAFIA: Haskell Wexler ■ EDITOR: Don Zimmerman ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Warner

The Last Detail, EUA, 1973 ■ DIREÇÃO: Hal Ashby ■ Com Jack Nicholson, Otis Young, Randy Quaid e Nancy Allen ■ ROTEIRO: Robert Towne, baseado no romance de Darryl Poniesan ■ FOTOGRAFIA: Michael Chapman ■ MÚSICA: John Mandel ■ EDITOR: Robert C. Jones ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: LK-Tel/Columbia

VÍDEO LANÇAMENTOS

DRAMA

FUGA DESENFREADA ●●

(Edge of Innocence, Holanda, 1988)
Direção: Chris Du Toit. Com Alwin Van Der Merwe, Brumilda Van Rensburg. Mundial.

Um jovem estudante de Medicina vê sua vida mudar bruscamente quando é injustamente acusado de atropelar um colega.

Quem não conhece o cinema holandês — de onde surgiu o ótimo Paul Verhoeven (*RoboCop*) —, pode tomar este como um mau exemplo do que é produzido ali. Não que exista algo absolutamente errado com a fita: há belos atores, lindas paisagens da Holanda e um certo charme descrente da juventude. O problema é que o diretor não se definiu entre um filme de aventura, uma história de amor ou um drama existencial. Boa opção, como curiosidade. *M.B.*

OS GIRASSÓIS DA RÚSSIA ●●●

(Sunflower, Itália/França, 1969)
Direção: Vittorio De Sica. Com Sophia Loren, Marcello Mastroianni, Ludmila Savelyeva. Globo.

Melodrama do diretor de *Umberto D* e *Ladrões de Bicicleta*, de uma fase menos criativa, que aborda o romance entre Giovanna e Antonio. Depois da Segunda Guerra, ela vai a URSS à procura do marido, que desapareceu nos campos de batalha, após tentar se passar por louco para fugir do Exército. Na Ucrânia, descobre Antonio, vivendo com a esposa russa e um filho. Para alguns críticos, De Sica e seu roteirista Zavattini trocaram o realismo pelo "sentimentalismo estereotipado". Resta o desempenho sempre competente da dupla central e imagens da comovente paisagem russa. *A.Q.N.*

A CONQUISTA SEM LIMITES ●

(The Sky's No Limit, EUA, 1984)
Direção: David Lowell Rich. Com Ann Archer, Sharon Gless, Dee Wallace. Herbert Richers.

Três mulheres disputam a única vaga feminina para o primeiro vôo do ônibus espacial Challenger. Susan (Archer) é médica respeitada e competente, mas terá de enfrentar crises de pânico nos testes. Joanna (Gless), piloto ambiciosa e decidida, sofre com a morte do companheiro. Já Maureen (Wallace) é bióloga casada, mãe e tem muitos problemas familiares. A escolha da primeira astronauta serve apenas como pano de fundo da história. Descrição estereotipada de mulheres inseguras que poderiam estar conversando no supermercado. Emoção apenas nas raras cenas de vôo. *F.C.C.*

O OVO DA SERPENTE ●●●

(The Serpent's Egg, EUA, 1978)
Direção: Ingmar Bergman. Com Liv Ullmann, David Carradine, Gert Frobe. Tec Home.

"Para onde levaram o nosso futuro?" Essa é a indagação desesperada que o judeu Abel Rosemberg (David Carradine), um trapezista à procura de emprego, lança num mundo que desmorona. Seu caminho cruza-se com o de uma bela prostituta (Liv Ullmann) que também tenta não afundar na agonizante Alemanha pré-Hitler. Abel vaga como sonâmbulo entre o caos e a decadência das falidas ruas e espeluncas berlinenses. Toma contato com aterrorizantes experiências médicas que funcionam como um *trailler* macabro do que estaria por vir.

Mais lento e sombrio do que outros grandes filmes que registraram o período (*Cabaré*, *Apenas Um Gigolô* etc.), essa 40.ª obra do cineasta sueco (com produção norte-americana) é um notável painel de uma sociedade em vias de tornar-se fascista. Painel "junguiano", segundo estudiosos de psicanálise, que substituiu o habitual repertório "freudiano ortodoxo" do diretor. Quando a inflação atinge o céu, o desespero campeia e o atroz encanta, forma-se o ninho onde a serpente põe seus ovos. *A.Q.N*

O TELEFONE ●●●

(Telefon, EUA, 1977)
Direção: Don Siegel. Com Charles Bronson, Lee Remick, Donald Pleasence. Vídeo Arte.

TALK RADIO ●●●●

(Talk Radio, EUA, 1988)
Direção: Oliver Stone. Com Eric Bogosian, Ellen Greene, Leslie Hope, John McGinley, Alec Baldwin, Michael Wincott. VTI.

Não se espante se você tiver a sensação de já ter visto este filme: os dez minutos iniciais de *Atraiçoados*, de Costa-Gavras (em que um radialista brinca com fogo ao abrir sua linha para que os ouvintes, por telefone, participem de uma polêmica racista e acaba sofrendo um atentado de um grupo neonazista), e *Talk Radio* terão sido parcialmente inspirados num mesmo fato verídico, o assassinato de Alan Berg, apresentador de um *talk show* nos Estados Unidos. Mas se em um a morte é só o ponto inicial da investigação, no outro é a vida do radialista — sua verve, sua agressividade, seu amor à polêmica, seu humor e, eventualmente, sua desagregação mental ante a massa anônima e sem causa — o fio condutor.

Era uma adaptação repleta de problemas: o roteiro inicial, do próprio ator principal, Eric Bogosian, era um original para o teatro, e, mesmo que expandida para o cinema, a ação quase que não abandona um único estúdio de rádio; Stone, de início só co-roteirista e produtor, foi levado à direção — às vesperas de seu projeto prioritário, *Nascido em 4 de Julho* — pela recusa de outros diretores e estúdios em aceitar Bogosian como protagonista, e não um ator mais conhecido.

Art Films

Bogosian é Barry Champlain, o polemista do rádio falado

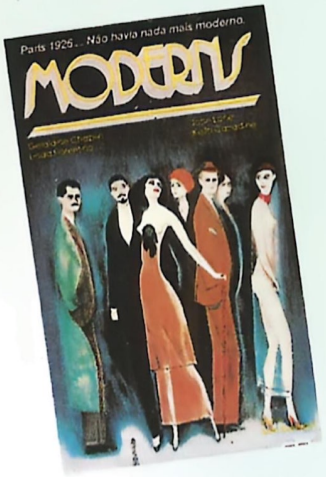
Transformando as limitações em recurso expressivo (a câmera rodopia pelo claustrofóbico estúdio; o próprio locutor se levanta e caminha enquanto fala, sempre cercado pelos reflexos da equipe que o observa, pelas vitrines internas; e as vozes, dezenas de vozes que o agridem, o adulam, o deixam perplexo em sua brutalidade ou incoerência), Bogosian e Stone injetaram nessa produção espontânea e barata muito da verdade das ruas, estranha a Hollywood. É o pensamento vivo dos notívagos, *junkies*, tarados, desocupados que fazem o mundo-cão, e de um radialista que ("como Sócrates"...) está disposto a ir até o fim pelo orgulho de suas idéias. *Alex Antunes*

RUIM
REGULAR
BOM
EXCELENTE
OBRA-PRIMA

Estados Unidos e União Soviética partem para uma política de distensão que desagrada ao agente stalinista Nicolai Dalchimsky (Donald Pleasence). Beneficiando-se de um plano engendrado pela KGB durante a Guerra Fria, ele arquiteta uma trama diabólica que poderá levar à terceira guerra mundial. Para deter os planos do espião rebelde, Moscou envia aos Estados Unidos um agente (Charles Bronson) com a missão de eliminar o sinistro Dalchimsky antes que seja tarde demais. Como convém ao lado romântico do filme, Bronson contará com a preciosa ajuda de uma bela espiã (Lee Remick). A trama é um tanto inverossímil (Dalchimsky faz uso de um código telefônico para teleguiar espiões soviéticos mentalmente condicionados a cometerem atos de sabotagem contra os Estados Unidos), mas o filme funciona bem em vídeo. Em grande parte devido à competente direção de Don Siegel (*Dirty Harry*), um especialista em filmes de ação e aventura. *P.C.*

MODERNS ●●●

(The Moderns, EUA, 1988)
Direção: Alan Rudolph. Com Keith Carradine, Linda Florentino, John Lone, Wallace Shawn, Geneviève Bujold, Geraldine Chaplin. Mundial.



Alan Rudolph (*Choose Me* e *Trouble in Mind*) filmou a louca Paris dos anos 20 de maneira estilizada. Nada é verossímil. Para contar uma conturbada história de amor entre um pintor falsário, Nick (Carradine) e Rachel (Linda), Rudolph coloca a "geração perdida" como pano de fundo. Figurões não chegam a protagonistas. O entediado e divertido Hemingway (Kevin J.O. Connor) e a matriarca Gertrude Stein (Elsa Raven) são adereços tão cênicos quanto imagens documentais de época intercaladas na narração. O amor de Nick e Rachel é impedido pelo impávido Bertram (John Lone), marido dela. Paralelamente a este triângulo ocorre um incidente com falsificações de pinturas originais, por parte de Nick. O episódio tem o sabor de anedota dadaísta, bem ao gosto dos tempos que Rudolph quer retratar. Além da boa caracterização da época e efeitos em preto e branco, Rudolph pontua *Moderns* com algum sarcasmo. Se Paris foi uma festa, ele registrou tal alegria apenas sutilmente. *W.S.*

A PEQUENA VERA ●●●

(Malenkaya Vera, URSS, 1988)
Direção: Vassily Pitchul. Com Natalia Negoda, Andrei Sokolov, Yuri Nazarov, Ludmilla Zeisova, Alexander Niegreva. Sagres.
Um fenômeno de bilheteria que levou mais de 50 milhões de espectadores aos cinemas no país da perestroika, exibido durante a 13.ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo (1989). O roteiro bem engendrado de Maria Khmelik (mulher do diretor) consegue extrair da história aparentemente banal de uma típica família russa o retrato emblemático do fim de uma época. Vera (Natalia Negoda, que ganhou dez páginas eróticas na revista *Playboy* como Miss Glasnost) é um sopro de vida numa sociedade apática, resignada, na qual todos são medíocres ou devem ser vencidos pelo sistema. O filme mostra que por trás do marxismo-leninismo aparente sobrevivem velhas tradições e estereótipos externos como o rock e até filosofias orientais. E não só a URSS se reconhece nesta banalidade, mas também um monte de famílias do resto do mundo. Vera é o novo símbolo de uma classe trabalhadora detectável tanto nos subúrbios industriais de Moscou quanto de Berlim, Londres ou São Paulo, mostrando que as mazelas das escolhas sociais não conhecem fronteiras. *I.R.S.*

SATYRICON ●●●●

(Fellini Satyricon, Itália, 1969)
Direção: Federico Fellini. Com Martin Potter, Hiram Keller e Max Börn. Warner.
Depois de visitar os saraus libertinos da burguesia romana em *A Doce Vida* (1960) e antes de aportar na Roma moderna de seu filme homônimo, de 1972, o maestro italiano pintou a Cidade Eterna como deveria ter sido antes de Cristo, com cores expressionistas e lúgubres. Partiu do romance de Petrônio (século I d. C.) para relevar seus próprios pesadelos. O resultado é mesmo dantesco, mostrando a viagem de um estudante apaixonado por um garoto aos círculos do inferno pagão que era a Roma da época. Pululam os tipos bizarros, de hermafroditas rotundos a faunos lascivos e efebos efeminados, numa espécie de longo sonho desgovernado. São assombrações pagãs numa mente cristã — depravação, comilança, suicídio, antropofagia, homossexualismo — primorosamente emolduradas. Mesmo assim, é uma viagem sentimental, como os dois outros filmes dessa espécie de trindade a respeito da Cidade Eterna. Afinal, imagens fantasmagóricas também são vistas em *Roma* e *A Doce Vida*. No primeiro, a cidade é percorrida por um romano de adoção (Fellini veio da provinciana Rimini), mostrando suas ruas desoladas e subterrâneos. Em *A Doce Vida*, um jornalista (como o próprio cineasta fora) a observa numa visada crítica. Roma é analisada, assim, globalmente, de três pontos de vista distintos. É também uma das poucas adaptações literárias de Fellini. A última é seu mais recente filme, *A Voz da Lua*, baseado num poema de Ermanno Cavazoni. *Casanova* (1976), a anterior, que toma como ponto de partida as memórias do galante conquistador veneziano, revela-se um pesadelo libidinoso mais amargo, quase tão descabelado quanto, mas menos cruel que *Satyricon*. Neste, a terra desolada que é a Roma do jovem sonhador sem escrúpulos Encolpius (Martin Potter), seu amigo Ascyltus (Hiram Keller) e seu amante Gitão (Max Börn) é uma terra de ninguém, cheia de deuses domésticos e prazeres enfurecidos. Humor quase não há. *Satyricon* é o mais cruel dos Fellinis. *Carlos Volpato*

Sipa-Press

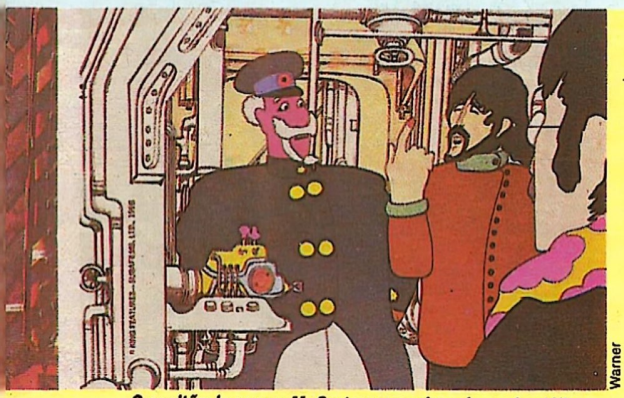
A rotunda criatura é avistada num prostíbulo romano

ANIMAÇÃO

O MUNDO ENCANTADO DOS DESENHOS DA METRO ●●●

(MGM Cartoon Magic, EUA, 1938/1947). Vídeo Arte.
Deliciosa fita com sete dos melhores desenhos produzidos pela Metro entre os anos de 1938 e 1947, entre eles três de um dos mais conceituados mestres da animação, Tex Avery. Em "O Convidado Inoportuno", de Rudy Ising, o urso Barney tem de dividir suas cerejas com um faminto gambá. No "Natal do Capitão", de Fritz Freeleng, um marinheiro faz travessuras fantasiado de Papai Noel. De Hugh Harmon Production aparecem o "Forasteiro Solitário", um herói do velho Oeste cansado da vida errante, e "O Danúbio Azul", uma bela fantasia cromática sobre a música de Strauss.
M.B.

VÍDEO LANÇAMENTOS



Warner

O capitão, Lennon e McCartney no submarino psicodélico

THE BEATLES — YELLOW SUBMARINE ●●●

(Yellow Submarine, EUA, 1968)
Direção: George Dunning. Desenhos: Heinz Edelmann. Com canções dos Beatles. Warner

O produtor americano Al Brodax já havia feito para a TV algumas aventuras de animação usando os Beatles como protagonistas quando foi convidado para produzir *Yellow Submarine*. Sua primeira providência foi chamar o desenhista tcheco Heinz Edelmann, com quem já havia trabalhado. O resultado foi um verdadeiro delírio psicodélico, uma incessante explosão de cores que, movida pelos traços ondulados de Heinz, dá vida a diversas canções dos *fab four*, com um belíssimo festival de inventividade e surrealismo.

A idéia do desenho foi do empresário Brian Epstein, para dar fim a um contrato de três filmes com a United Artists (os dois primeiros foram *A Hard Day's Night* e *Help*) e preservar seus pupilos de desgastantes filmagens. Os garotos de Liverpool não queriam nem ouvir falar em filmes, depois do fracasso de *Magical Mistery Tour*, realizado para a TV. Porém, ficaram tão fascinados com o trabalho em animação que acabaram concordando em atuar na seqüência final do filme.

A história é centrada na velha luta do bem contra o mal. Pepperland, a terra da música, é invadida pelos *blue meanies*, um povo que odeia música e a felicidade alheia. Eles petrificam tudo e todos, colocando fim à harmonia reinante. Contudo, o marinheiro Fred escapa para buscar ajuda e acaba por encontrar a banda do Sargento Pepper. Juntos, eles partem no submarino amarelo rumo a Pepperland, com a missão de livrá-la dos seus invasores. Para lutar contra os invasores, seus quatro integrantes usam a sua própria música.

O desenho pode ser visto como um grande *clip*. Músicas como "Lucy in the Sky with Diamonds", "Eleanor Rigby", "All You Need Is Love" e "All Together Now" ganham imagens soberbas que nos levam a entrar na rota deste submarino da era das flores.

Konrado Reys

COMÉDIA

POR FAVOR, MATEM MINHA MULHER ●●●

(Ruthless People, EUA, 1986)
Direção: Jim Abrahams, David Zucker e Jerry Zucker. Com Danny DeVito, Bette Midler, Judge Reinhold, Helen Slater. Abril Vídeo.

Bette Midler é Barbara, uma milionária gorda e metida a pós-moderna (sua casa é toda decorada no mais radical estilo Memphis). Ela é raptada por um casal de babaquinhas que espera obter um belo resgaste pela figura. Sam (Danny DeVito), contente por ter-se livrado da esposa, quer que ela morra mesmo, para poder ficar rico e com a amante. Qualquer comédia que tenha a assinatura ZAZ (Zucker, Abrahams e Zucker) é por si só indiscutivelmente hilariante. Se no mesmo filme houver ainda Bette Midler e Danny DeVito, às gargalhadas marcarão decibéis além do previsível. Para estragar, só um ponto: há um número excessivo de personagens secundários com pouca graça. Mas é impossível sobreviver imune aos protagonistas e à esfuziante trilha sonora. *D.G.*

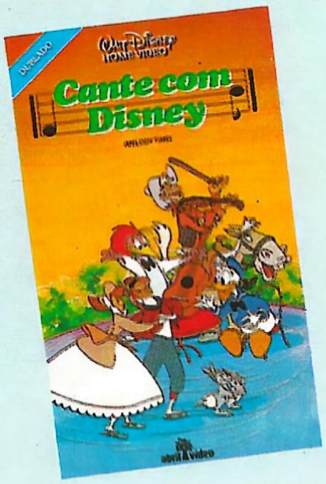
QUEM TUDO QUER... TUDO PERDE ●●●

(Wise Guys, EUA, 1986)
Direção: Brian De Palma. Com Danny DeVito, Joe Piscopo, Harvey Keitel, Lou Albano. Vídeo Arte.

Após a série de filmes que o tornou famoso como o mais aplicado aluno do mestre Hitchcock, Brian De Palma parece querer mostrar que a história não é bem assim. Para isso, na-

CANTE COM DISNEY ●●●●

(Melody Time, EUA, 1948)
Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske, Jack Kinney e Wilfred Jackson. Abril Vídeo.



Como *Música, Maestro* (Make Mine Music, 46), *Cantando com Disney* compõe-se de desenhos mais ou menos experimentais, a partir de temas musicais populares. "Once Upon a Wintertime" é um concerto de corações desenhados na neve; em "Bumble Boogie", o mais criativo de todos, é a natureza inteira que explode sob a forma de instrumentos musicais, numa interpretação jazzística de "Flight of the Bumble Bee". Mais comportado é "Johnny Appleseed", inspirado na vida de um herói da cultura americana chamado John Chapman (1774/1845). "Little Toot", é um triunfo de animação articulada com a narrativa em forma de canção, interpretada pelas Andrews Sisters. "Trees" tem como mérito os efeitos especiais de Ub Iwerks. Já "Blame it on the Samba" é um bem-humorado coquetel surrealista, que apresenta Ethel Smith interpretando Ernesto Nazareth no órgão, acompanhada pelo Pato Donald, Zé Carioca e o maluquinho Arapuã. O filme se encerra com o mais longo "Pecos Bill", narrado por Roy Rogers, com os Sons of the Pioneers interpretando a bela canção "Blue Shadows on the Trail". *L.N.*

CURTAS

OS MELHORES CURTAS DE GRAMADO 89 ●●

(Brasil, 1989)
Dov' è Meneghetti?, de Beto Brant; *O Escurinho do Cinema*, de Nelson Nadotti; *Nem Tudo que É Sólido Desmancha no Ar*, de André Sturm; *A Mulher do Atirador de Facas*, de Nilson Villas Boas; e *Trancado por Dentro*, de Arthur Fontes. Abril Vídeo.

Dov' è Meneghetti? aborda, numa boa reconstituição, a saga do famigerado ladrão pelos telhados paulistanos. *O Escurinho do Cinema* e *Nem Tudo que É Sólido Desmancha no Ar* enveredam pela metalinguagem com referências a filmes como *Nove e Meia Semanas de Amor* e aos clássicos *noir*. *A Mulher do Atirador de Facas* foi curiosamente produzido por um Núcleo de Psicanálise e traz Carla Camuratti como a dita cuja, ao lado de um Ney Latorraca sempre prestes a errar a pontaria. *Trancado por Dentro*, de Arthur Fontes, destila um inusitado humor sádico não muito usual nas telas brasileiras, com um suspense inteligentemente armado. Apesar do bom domínio da linguagem cinematográfica que a maioria revela, salta aos olhos a pobreza de idéias. O difícil é acreditar que o melhor da produção nacional esteja nesses exemplares, curtas em duração mas longos em pretensão. *A.Q.N.*

da melhor que provar seu talento para fazer rir as platéias. Apoiado no talento histriônico de DeVito e Piscopo, o diretor desenvolve um tema interessante. Dois gângsteres, Harry (Danny) e Moe (Joe), caem em desgraça com o chefe do bando, envolvido com apostas de cavalos. Para colocar tudo em pratos limpos e conseguir sua vingança, o chefe arma um plano engenhoso: em segredo, propõe a cada um que mate o outro, numa troca de assassinatos. Para se garantir, a dupla será vigiada por um eficiente "cão de guarda", um monstro humano interpretado por Lou Albano. E as confusões se sucedem, na tentativa de cada um de se mostrar eficiente e retomar a confiança do chefe. O trio formado pelos gângsteres e o brutamontes é excepcional, e o público não nega boas gargalhadas às suas trapalhadas. Ao que tudo indica, Brian De Palma conseguiu seu intento. *J.A.J.*

RICAS E FAMOSAS ●●●●

(Rich and Famous, EUA, 1981)

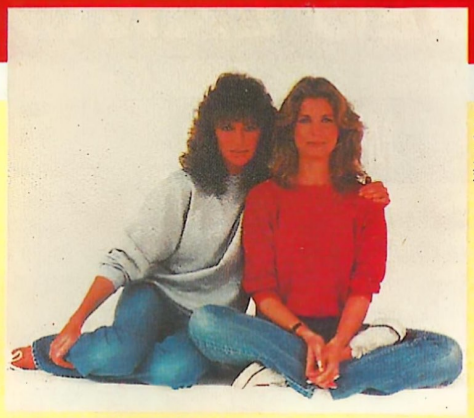
Direção: George Cukor. Com Jacqueline Bisset, Candice Bergen, David Selay, Hart Bochner. Vídeo Arte.

George Cukor foi o diretor responsável pelo sucesso de muitas estrelas de Hollywood, da década de 30 até os anos 60. Ele rodou este seu último filme aos 82 anos de idade e tenta transformar Jacqueline Bisset e Candice Bergen em Bette Davis e Mirian Hopkins (estas duas já haviam filmado a mesma história em 1943, com o título de *Uma Velha Amizade*).

A trama é simples. A ciumeira é que é complicada. Liz Hamilton (Jacqueline) e Merry Noel Blake (Candice) são duas amigas que se esforçam por dividir o que elas têm de melhor. Na adolescência, repartem um bichinho de pelúcia. Liz torna-se uma escritora de um único livro, mas reconhecida pela crítica e aclamada no meio universitário. Nunca conseguiu um namorado firme e vive de aventuras do tipo Emmanuelle, em banheiros de aviões ou em luxuosas lojas de Nova York. Merry Noel torna-se escritora por acaso. Escreve sobre seus milionários vizinhos de Malibu e o livro torna-se *best-seller* num piscar de olhos. Aí é que as relações de amizade começam a esquentar.

Jacqueline Bisset e sua retórica de cena, contida, quase tímida, chega a convencer como a "intelectual" moderna. Candice Bergen, em contrapartida, abusa da extroversão para compor a "perua" literária. Faz lembrar até a escritora Jacquie Collins, irmã da canastrona Joan Collins, famosa por levar a público os escândalos do mundo do cinema e do rock.

Ao apresentar belas mulheres em busca do reconhecimento profissional e intelectual, *Ricas e Famosas* resulta numa comédia romântica, simpática e até comovente. As personalidades divergentes das duas escritoras são o mote para as melhores palhaçadas. Embora muitos qualifiquem como uma "fantasia homossexual", o filme deve ser apreciado como uma partida de tênis, onde a competição entre as jogadoras é o principal combustível para a sua amizade. *Dilson Gomes*



Vídeo Arte

No ringue da fama e dinheiro, a amizade de Bisset e Bergen

QUEM ROUBOU MEU SAMBA? ●●●

(Brasil, 1959)

Direção: José Carlos Burle. Com Ankito, Maria Vidal, Catalano, Nancy Wanderley, Chuvisco, Darcy Glória, Wilson Grey. F. J. Lucas.

Este é um dos finos exemplares da época de ouro da chanchada. Tem todos os ingredientes conhecidos: irreverência, confusão, corre-corre, um objeto pelo qual todos enlouquecem e muito samba. O espertalhão Atanásio (Chuvisco), compositor do morro, vende um samba para a gravadora do Sr. Tancredo (Catalano). Logo em seguida, o malandrinho vai à gravadora da Dona Aurora (Maria Vidal) e vende a ela o mesmo samba. Quando os donos das gravadoras percebem o golpe, e não recebem música alguma, começa a cata ao samba. O divertido Leovigildo (Ankito) é o agente duplo responsável por cobrar a composição das duas gravadoras. Ele é outro espertinho. O samba desaparece e a confusão se estabelece. Em meio à anarquia, correm soltos números musicais com sambas de Jorge Veiga, Trio Irakitan, Fernando Mathias, Angela Maria, Marlene e a vedete Virginia Lane. Uma comédia ingênua mas deliciosa. Um modelo vivo e destravado do genuíno cinema brasileiro. *W.S.*

BRONCO BILLY ●●●

(Bronco Billy, EUA, 1980)

Direção: Clint Eastwood. Com Clint Eastwood, Sondra Locke, Scatman Crothers, Geoffrey Lewis. Warner.

Bronco Billy (Clint) é um romântico que em plena década de 80 encarna um caubói. Com seu Show do Oeste Selvagem, um circo que percorre os EUA, ele recicla as proezas que Buffalo Bill espalhou pelo mundo. Junto a bizarros artistas, Bronco é a estrela do espetáculo. (Por tabela, Clint parodia seus próprios papéis de caubói no cinema.) Este rude de bom coração acaba conhecendo Antoinette (Sondra Locke), uma sofisticada dama que após um casamento de conveniência, apenas para garantir sua herança, é abandonada pelo marido sacana em plena lua-de-mel. Sozinha e sem dinheiro, ela aceita a provisória guarida de Bronco, que a encontra desolada. Imediatamente ele a incorpora ao seu número no circo. Enquanto "amigos" de Antoinette tentam roubar sua legítima herança, ela aprende uma nova vida com Bronco. Essa simpática comédia sobre mundos conflitantes e mal-entendidos é mais uma evidência da sensibilidade cinematográfica de Clint Eastwood. *W.S.*

UM DIVÓRCIO COMPLICADO ●●●

(Miracles, EUA, 1986)

Direção: Jim Kouf. Com Tom Conti, Teri Garr, Paul Rodriguez e Christhopher Lloyd. LK-TEL.

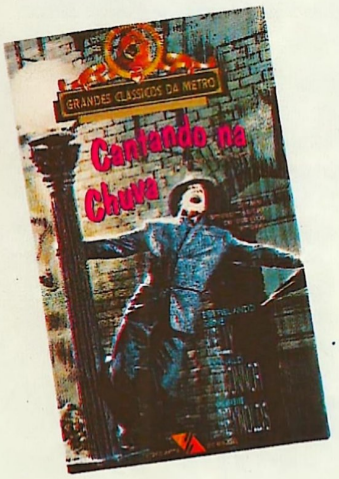
Briga de marido e mulher sempre deu motivo para boas risadas, pelo menos para os outros. No mesmo dia em que Roger (Tom Conti), um médico de sucesso, e Jean (Teri Garr), sua mulher, assinam o divórcio em Nova York, no interior de uma floresta um pajé fracassa na tentativa de salvar a filha do chefe da tribo, acometida de um mal súbito. Condenado à morte, ele ora aos deuses que o salvem, enviando um salvador para a menina. Suas preces começam a ser atendidas quando, num cruzamento, para não atropelar um trapalhão ladrão de banco em fuga, Roger e Jean batem seus carros e acabam seqüestrados pelo bandido. Daí para a frente sucedem-se rocambolescas situações criadas pelas várias tentativas do casal de ficar livre da quadrilha, porém a mão do destino é mais forte. E mostra que, se a fé remove montanhas, pode também levar um médico à selva, e que há coisas que o céu une que nem naufrágios, explosões com dinamite e um avião sem gasolina em pleno vôo podem separar. O diretor usa e abusa das coincidências e dos momentos de ação, e o desempenho dos atores fortalece o tom caricatural do filme. Ótimo para desopilar o fígado. *K.R.*

VÍDEO LANÇAMENTOS

MUSICAL

CANTANDO NA CHUVA ●●●●

(Singin' in the Rain, EUA, 1952)
Direção: Gene Kelly, Stanley Donen. Com: Gene Kelly, Debbie Reynolds, Donald O'Connor, Cyd Charisse. Vídeo Arte.



Cantando na Chuva é resultado do feliz encontro entre o ator e coreógrafo Gene Kelly com o estreante Stanley Donen, que dividem a direção. E o enredo nada mais é que uma divertida e elegante sátira aos primeiros tempos do cinema falado, quando os deuses e deusas da tela prateada tiveram de mostrar que além de rostos também possuíam vozes. É aí que o galã Don Lockwood (Gene Kelly) tem problemas com sua parceira romântica de celulóide, Lina Lamont (Jean Hagen), dona de um impossível timbre de taquara rachada. A salvação vem pelas mãos do fiel escudeiro de Don, Cosmo Brown (Donald O'Connor), na pele da estreante Kathy Seldon (Debbie Reynolds), que aceita dublar a insuportável Lina. Envolvendo esse enredo simples, temos alguns dos melhores números musicais já vistos no cinema e uma das vantagens do videocassete é poder acelerar no momento do antológico *Singin' in the Rain* de Gene Kelly — um número tão repetido e copiado que ninguém agüenta mais. De resto, é *entertainment* como só os americanos sabem fazer, sem contar que Reynolds e O'Connor, jovens, lépidos e faqueiros, fornecem um dos melhores desempenhos de suas carreiras.

M.M.

FAMA ●●●

(Fame, EUA, 1980)
Direção. Alan Parker. Com Irene Cara, Lee Curreri, Eddie Barth, Laura Dean. Vídeo Arte.

Alan Parker é o tipo do diretor que não gosta de repetir idéias. Depois de juntar um bando de crianças para parodiar os gângsteres em *Bugsy Malone* e filmar a história verídica de um jovem americano preso com drogas na Turquia em *O Expresso da Meia-Noite*, Parker foi para Nova York, mais exatamente para a Manhattan's High School for the Performing Arts, narrar, em tom de crônica, a dura batalha de jovens que desejam chegar ao estrelato. O filme começa com uma espécie de vestibular, em que uma infinidade de aspirantes a atores, músicos e dançarinos disputa uma vaga nos concorridos cursos. Os aprovados formam uma turma, que obviamente terá bem e malsucedidos. *Fama*, embora despretensioso, acabou influenciando outros musicais, com suas imagens memoráveis, como a cena em que os alunos saem para a rua e, sobre os carros, dançam e cantam a música-tema, vencedora de um Oscar e o maior *hit* das academias de jazz moderno na época. O filme é vibrante e mexe com qualquer pessoa que já tenha sonhado algum dia em ser artista.

P.Cb.

DOCUMENTÁRIO

PORTO SEGURO-BRAZIL ●●

(Brasil, 1989)
Produção: Geraldo Marinho. Direção: Edu Felistoque. Texto e roteiro: Raiá de Aragão. Narração: Vanessa Alves. J. M. Produções.

Localizada no litoral sul da Bahia, a cidade de Porto Seguro — o local onde em 1500 Cabral aportou com suas caravelas — é hoje um paraíso histórico. De caráter essencialmente turístico, esta produção em vídeo mostra a exuberante geografia da região, seus pontos pitorescos e até os índios pataxós, descendentes dos nativos da época do descobrimento. Sem se aprofundar em sua importância histórica, o vídeo destaca lugares como Santa Cruz de Cabrália, Arraial da Ajuda e Trancoso, onde estão as construções jesuíticas; a Cidade Alta, marco do descobrimento e das primeiras igrejas e construções do país; e Coroa Vermelha, local da primeira missa em terra firme. Mas a pieguice do texto não faz pano de fundo adequado às belas imagens da cidade, onde o tempo só não parou devido à grande movimentação turística.

W.A.S.

IGREJA DOS OPRIMIDOS ●

(Brasil/França, 1986)
Direção: Jorge Bodanzky. Participação dos religiosos Leonardo Boff, Ricardo Rezende, François Gouriou e Artistides Camio. Globo Vídeo.

Bodanzky, que nos anos 70 filmou *Iracema*, documentário-denúncia sobre a Transamazônica, foi reduzido à inglória tarefa de realizar um panfletão eucarístico, exaltando o papel da Comissão Pastoral da Terra em Conceição do Araguaia, sem nenhuma menção a outras forças envolvidas no meio rural. Referências rasas à guerrilha, à prisão dos padres Gouriou e Camio e mesmo ao silêncio imposto

HISTÓRIAS REAIS ●●●●

(True Stories, EUA, 1985)
Direção: David Byrne. Com David Byrne, John Goodman, Annie McEnroe, Jo Harvey Allen, Alix Elias, Tito Lavviva, Swoosie Kurtz. Warner.

Com um olhar ao mesmo tempo crítico e afetivo, o visionário e multilingüista escocês David Byrne, líder da banda Talking Heads, faz uma homenagem à América-mãe com suas *Histórias Reais*. Para fazer seu primeiro longa, Byrne coletou histórias e personagens de tablóides, comprados em supermercados em suas viagens, e de jornais, como o *Weekly World News* e *Times*, colocando-os todos em Virgil, uma cidade fictícia mas tipicamente texana. Byrne é o narrador, que passeia por Virgil em seu conversível vermelho e chapéu de cowboy, conversando com a câmera. Ele apresenta as pessoas e suas vidas, nos dias que precedem a comemoração do sesquicentenário do Texas. Os habitantes de Virgil são excêntricos e muitos deles parecem ter saído de filmes de Fellini. Há a mulher mais preguiçosa do mundo (Swoosie Kurtz), que nunca sai de sua cama; a mentirosa (Jo Harvey Allen), que diz ter escrito todas as letras de Elvis (Presley); o simpático solteirão Louis Fyne (excelente atuação de John Goodman), que procura uma esposa para dividir sua vida. Todos os virgilianos são, para Byrne, pessoas com objetivos simplórios mas nunca ridículos, apesar de seus comentários irônicos enquanto narrador.

Warner

O ótimo John Goodman no papel do ainda melhor Louis Fyne

A produção primorosa dos cenários e figurinos, aliada à bela fotografia de cartão-postal de Ed Lachman (que trabalhou com Wenders em *Tokyo-Ga*) são o ponto alto do filme. Duas seqüências, pelo menos, são especiais: o desfile de modas surrealista apresentado pela primeira dama (Annie McEnroe) ao som de "Shopping is a Feeling" e a parada da "Celebração das Especialidades", com os blocos da brigada dos cortadores de grama e do futuro, representada por uma multidão de crianças e suas mães.

Deborah Peleias

pelo Vaticano a Boff, além de algumas missas. Um documentário só para a comunidade católica, se tanto. *J.A.J.*

AVENTURA

BATMAN ●●●
(Batman, EUA, 1989)
Direção: Tim Burton. Com Jack Nicholson, Michael Keaton, Kim Basinger, Jack Palance. Warner.

O filme mais esperado do ano passado, 40 milhões de dólares envolvidos na produção, legiões de fãs inquietos, um marketing perfeito... mas um fiasco, muito aquém da mais humilde expectativa. Batman, como todo super-herói, tem sua característica básica relacionada à ação, e isso o roteiro parece ter esquecido — apesar de os produtores afirmarem que levaram dez anos "aperfeiçoando" tal componente. O que salta aos olhos é o cuidado técnico das filmagens, principalmente a criação de Gotham City — talvez os argentinos tenham encontrado o melhor adjetivo para o cenário, traduzindo o nome da localidade para "Ciudad Gótica". Desta vez, nosso herói está envolvido numa das tantas tramas do Coringa, que inclui em seu plano maquiavélico o assassinato em massa usando como arma inofensivos cosméticos. Na verdade, o Coringa é a única coisa que realmente tem vida em todo o filme, elegendo a diversão como meta a ser atingida. Batman, inexplicavelmente — ou nem tanto —, tornou-se macambúzio com a troca de Robin por Kim Basinger. *J.A.J.*

GANG DA LOBA ●●●
(Women on Wheels, EUA, 1988)
Direção: David O'Malley. Com Paul Le Mat, Eileen Davidson, Robert Miano. Transvídeo.
Na Europa, Rômulo e Remo, alimentados por uma loba, deram origem a Roma. Nos EUA, mais precisamente no Estado de Iowa, a mesma combinação (no caso, uma mulher adotada por uma loba) acabou gerando uma violenta gangue feminina de motociclistas, liderada por She Wolf (Eileen Davidson), que barbariza a cidadezinha onde vivem. Por outro lado, a guerra do Vietnã dá poderes paranormais a Bruce (Paul Le Mat), que lidera a contraparte masculina e boazinha, que enfrentará as vilãs. Um filme cheio de referências cinematográficas e históricas (em certo ponto, acontece um duelo medieval em que os motoqueiros fazem as vezes de cavaleiros), que não abre mão da comédia para contar a saga de She Wolf na criação de uma nova nação de mulheres, selvagens e livres. O roteiro um pouco confuso não tira a graça das situações e consegue dar bom termo à história. *J.A.J.*

SUSPENSE

APRENDIZ DE ASSASSINO ●●
(Apprentice to Murder, EUA, 1987)
Direção: R. L. Thomas. Com Donald Sutherland, Chad Lowe, Mia Sara, Rutyana Alda. Transvídeo.
Na Pensilvânia de 1927, um adolescente (Chad Lowe) empregado num curtume transforma-se em pupilo de um curandeiro local, o Dr. Reese (Donald Sutherland). Começando com a alfabetização, pela leitura da lei de Talião, e passando por desenhos de hexagramas cabalísticos, Billy Kelly é introduzido no mundo do ocultismo. Tudo vai bem até que Lars Hoeglin, um eremita, é identificado com o demônio. Desgraças, incêndios e mortes se sucedem, acompanhados pela incredulidade de Alice, namorada de Billy e uma operária inacreditavelmente liberada para a época. Apesar do roteiro mal amarrado, em que os personagens parecem sem história pessoal ou desaparecem sem explicação, e da direção pouco segura, que deixa os atores meio perdidos em cena, o filme consegue prender a atenção. Principalmente pelas caretas hilárias de Sutherland; como um canastrão tarimbado, suas cenas de possessão são de fazer inveja. *J.A.J.*

TERROR

MÁSCARA MORTAL ●●
(Masque of the Red Death, EUA, 1989)
Direção: Larry Brand. Com Adrian Paul, Clare Hoak, Jeff Osterhage, Tracy Reiner, Patrick McNee. Vídeo Arte.

Um exemplar da verdadeira enxurrada de adaptações de histórias de Edgard Allan Poe realizadas no ano passado, envolvendo Roger Corman (que aqui figura como produtor), George Romero, Dario Agento, Stuart Gordon. Essa é só a primeira, e não chega a decepcionar. O conto de Poe em que o filme se baseia é curtíssimo; na verdade, a *Conquista Sangrenta*, de Verhoeven, é sua outra matriz, não creditada. Um príncipe medieval, à espera de que a peste dizime seu reino, sela os portões do castelo, onde se isola com os nobres e com as mais belas aldeãs das proximidades... Julgando que celebra a vida e derrota a morte, o príncipe Próspero se entrega, na verdade, a uma espiral crescente de arbitrariedades e perversões, que nem o amor por uma casta camponesa (a bela Clare Hoak) consegue evitar. Mas a morte, na figura de um homem misterioso, vem a cavalo... Filme um tanto lento, um tanto amador, mas simpático em seu resultado final. *A.A.*

PARADA

Os mais alugados

1 ***Rain Man*** (Warner)
2 ***Irmãos Gêmeos*** (CIC)
3 ***Uma Cilada para Roger Rabbit*** (Abril Vídeo)
4 ***Conspiração Tequila*** (Warner)
5 ***O Grande Dragão Branco*** (América)
6 ***Cuidado com as Gêmeas*** (Abril Vídeo)
7 ***Os Fantasmas Contra-Atacam*** (Warner)
8 ***Um Agente na Corda Bamba*** (Warner)
9 ***Nas Montanhas dos Gorilas*** (Warner)
10 ***Acusados*** (CIC)

Fontes: OMNI, Rentacom, Real Vídeo, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Hobby Vídeo, Univídeo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ); Vídeo Service (DF); Scorpios, Star Vídeo (GO)

FICÇÃO

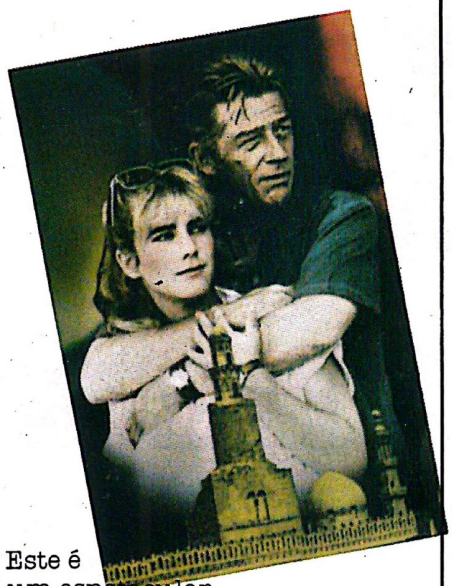
O INCRÍVEL HOMEM QUE DERRETEU ●●
(The Incredible Melting Man, EUA, 1978)
Direção: William Sachs. Com Alex Rebar, Burr DeBenning, Myron Healey, Ann Sweeney. Globo Vídeo.
Trash de estimação. Um astronauta, de volta à Terra depois de uma desastrosa missão entre os anéis de Saturno, começa a derreter. Enlouquecido, foge da quarentena da NASA e ataca pessoas nos campos, criancinhas brincando, um fotógrafo pornô e sua modelo recalcitrante, um casal de velhinhos safados. Incríveis mesmo são a trilha sonora de Arlon Ober e os efeitos especiais de Rick Baker. Charme anos 50 com um leve tempero psicodélico. De bônus, Jonathan Demme numa ponta. *A.A.*

JOHN HURT

está
COM AS HORAS CONTADAS

DEADLINE

A revolução em AWAD
no Oriente Médio
faz mais uma vítima,
e coloca um repórter inglês
(John Hurt) num turbilhão
de intrigas e perigos.



Este é
um espetacular
filme de ação com JOHN HURT
(O HOMEM ELEFANTE,
O EXPRESSO DA MEIA-NOITE,
ALIEN, 1984)
e a espetacular loira
IMOGEN STUBBS.
COM AS HORAS CONTADAS,
é uma estória atual,
marcada por conspirações
e muito suspense.

Uma distribuição
AB INTERNACIONAL VÍDEO LTDA.

AB Vídeo
Rua Traipu, 260 - casa 8
Perdizes
01235 - São Paulo SP
Telefone: (011) 825-5599
Telex: (011) 1121014 ABVI-BR

CARTAS

Novo Visual, Novo Caderno

SET está cada vez melhor. Prova disso é a edição "A Guerra dos Efeitos Especiais", em que há mudanças gráficas no acabamento e a inclusão do caderno de Vídeo & Equipamentos, sem falar nas reportagens e na seção "Takes", que estão ótimos.
Everton de Mello
(Belo Horizonte — MG)

A edição n.º 12, ano 3, está simplesmente fantástica. As mudanças editoriais são despretensiosas, objetivas e práticas, e só contribuíram para embelezar a revista e facilitar sua consulta. A seção Vídeo & Equipamentos era a única coisa que faltava para confirmar SET como a melhor revista do gênero no país.
Vitor Luiz Andrade
(Belo Horizonte — MG)

Parabéns pelo novo visual de Vídeo & Equipamentos.
Fábio de Faria Lima
(Rio de Janeiro — RJ)

Sou fanático por publicações relativas a cinema e vídeo e em especial pela SET, que está 100% melhor após abordar os temas ligados a equipamentos e vídeos.
Cesar Monteiro
(São Gonçalo — RS)

Apesar de dinamizar o conteúdo da revista, acho que o novo caderno de Vídeo & Equipamentos fugiu um pouco dos objetivos de SET, que seriam os de cinema; além disso, as matérias são muito extensas.
Róger Vigley Girardi
(Osório — RS)

Até a edição n.º 11, ano 3, tive um grande prazer em ler a SET. As mudanças feitas na edição n.º 12, ano 3, foram 100% favoráveis, mas o novo caderno Vídeo & Equipamentos é uma negação. Por que roubar 8 ou 10 páginas da "minha" revista para falar da técnica do videocassete? Para mim, SET é uma revista exclusivamente para adoradores de cinema.
Francisco T. Oliveira
(Maceió — AL)

Os Melhores da Década

A edição n.º 12, ano 3, de SET cometeu um erro, pois não poderia ainda neste número publicar o artigo "Os Dez Melhores da Década". De acordo com o historiador Francisco Iglésias, a década de 80 só acabará em dezembro de 1990.
Daniel Luiz Guimarães
(Itaúna — MG)

Se *Touro Indomável*, de Martin Scorsese, foi lançado em 1980, é impossível que figure como o quarto melhor filme da década, que só começou em 1981. Lamentável o 12.º lugar para *Era Uma Vez na América*, de Sérgio Leone. Igualmente lamentável a ausência de *Brazil*, de Terry Gilliam, entre os vinte melhores. Outro aspecto desfavorável é o novo caderno de Vídeo & Equipamentos. Em compensação, a nova estrutura gráfica da revista está ótima.
Paulo Morganti Alcaraz
(Porto Alegre — RS)

O cinema da década de 80 fundamentalmente não se ligou à busca de novas formas de expressão; foram anos de efeitos especiais, continuações e excesso de fantasia. Todavia, mesmo sem a renovação de conteúdo, algumas obras chegaram à sua máxima perfeição. Não é à toa que restritas listas dos "dez melhores", ainda que de forma limitada, superam a quase futilidade e tornam-se significativas, pois revelam a própria essência do cinema de uma década pouco criativa. Não concordo, no entanto, com a escolha pessoal de SET. Fiquei decepcionado, por exemplo, com os votos insatisfatórios de Luiz Nazário (do qual leio com necessidade "Tempos Modernos"), Amir Labaki e Eugênio Bucci, só para citar profissionais de linguagem inteligente, que parecem que optaram pelas mais profundas trevas das fitas de celulóide. Surpresa agradável foi a posição tomada por Paulo Capuzzo e Antonio Querino Neto (prometo de agora em diante lê-los com mais eficácia).
Antonio Maron
(São Paulo — SP)

No box "Os Oscar da Década" da matéria "Os Melhores da Década" (n.º 12, ano 3), quem recebeu o Oscar de melhor ator em 1980 foi Dustin Hoffman e não Robert De Niro.
Pedro Benevides
(Brasília — DF)
As datas do box se referem ao ano em que os filmes foram veiculados nos cinemas e, conseqüentemente, premiados no ano seguinte.

O Segredo da Capa

Desta vez SET superou as expectativas em altíssimas conotações. É o caso do belo trabalho de Ana Maria Bahiana na matéria sobre *O Segredo do Abismo*, com depoimentos fascinantes.
Charles de Souza Siqueira
(Belo Horizonte — MG)

Muito me decepcionou o sr. Eugênio Bucci com sua crítica imatura a *O Segredo do Abismo*. Além de destruir o denso roteiro com um resumo grosseiro, é um absurdo que ele assista a um filme tentando achar semelhanças com outros, em vez de observar suas qualidades e defeitos.
Alexandre Negrão Paladini
(São Paulo — SP)

Parabéns pelo novo visual da revista (n.º 12, ano 3). Já era bom, ficou melhor. Gostei da matéria "Dez Filmes

em Dez Anos". Só lamento a não inclusão de pelo menos um filme da trilogia *Indiana Jones*. Não gostei do trato que teve o filme *O Segredo do Abismo*, na minha opinião um grande filme por seus efeitos especiais. Na mesma edição, às páginas 48 e 73, são dadas duas datas de nascimento do Robert Mitchum — 1917 e 1919. Qual é a correta?
Giuseppe G.M. Gozzi
(São Bernardo do Campo — SP)

Você tem razão, falha nossa. Pedimos desculpas. A data correta é 1917.

A qualidade da revista SET é inegável, mas a maneira como certos filmes são tratados por alguns de seus críticos é simplesmente injusta. Por exemplo, fiquei surpresa ao assistir a *O Segredo do Abismo*, pois tirou-me, literalmente, o fôlego. Talvez o sr. Eugênio Bucci devesse assisti-lo sem seus "pré-conceitos" de crítico de cinema, e sim como uma pessoa qualquer. James Cameron provou ser um visionário de grande sensibilidade e imaginação. Me pergunto se só podemos gostar de um filme quando este é um grande sucesso de bilheteria lá fora, como é o caso do catastrófico *Batman*. Tenho certeza de que *O Segredo...* será lembrado como um grande filme, assim como acontece com *Os Eleitos* (de Philip Kauffman), honorável desconhecido do grande público.
Keila Scott
(Ribeirão Preto — SP)

Na matéria sobre o filme *O Segredo do Abismo*, à página 36, edição n.º 12, ano 3, lê-se que o mar artificial usado no filme foi permanentemente escurecido por uma camada de plástico opaco para aumentar o realismo das tomadas. Na verdade, como mostrado no programa *Cinemania*, da Rede Manchete, o plástico não foi suficiente para dar o realismo exigido. A solução encontrada foi a utilização de milhares de bolinhas por cima do plástico estendido sobre o tanque, diminuindo ao máximo a claridade natural.
Cristiane Zakimi C. Pinto
(São Paulo — SP)

Adorei a matéria sobre os filmes *Caçafantasmas II*, *De Volta para o Futuro II* e *O Segredo do Abismo* (n.º 12, ano 3). Elas estão ótimas. Adorei também o novo visual de SET. Vocês capricharam demais. Parabéns.
Marcelo Ap. Nunes Duarte
(Santo André — SP)

Os filmes *Caçafantasmas II*, *De Volta para o Futuro II* e *O Segredo do Abismo* só aparecem na edição n.º 12, ano 3, depois de estarem em cartaz nos cinemas. Gosto de ler sobre o filme antes de assisti-lo, pois do contrário é tempo perdido. Outra coisa, *ET — o Extraterrestre* é cotado como um dos melhores filmes de todos os tempos, e por que não está entre os dez melhores da década? Parabenizo-os pela ótima reportagem sobre o ator Robert Mitchum.
Sérgio Mascoricz Burkot
(Curitiba — PR)

Fiquei muito decepcionada com a crítica ao filme *De Volta para o Futuro II*. Na minha opinião, vocês deveriam ter dado uma maior cobertura a este filme, desvendando, por exemplo, os seus efeitos especiais.
Marisa Flávia Felicíssimo
(Belo Horizonte — MG)

Acho Ana Maria Bahiana a melhor correspondente estrangeira atualmente. É um prazer ler suas reportagens por causa do seu toque irônico, pessoal e emotivo. Mas me decepcionei com sua crítica a *De Volta para o Futuro II*. Particularmente, adorei o filme a ponto de assisti-lo seis vezes.
Edney Rocha de Oliveira
(São Gonçalo — RS)

Al Pacino

Não poderia deixar de parabenizar Ana Maria Bahiana pela entrevista espetacular com Al Pacino (n.º 11, ano 3).
Evely Adriana de Lima
(Goiânia — GO)

Michael Douglas

Parabenizo SET pela entrevista com o magnífico Michael Douglas (n.º 11, ano 3).
Cristiane Ribeiro Berro
(Viamão — RS)

Cinema Brasileiro

Gosto da seção de cartas de SET e sempre tem alguém reclamando que a revista é muito pobre em questão de cinema brasileiro. Isso me irrita profundamente porque em primeiro lugar o cinema brasileiro praticamente não existe (Os Trapalhões e a Xuxa são nossos *Indiana Jones* e *Batman* — infelizmente é assim), e em segundo porque SET publica muita coisa sobre cinema nacional. Na minha opinião, publica até demais.
Fernanda Veras
(Belo Horizonte — MG)

Luar sobre Parador

Protesto contra a cotação "ruim" que o filme *Luar sobre Parador* recebeu da sigla MN na edição n.º 11, ano 3. Esse crítico colocou a obra de Mazursky ao lado de filmes como *Alugam-se Moças* e *Elas Só Transam*, também cotados como "ruim" na mesma edição. O filme pode não ser excelente, mas é um bom divertimento, mostrando o talento cômico de Dreyfuss e a sensualidade de Sonia Braga. Merecia ao menos a cotação "regular".
Glademar Sobczak
(Eldorado do Sul — RS)

CA TV
ELETRÔNICA

Não perca tempo nem dinheiro. Conheça agora mesmo os preços da 1.ª loja de acessórios para TV, Game, Vídeo da rua mais agitada do mundo.

LINHA ANTENA
- Antena Externa VHF e UHF.
- Antena Interna Latôa Cromado.
- Conversor de UHF.
- Acessórios para instalação.

DEPARTAMENTO DE INSTALAÇÃO

LINHA VÍDEO CASSETE
- Capas para todos os modelos.
- Cabos para vídeo-TV.
- Conecções para vídeo-TV.
- Fitas Verbatim VHS

LINHA VÍDEO GAME
- Cartucho com 4 jogos.
- Joystick Anatômico.
- Peças para reposição de Joystick.
- Vídeo Game.

- Suportes para TV e Vídeo.
- Mesa para TV e Vídeo (Rack)

ATACADO E VAREJO
Rua Santa Ifigênia - N.º 44
CEP 01207 Consulte-nos
TEL (011) 229-5877

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sílvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson P. Gomes (executivo), Alex Antunes, Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Auxiliar de Prod. Editorial: Marcelo de Castro
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Produção: Maria Amélia Azevedo
Diagramadores: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Atendimento ao Leitor: Lilian Araújo
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Jader de Oliveira (Londres), Adilson Nunes (Paris) e Celso Fioravante (Milão)
Colaboradores
Críticos: Amir Labaki, Antonio Querino Neto, Edmar Pereira, Inimá Simões, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo
Texto: César Garcia Lima, David Ratcov, Fred Botelho, Isa Mara Lando (tradução), Isabella Rocha e Silva, Jorge A. de Jesus, Konrado Netto dos Reis, Márcia R. de Godoy, Ricardo Cota, Roberto Cattani, Rogério de Campos, Wagner Almeida Silva.
Arte: Marcelo Paton Viola
Fotografia: Carlos Mancini, Mauro Hollanda, Rui Mendes
Ilustração: Luiz Gustavo
Revisão e Preparação de Textos: Marcos D. Agathão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor - SP: Oswaldo Maffei Jr.
Gerente - SP: Donato A. Ponzio Jr.
Contatos: Iracema Gil, Ricardo Mateoli, Rosângela Cassílio, Maria do Carmo Barbosa.
Diretor - RJ: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Paulo Mesquita, Eduardo Barros
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: Print Sul (0512) 23-9528, (0482) 33-7622
Centro-Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 — Brasília — DF
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Serviços Editoriais
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 20 de março a 28 de abril.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

Filmoteca

Achamos um absurdo o filme *Procura-se Susan Desesperadamente* figurar ao lado de *A Doce Vida* (de Fellini), *O Sacrifício* (de Tarkovski) e *No Decorrer do Tempo* (de Wenders) na seção *Filmoteca*. Nós, amantes do cinema, não admitimos que tal "clip" ocupe o espaço merecido a outras obras.
Maria Cristina Barbosa, Andrea Carla Alves, Virgínia Barbosa e Helder de Barros Vital
(Recife — PE)

Quem é o Melhor?

Batman e *Indiana Jones e a Última Cruzada* podem até ser os campeões de bilheteria da atualidade, mas acho que ambos não merecem tanto sucesso. Para mim os melhores filmes do ano foram *Máquina Mortífera II* e *Caçafantasmas II*.
Adalto Ferreira Calado
(Ji-Paraná — RO)

Cartas contra Cartas

Estou indignado com o critério seletivo adotado na seção *Cartas* desta revista. Esse espaço dos leitores vem expressando um alto grau de parcialismo e concomitantemente assumindo um caráter narcisista, onde exaltam-se os elogios e bajulações e suprimem-se as críticas ou queixas de eventuais leitores. Na edição n.º 12, ano 3, houve simplesmente seis cartas elogiosas e apenas uma crítica. Uma proporção um tanto quanto injusta.
Alessandro Garcia Silva
(Santos — SP)

Garantimos que não há critérios parciais na publicação de cartas. Tanto é assim que até a sua foi escolhida para figurar nesta seção.

Pingüim

Não gostei de saber, através da seção *Takes*, que o papel de Pingüim será de Dustin Hoffman e não mais de Danny DeVito, pois este ator se encaixa direitinho ao papel. Hoffman não tem a aparência e nem a personalidade para assumir um personagem de tão grande importância.
Robinson Siqueira
(Campo Alegre — SP)

Sexta-feira 13, 7 e 8

Gosto de SET mas sou contra o preconceito que vocês têm com a série *Sexta-feira 13*. É verdade que ela não é nenhuma obra-prima, mas foram lançadas a 7.ª e 8.ª partes e vocês nada comentaram sobre elas.
Nataniel dos Santos Gomes
(Rio de Janeiro — RJ)

O Vento não Levou

Na ficha de cine e vídeo de *...E o Vento Levou*, na edição n.º 3, ano 3, há um pequeno engano nas "Notas". Ela diz que Selznick começou a filmar o formidável incêndio em Atlanta queimando cenários antigos da Metro, inclusive os de *Ben-Hur*. Como pode ser se *...E o Vento* é de 1939 e *Ben-Hur* de 1959?
Márcio Bagatin
(Curitiba — PR)
A nota se refere à produção muda de Ben-Hur, *de 1926, dirigida por Fred Niblo.*

Correio entre os Leitores

Compro ou troco material sobre os filmes *A Hora do Pesadelo* e *Sexta-feira 13*. Para troca, tenho grande material de cinema e também quero me corresponder com fãs de Freddy e Jason. Endereço: rua Andradina, 543, Santo André — SP (CEP 09060)
Marcelo Nunes Duarte

Troco pôster e fotos do ator Tom Cruise, como de vários outros, por pôsteres, matérias e fotos de Michael J. Fox. Endereço: rua Moisés Bonetti, 158, Viamão — RS (CEP 94400)
Cristiane Ribeiro Berro

Sou fã dos filmes dos gêneros terror e suspense e gostaria de me corresponder com fãs-clubes desses gêneros. Endereço: rua José Veríssimo, 78, Duque de Caxias — RJ (CEP 25020)
Marco Adriano da Silva

Troco material sobre Tom Cruise, Rob Lowe e Sylvester Stallone por reportagens ou fotos do ator Rutger Hauer. Endereço: rua Brasílio Itiberê, 2664, Curitiba — PR (CEP 80230)
Raquel

Quero me corresponder com pessoas que curtam Matthew Broderick, Michael J. Fox, Tom Cruise, Ken Wahl, Charlie Sheen, Andrew McCarthy e Johnny Deep. Endereço: rua Iguaçu, s/n.º, Itanhaém — SP (CEP 11740)
Adriana Firmino Siqueira

Compro a coleção completa de SET em excelente estado de conservação, incluindo as fichas de cine e vídeo. Endereço: rua Militino Martins, 4 - 67, Baurú — SP (CEP 17053)
Liseu Kaiti

Desejo me corresponder com pessoas que curtem Sean Connery, Steve Martin, Jack Nicholson, Steven Spielberg, Christopher Lloyd, William Hurt, Sigourney Weaver, Robin Williams, Woody Allen e Richard Dreyfuss. Endereço: av. Rio Branco, 434, Santa Rosa — RS (CEP 98900)
Fábio Augusto Steyer

Troco fotos e reportagens sobre os atores Harrison Ford e Tom Cruise por material de Michael J. Fox. En-

dereço: rua Taquari, 55, Londrina — PR (CEP 86025)
Renata Zaninelli

Quero entrar em contato com alguém que tenha gravado os seguintes filmes da TV: *Rebeca, a Mulher Inesquecível, Amar Foi Minha Ruína, Intermezzo — Uma História de Amor, Flor de Cactus, O Velho e o Mar* e *Núpcias de Escândalo.* Endereço: av. Dr. Ricardo Jafet, 573, São Paulo — SP (CEP 04260)
Waldemar Ribeiro

Troco vasto material de *Batman* por material do filme *Cemitério Maldito.* Endereço: rua Joaquim Mendes Prado, 253, São Paulo — SP (CEP 03379)
Fabiano Alves

Troco reportagens sobre o ator Rob Lowe por material de Ken Wahl, do seriado *O Homem da Máfia.* Endereço: Caixa Postal 3243, Fortaleza — CE (CEP 60320)
Edilberto de Ataíde Gusmão

Compro pôsteres das séries *Sexta-feira 13* e *Hora do Pesadelo* e dos filmes *De Volta para o Futuro I* e *II* e *Caçafantasmas I* e *II.* Endereço: rua Joaquim Rodrigues de Oliveira, 1384, Limeira — SP (CEP 13480)
Márcio Alexandre Liessi

Compro pôsteres, fotos ou qualquer reportagem sobre o cantor e ator Sting. Endereço: av. N.ª S.ª de Copacabana, 876, apto. 906, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22060)
Patrícia Albuquerque

Coleciono material sobre cinema e gostaria de me corresponder com pessoas para troca. Endereço: rua 2 de Julho, 286, Vitória da Conquista — BA (CEP 45100)
Ferdinando Willi Flick

Compro qualquer reportagem ou pôster do ator Michael J. Fox. Endereço: alameda Ponte Alta, 155, Mineiros do Tietê — SP (CEP 17320)
Miriam Dutra

Compro qualquer reportagem ou pôster dos filmes estrelados pela ator Pierre Brice. Endereço: Caixa Postal 1225, Cuiabá — MT (CEP 78000)
Heliana Segadas Vianna

Compro as edições de n.º 1, 9 e 15 de SET até pelo dobro do preço de banca. Endereço: rua Lassance, 982, Belo Horizonte — MG (CEP 31050)
Alessandro Bonsucesso da Silva

Fã-clubes

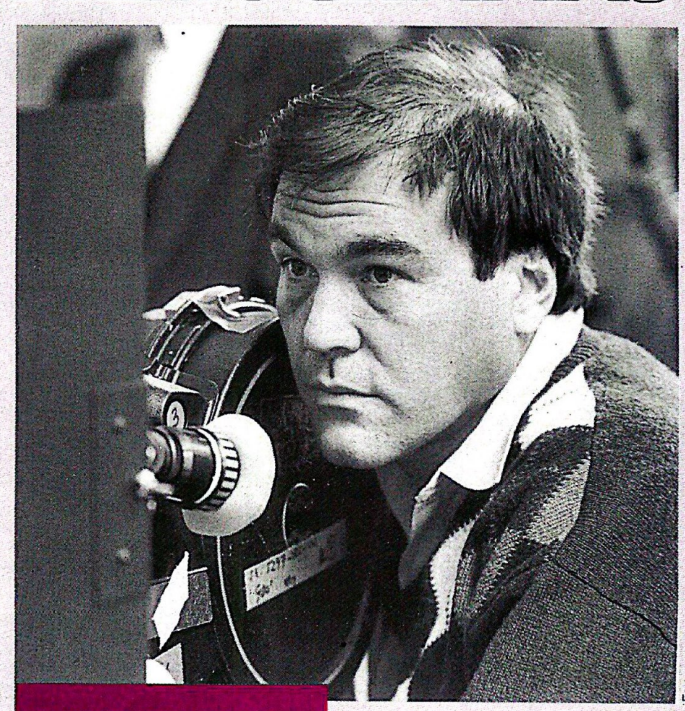
Sou fã do ator Richard Gere e gostaria de entrar em contato com alguém que tenha reportagens, fotos e pôsteres de seus filmes. Endereço: Estrada do Campinho, 1112, rua F, 144, Campo Grande, Rio de Janeiro — RJ (CEP 23070)
Aurélia Alonso Britto

Gostaria de me corresponder com todos os fãs de Steven Spielberg, George Lucas e Robert Zemeckis. Endereço: rua João Andreolli, 3580, Campos do Jordão — SP (CEP 12460)
Ricardo Luiz Aoki

Li na edição n.º 1, ano 3, uma reportagem sobre a fabulosa atriz Rita Hayworth. Gostaria de entrar em contato com algum fã-clube da estrela. Endereço: rua Dr. Jorge Tibiriçá, 158, Itatiba — SP (CEP 13250)
Silvia Amélia Godoy

Cartas para Diretor da SET, av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

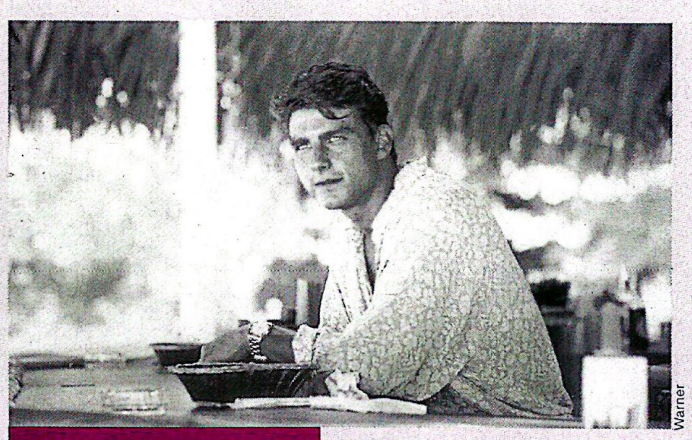
FILMOGRAFIAS


Fox

OLIVER STONE

Nascido em 15 de setembro de 1946, em Nova York.

1974: SEIZURE ■ 1978: *O EXPRESSO DA MEIA-NOITE *(*The Midnight Express,* de Alan Parker, roteirista) ■ 1981: THE HAND (diretor, ator e roteirista) ■ 1982: *CONAN, O BÁRBARO *(*Conan, The Barbarian,* de John Millius, co-roteirista) ■ 1983: *SCARFACE (de Brian De Palma, roteirista) ■ 1985: *O ANO DO DRAGÃO *(*The Year of the Dragon,* de Michael Cimino, co-roteirista); ■ 1986: MORRER MIL VEZES *(*8 Million Ways to Die,* de Hal Ashby, co-roteirista); *SALVADOR, O MARTÍRIO DE UM POVO *(*Salvador,* diretor e co-produtor); PLATOON (diretor e roteirista) ■ 1987: WALL STREET (diretor e ator) ■ 1988: *TALK RADIO — VERDADES QUE MATAM *(*Talk Radio,* diretor e co-produtor) ■ 1989: NASCIDO EM 4 DE JULHO *(*Born on the Fourth of July,* diretor e co-produtor) ■ 1990: BLUE STEEL (co-produtor)


Warner

TOM CRUISE

Nascido Thomas Cruise Mapother IV em 3 de julho de 1962, em Syracuse, Nova York, EUA.

1981: AMOR SEM FIM *(Endless Love,* de Franco Zeffirelli); TOQUE DE RECOLHER *(Taps,* de Harold Becker) ■ 1983: *PORK 3 *(Losin'it,* de Curt Hanson); VIDAS SEM RUMO *(Outsiders,* de Francis Ford Coppola); *NEGÓCIO ARRISCADO *(Risky Business,* de Paul Brickman); ALL THE RIGHT MOVES (de Michael Chapman) ■ 1984: A LENDA *(Legend,* de Ridley Scott) ■ 1985: * ASES INDOMÁVEIS *(Top Gun,* de Tony Scott) ■ 1986: * A COR DO DINHEIRO *(The Color of Money,* de Martin Scorsese) ■ 1988: * COCKTAIL (de Roger Donaldson); * RAIN MAN (de Barry Levinson) ■ 1989: NASCIDO EM 4 DE JULHO *(Born on the Fourth of July,* de Oliver Stone) ■ 1990: DAYS OF THUNDER (de Tony Scott).

* Disponivel em video

A mais bela face de Eva

Ava Gardner (1922-1990)

MGM

Tem certos sons que você só ouve num Sony a laser.

Produzido na Zona Franca de Manaus.

Escute em alto e bom som o instrumento que você nunca notou em sua sinfonia preferida.

Compact Disc Player da Sony. O som livre de ruídos e chiados. Controle remoto de 28 funções. Para você programar a distância sua seleção musical. Program Edit, RMS, Shuffle Play, Music Calendar e Função Repeat.

É a tecnologia Sony evoluindo para satisfazer até aos ouvidos mais sensíveis.

Compact Disc Player Sony. O melhor do som ao vivo em sua casa. Qualquer que seja a música. E também o instrumento.

THE SOLID GOLD COLLECTION

A coleção Solid Gold da CBS você ouve melhor num Sony.

COMPACT DISC PLAYER

SONY

LÍDER MUNDIAL EM DIGITAL AUDIO.

Se caçar fantasmas já é difícil, imagine quando os problemas são monstros!!!

trans VIDEO

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO COM O CINEMA! LANÇAMENTO SI

São Paulo - Rua Estados Unidos, 627 - Tel.: (011) 887-5488 - Cep 01427 **Rio de Janeiro** - Av. Rio Branco, 257 - Sl. 202 - Tel.: (021) 220-0462

criarte